"Correndo para alcançá-Lo"

Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação

Rimini 2014

"Correndo para alcançá-Lo"

Exercícios da Fraternidade
de Comunhão e Libertação

Rimini 2014

Tradução de José Maria de Almeida e revisão de Isabella Santana Alberto.

Na capa: Eugène Burnand, *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, 1898. Museu d'Orsay, Paris.

"O Papa me encarregou de lhes trazer a sua saudação, a sua saudação afetuosa, o seu encorajamento, e de lhes dizer que sabe que pode realmente contar com vocês para essa conversão pastoral no sentido missionário, a qual chama toda a Igreja na Evangelii Gaudium*, o documento que foi definido como 'programático' deste pontificado. Uma missionariedade que encontra o seu sentido na atração."*

***Cardeal Pietro Parolin**, Secretário de Estado de Sua Santidade*
Da saudação antes da bênção final. Sábado, 5 de abril de 2014

Sexta-feira, 4 de abril, noite

Na entrada e na saída:
Ludwig van Beethoven, Sinfonia n. 7
Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker
"Spirto Gentil" n. 3, Deutsche Grammophon

■ INTRODUÇÃO
Julián Carrón

"Correndo para alcançá-Lo".[1] A quem de nós não agradaria estar aqui esta noite com a mesma face− toda aberta, toda tensa, toda desejosa, plena de admiração − de Pedro e João a caminho do sepulcro, na manhã da Páscoa?[2] Quem de nós não desejaria estar aqui com essa tensão buscando Cristo, como vemos nas faces deles? Com o coração pleno daquela espera de encontrá-lo de novo, de revê-lo, de ser atraído, fascinado como no primeiro dia?

Mas quem de nós espera verdadeiramente que possa acontecer algo assim? Como eles, nós também temos dificuldade de dar crédito ao anúncio das mulheres, dificuldade de reconhecer o fato mais desconcertante da história, de dar-lhe espaço dentro de nós, de hospedá-lo no coração para que nos transforme. Nós também, como eles, sentimos a necessidade de sermos novamente agarrados, para que desperte em nós toda a saudade de Cristo.

Peçamos juntos ao Espírito Santo que desperte em cada um de nós a espera, o desejo d'Ele.

Ó Vinde Espírito Criador

Bem-vindos!

Saúdo cada um de vocês aqui presentes e todos os amigos que estão conectados conosco de diversos países e todos os que vão fazer, depois, os Exercícios nas próximas semanas.

Dois fatos marcaram a nossa caminhada juntos nos últimos meses: a Jornada de Início de Ano e a minha audiência com o Papa Francisco.

---

[1] *Fil* 3,12.

[2] Ver o quadro de Eugène Burnand (1850-1921): *Os discípulos Pedro e João correm ao Sepulcro na manhã da Ressurreição*, óleo sobre tela, 1898, Museu d'Orsay, Paris.

Na Jornada de Início de Ano, colocamos, como tema, duas perguntas: "Como se faz para viver? O que estamos fazendo no mundo?". Ao nos fazermos essas perguntas, naquela ocasião, vimos que aquilo de que mais precisamos é nos tornarmos cada vez mais uma presença original, não reativa. Dom Giussani nos recordava: "Uma presença é original quando brota da consciência da própria identidade e da afeição por ela, e nisso encontra a sua consistência".[3]

Desde então, passaram- se vários meses, fomos desafiados por muitos eventos. O que aconteceu diante das provocações das quais o real não nos poupou? Estes dias são uma ocasião preciosa para ver qual foi a verificação que fizemos da proposta. O golpe desses desafios fez emergir a nossa originalidade? Verificamos a nossa consistência, ou nos deixamos levar pela mentalidade de todos, não conseguindo ir além de uma posição reativa?

A audiência com o Papa Francisco, cujo conteúdo foi retomado na carta que em seguida enviei à Fraternidade, colocou em evidência, desde o primeiro instante, o que mais importa ao Santo Padre como pastor de toda a Igreja. Não me parece supérfluo retornar sobre isso no início dos nossos Exercícios.

O que mais importa ao Papa? Ele nos disse com seu modo sintético: a nova evangelização, a urgência de "despertar no coração e na mente dos nossos contemporâneos a vida de fé. A fé é um dom de Deus, mas é importante que nós, cristãos, mostremos que vivemos de modo concreto a fé através do amor, da concórdia, da alegria, do sofrimento, porque isso suscita perguntas, como no início do caminho da Igreja: por que eles vivem assim? O que os move? […] [O] coração da evangelização […] é o *testemunho* da fé e da caridade. Aquilo de que necessitamos, especialmente nestes tempos, é de testemunhas críveis que, com a vida e também com a palavra, tornem visível o Evangelho, despertem a atração por Jesus Cristo, pela beleza de Deus. […] É necessário cristãos que tornem visível aos homens de hoje a misericórdia de Deus, a sua ternura por cada criatura".[4]

Portanto, o que mais importa ao Papa é a missão: "A nova evangelização é um movimento renovado rumo àqueles que perderam a fé e o sentido profundo da vida. Este dinamismo faz parte da grande missão de Cristo, de anunciar a vida ao mundo, o amor do Pai pela humanidade. O Filho de Deus 'saiu' da sua condição divina e veio ao nosso encontro. A

[3] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, Ed. Bur, Milão 2006, p.52.
[4] Francisco, *Discurso aos participantes da Plenária do Pontifício Concílio pela Promoção da Nova Evangelização*, 14 de outubro de 2013, 1.

Igreja encontra-se no interior deste movimento, e cada cristão é chamado a ir ao encontro do seu próximo, a dialogar com aqueles que não pensam como nós, com aqueles que seguem outro credo ou que não têm fé. É preciso encontrar a todos, pois todos temos em comum o fato de termos sido todos criados à imagem e semelhança de Deus. Podemos ir ao encontro de todos, sem medo e sem renunciar à nossa pertença".[5]

O Papa identificou com clareza também o método: o apelo ao essencial. Ir "até as periferias da existência", escreve, "exige o empenho […] que chame ao essencial e que esteja *bem centrado no essencial, isto é, em Jesus Cristo*. Não adianta perder-se em muitas coisas secundárias e supérfluas, mas se concentrar na realidade fundamental, que é o encontro com Cristo, com a sua misericórdia, com o seu amor, e amar os irmãos como Ele nos amou"; isto "nos impulsiona também a percorrer caminhos novos com coragem, sem nos fossilizarmos! Poderíamos perguntar-nos: como é a pastoral das nossas dioceses e paróquias? Ela torna visível o essencial, ou seja, Jesus Cristo?".[6]

Na carta após a audiência, eu escrevi: "Peço-lhes que acolham como dirigida a nós – especialmente a nós que nascemos somente para isto, como testemunha toda a vida de Dom Giussani – a pergunta do Papa Francisco: cada um de nós, cada comunidade do nosso Movimento, 'torna visível o essencial, isto é, Jesus Cristo'?".[7] Diante das circunstâncias históricas através das quais o Mistério desafiou cada um de nós, tornamos visível o essencial, ou nos perdemos em tantas coisas secundárias e supérfluas?

Com o seu apelo ao essencial, o Santo Padre nos indica para onde ele olha a fim de responder ao desafio de viver hoje a fé no nosso mundo. O apelo ao essencial é uma indicação de método crucial.

Por isso, a questão fundamental é: o que, para nós, é o essencial? O essencial é o que responde à pergunta sobre como se faz para viver. O que é o essencial para cada um de nós? Nenhuma pergunta é mais pertinente do que essa para o início dos nossos Exercícios, justamente pela sua radicalidade. "Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará um e amará o outro, ou se afeiçoará a um e desprezará o outro."[8] Essa frase de Jesus nos indica que cada um de nós só pode afirmar uma coisa como última, de tanto que a unidade do eu humano é indiscutível. Por

[5] *Idem*, 2.
[6] *Idem*, 3.
[7] J. Carrón, *Carta à Fraternidade de Comunhão e Libertação*, 16 de outubro de 2013.
[8] *Mt* 6,24.

isso, diante da provocação do viver, cada um é obrigado a decidir o que realmente importa em última instância. O choque das circunstâncias não nos deixa saída, obriga-nos a desvelar a coisa mais cara que possuímos.

Como podemos surpreender, sem erro, o que é, para nós, o essencial? O método sempre nos foi ensinado por Dom Giussani: surpreendendo-nos em ação, na experiência. "Porque os fatores constitutivos do humano são percebidos [e nos tornamos conscientes deles] quando estão empenhados na ação, de outro modo, não são encontráveis […]. Quanto mais alguém está comprometido com a vida, tanto mais percebe também, em cada experiência, os próprios fatores da vida. A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência, produzindo nela problemas em variada medida. O problema nada mais é que a expressão dinâmica de uma reação diante dos encontros. A vida é, portanto, uma trama de problemas, um tecido de eventos reativos aos encontros provocantes, pouco ou muito provocantes. O significado da vida – ou das coisas mais pertinentes e importantes da vida – é um ponto de chegada possível somente para quem leva a sério a vida, seus acontecimentos e encontros, isto é, para quem está comprometido com a problemática da vida. Estar comprometido com a vida não significa um compromisso exasperado com um ou outro de seus aspectos: o compromisso com a vida nunca é parcial. O compromisso com um ou outro aspecto da vida, se não for vivido como derivação de um compromisso global com a própria vida, correrá o risco de tornar-se uma parcialidade desequilibrante, uma fixação ou uma histeria. Lembro um pensamento de Chesterton: 'O erro é uma verdade que enlouqueceu'". Por isso, "a condição para poder surpreender em nós a existência e a natureza de um fator sustentador e decisivo como o senso religioso é o compromisso com a vida inteira, na qual tudo está compreendido: amor, [trabalho], estudo, política, dinheiro, até a comida e o repouso, sem nada esquecer – nem a amizade, nem a esperança, nem o perdão, nem a raiva, nem a paciência. Dentro de cada gesto está o passo em direção ao próprio destino".[9]

Então, o que acontece quando alguém se empenha com todos os fatores da vida, com a vida inteira? Que quanto mais a pessoa vive, mais aparece diante dos seus olhos qual é a natureza da sua necessidade. E quanto mais descobrimos as nossas exigências, mais percebemos que não as podemos resolver sozinhos, nem podem fazê-lo os outros, homens como nós, pobres como nós: "O sentimento de *impotência* acompanha cada experiência séria de humanidade. É este sentimento de impotência que gera

[9] L. Giussani, *O senso religioso*, Ed. Universa, Brasília 2009, pp. 62-63.

a *solidão*. A solidão verdadeira não provém do fato de estar fisicamente só, mas sim da descoberta de que um problema fundamental nosso não pode encontrar resposta em nós ou nos outros. Pode-se perfeitamente dizer que o sentimento da solidão nasce exatamente no coração de cada sério empenho com a própria humanidade".[10]

Justamente este sentimento de impotência, no qual consiste ultimamente a solidão e do qual cada um de nós faz experiência na vida, é o que precisa encontrar resposta. Sem essa resposta, todo o resto é distração.

Estamos sós com a nossa necessidade, o que depois foi documentado em muitas perguntas que emergiram nestes meses. Bem, se esta é a nossa situação, o que nos permite ficar de pé? Em outras palavras: o que é o essencial de que precisamos para viver como homens, segundo toda a profundidade da nossa exigência? O que é *para nós* o essencial? Não há outro modo de colher o que é essencial para nós a não ser surpreendendo, na experiência, de onde nós esperamos a resposta à necessidade do viver.

Pode ser fácil, e até mesmo óbvio pela educação que recebemos, responder de imediato que para nós o essencial é Cristo, a presença de Cristo. Porém, não podemos nos safar assim tão facilmente. Uma resposta mecânica não basta. De fato, muitas vezes, observando-nos em ação, devemos nos render à evidência de que o essencial, para nós, está em outro lugar.

O critério para descobri-lo nos é dado pelo Santo Evangelho: "Onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração".[11] Abre-se aqui a distância entre a intenção de que Cristo seja o essencial da vida e a surpresa de que muitas vezes, na experiência, não é bem assim. Aqui emerge a diferença entre intenção e experiência. Podemos descobrir, então, que, mesmo em boa fé, o essencial se tornou outra coisa e não é mais Cristo; e tendemos para outra coisa, talvez até em nome daquele essencial que continua, de qualquer modo, a ser citado em nossos discursos.

É decisivo captar o que estamos dizendo para não reduzir logo tudo ao problema dos nossos erros ou das nossas fragilidades quotidianas, das nossas incoerências morais. Quando se sublinha a distância entre intenção e experiência, o tema não é, antes de tudo, a coerência, não é quantas vezes erramos, mas o que nos define até quando erramos; ou seja, o tema é o conteúdo da autoconsciência, qual é o real ponto de consistência, o que nós efetivamente perseguimos e amamos na ação, o que é para nós o essencial. De fato, podemos ser incoerentes e sermos centradíssimos no essencial, como a

[10] L. Giussani, *O caminho para a verdade é uma experiência*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2006, pp. 105-106.
[11] *Mt* 6, 21.

criança – de que tantas vezes nos falou Dom Giussani –, que apronta todas, enlouquece a mãe mil vezes ao dia, mas, no centro do seu olhar, não há nada mais do que a mãe. Ai se a levam para longe da mãe! Berra, se desespera.

Por isso, a defasagem entre intenção e experiência não tem nada a ver com a discrepância entre teoria e aplicação, mas indica que o conteúdo de consciência e de afeição, "de fato", se tornou um outro, além da coerência-incoerência ética. É como dizer que, sem perceber, muitas vezes nos deslocamos, orientamos o nosso olhar para outro lado, estamos centrados em um outro (o essencial não foi negado, mas se transformou num *a priori*, num postulado que ficou para trás e não define quem somos, não define a nossa identidade pessoal e o nosso rosto hoje no mundo).

A nossa história demonstrou isso, de modo particularmente evidente, em alguns momentos, como veremos amanhã. Basta, agora, recordar o que Dom Giussani nos disse, como destacamos na Jornada de Início de Ano: "O projeto tinha substituído a presença"[12], sem que tivéssemos percebido.

O que nos permite olhar isso, olhar tudo, até mesmo os erros, até mesmo essa falta de autoconsciência, sem medo, livres da tentação de se justificar? (como os publicanos, que iam a Jesus porque só com Ele podiam ser eles mesmos, sem negar nada de si; por isso O procuravam, por isso tinham necessidade de voltar para Ele: para finalmente poderem ser eles próprios). A certeza da Sua aliança, a certeza de que Ele tomará também os nossos erros como ocasião para nos fazer descobrir a Sua diversidade, quem é Ele. A certeza desse amor define a aliança que Deus fez conosco, como lembra o profeta Isaías: "Assim diz o Senhor: 'No tempo da graça eu te escutei, no dia da salvação eu te ajudei. Eu te guardei e te coloquei como aliança entre o povo, para reergueres o país, para devolveres as propriedades arrasadas, para dizeres aos cativos: 'Saí livres!', aos presos em cárcere escuro: 'Vinde para a luz!' Por todo o caminho terão o que comer, em qualquer chão seco poderão se alimentar; jamais terão fome ou sede, sol ou calor não os atingirá, pois Aquele que deles se condoeu é que vai conduzindo este povo, Ele os guia para as fontes de água. Transformarei minhas montanhas em caminhos, vão surgindo os aterros de minha estrada. E uns, então, vêm do oriente; outros, do norte; outros, do lado do mar e outros, da terra de Assuã.' Dá louvores, ó céu! Fica feliz, ó terra! Montanhas, soltai gritos de louvor, pois o Senhor vem consolar seu povo, mostrar ternura para com seus pobres".[13]

---

[12] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 64.
[13] *Is* 49,8-13.

Contudo, apesar dessa preferência, nós desafiamos o Senhor com as nossas conversas fiadas: "Sião disse: 'O Senhor me abandonou, o Senhor se esqueceu de mim'".[14] Quantas vezes pensamos assim! A essa provocação, Deus poderia reagir como nós, com a costumeira reatividade, enfurecendo-se; mas Ele nos surpreende sempre com uma presença toda original, irredutível. Em vez de se deixar determinar pelas nossas conversas fiadas, por aquilo que dizemos d'Ele ou pensamos, aproveita a ocasião para mostrar mais uma vez a Sua diversidade, desafiando a nossa razão de um modo desconcertante: "Por acaso uma mãe se esquece do seu filho, não se comove uma mulher com o filho do seu ventre? Mesmo que ela se esquecesse, eu não te esquecerei jamais".[15]

O que seria da nossa vida se não pudéssemos ouvir uma vez mais essas palavras! Essa é a Sua fidelidade, que nos permite olhar tudo, que nos permite deixar entrar a Sua própria presença na vida, a única que pode reduzir cada vez mais a distância entre a intenção e a experiência, porque nos torna possível uma experiência de unidade do viver como aquela que experimentavam os publicanos encontrando Jesus. Por isso voltavam para Ele, como nós voltamos, esperando ouvir "aquela palavra que […] me libertou", "por aquela esperança que Ele havia suscitado em nós".[16]

É esta a unidade de vida que todos desejamos: "O adulto é quem alcançou a unidade de vida, uma consciência do seu destino, do seu significado, uma energia de adesão".[17] É o que todos desejamos: essa unidade de vida. Só assim poderemos ser verdadeiramente nós mesmos, e a nossa presença poderá ser útil para nós e para os outros. Como recordava Dom Giussani a certa altura da nossa história – foi em 1977 –, "nestes últimos anos passados, nós fomos verdadeiramente vítimas da presunção do Movimento como panaceia para a Igreja e para a Itália. Mas […] se o Movimento não for a experiência da fé como solucionadora, como iluminadora das minhas problemáticas, também não pode ser uma proposta para os outros",[18] dizia Dom Giussani. Por isso desejava que a fé se tornasse uma experiência e nos ensinou sempre que o caminho para adquiri-la não é outro senão a personalização da fé. "'É chegado

[14] *Is* 49, 14.
[15] *Is* 49, 15.
[16] Cf. C. Chieffo, "Ballata del'uomo Vecchio" e "Il monologo di Giuda", *Canti*, Società Cooperativa Ed. Nuovo Mondo, Milão 2014, p. 218 e p. 230.
[17] Fraternidade de Comunhão e Libertação (FCL), Arquivo histórico do Movimento de Comunhão e Libertação (AMCL), fasc. CL/81, "Conselho, 18/19 de junho de 1977".
[18] FCL, AMCL, fasc. CL/85, "Centro, 17/11/77. Síntese".

o momento da personalização […] do acontecimento novo que nasceu no mundo, do fator de protagonismo novo da história, que é Cristo, na comunhão com aqueles que o Pai lhe entregou'. […] Giussani sublinha que é um problema de experiência: 'A primeira coisa em que temos que nos ajudar é confirmar que o princípio de tudo é a experiência […]. O conceito de experiência é provar julgando'."[19]

Sem que a fé se torne experiência pessoal, não existe a missão, e acabamos nos tornando pretensiosamente juízes de tudo. Porque a proposta passa através da minha humanidade mudada, e "o ímpeto da missão é uma gratidão, caso contrário é uma presunção".[20] Isto faz entender que hoje a única posição adequada é o testemunho, como nos lembra o Papa. A razão ainda é Dom Giussani que nos recorda: "Numa sociedade como esta, não se pode criar nada de novo a não ser com a vida: não há estrutura, nem organização ou iniciativa que permanece. É só uma vida diferente e nova que pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, tudo, enfim. E a vida é minha, irredutivelmente minha".[21] Esta frase é belíssima!

É preciso a vida! Não basta a dialética. No entanto, há quem pense que o testemunho, isto é, a vida, a experiência do viver, seja uma escolha de "renunciadores", intimista, uma justificação da falta de empenho. Não há nada mais errado. O testemunho é, na realidade, a escolha mais exigente, porque requer um empenho mais totalizante do que qualquer outra opção. Exige tudo de nós, não só um retalho de tempo que decidimos dedicar a um projeto qualquer. O testemunho é para pessoas que querem viver à altura da própria humanidade, requer que se esteja presente com todo o nosso ser ao encontrar o outro, levando-lhe uma novidade vivida de modo tão radical que ele possa despertar em toda a sua humanidade, de homem para homem. "Deus salva o homem através do homem"[22], como lemos na Escola de Comunidade. É preciso toda a minha humanidade. É necessária toda a dor da nossa amiga Natascha [de Bolonha] frente ao seu filho para fazer nascer uma nova seção de patologia neonatal. Não basta uma conferência *pro life*. O testemunho não é se colocar à margem ou retirar-se da batalha: exige o empenho de toda a minha humanidade: energia, afeição, inteligência, tempo, unidade do

[19] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, Ed. Rizzoli, Milão 2013, p. 762.
[20] FCL, AMCL, fasc. CL/85, "Centro, 17/11/77. Síntese".
[21] "Movimento, 'regra' de liberdade", por O. Grassi, *Litterae Communionis CL*, novembro de 1978, Milão, p. 44.
[22] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2012, p. 153.

viver. Bem diferente de espiritualismo! Bem diferente de delegar a algum especialista a solução da nossa vida!

Por isso, insistir na personalização da fé é insistir no ponto-chave de onde pode surgir aquela diversidade que nos torna presença, capazes de um testemunho original na sociedade. Quem não sente a necessidade disso? Nós podemos viver a responsabilidade à qual nos chamou o Papa somente se não considerarmos óbvio o sujeito (isto é, que somos testemunhas apenas pelo fato de dizê-lo), mas aceitarmos percorrer aquele caminho que nos tornará testemunhas segundo o desígnio que Deus quiser. O Movimento é o que ajuda a isso e basta – diz Giussani –: ajuda você a ser você mesmo.

"O caminho para a verdade é uma experiência". Sempre foi assim. "No conceito de desenvolvimento está em jogo a própria vida pessoal de Newman. Isso me parece evidente na sua célebre afirmação, dentro do famoso ensaio sobre *O desenvolvimento da doutrina cristã*: 'Aqui na terra viver é mudar, e a perfeição é resultado de muitas transformações'". É Ratzinger que o cita e prossegue: "Newman foi, ao longo de toda a sua vida, uma pessoa que se converteu, que se transformou, e desta forma permaneceu sempre ele mesmo, e tornou-se sempre mais ele mesmo. Vem-me à mente a figura de Santo Agostinho, tão semelhante à figura de Newman. Quando se converteu no jardim perto de Cassiciaco, Agostinho tinha compreendido a conversão ainda segundo o esquema do venerado mestre Plotino e dos filósofos neoplatônicos. Pensava que a vida de pecado passada estivesse agora definitivamente superada; o convertido seria, daquele momento em diante, uma pessoa completamente nova e diferente, e o seu caminho seguinte teria consistido numa contínua subida para as alturas mais puras da proximidade de Deus, algo como o que descreveu Gregório de Nissa em *De vita Moysis:* 'Precisamente como os corpos, logo que recebem o primeiro impulso para baixo, mesmo sem ulteriores estímulos, afundam-se por si mesmos… também, mas em sentido contrário, a alma que se liberta das paixões terrenas, se eleva constantemente ao de cima de si com um movimento veloz de ascensão… num voo sempre em direção ao alto'. Mas a experiência real de Agostinho era outra: ele teve que aprender que ser cristão significa, ao contrário, percorrer um caminho sempre mais cansativo com todos os seus altos e baixos. A imagem da ascensão é substituída com a de um *iter,* um caminho, de cujas fadigosas asperezas nos confortam e amparam os momentos de luz que, de vez em quando, podemos receber. A conversão é um caminho, uma via que dura a vida inteira. Por isso, a fé é sempre *desenvolvimento,* e, precisamente assim,

maturação da alma para a Verdade, que 'nos é mais íntima de quanto nós o somos para nós mesmos'".[23]

Essa maturidade acontece por meio de todas as circunstâncias da vida: "O mundo, com todos os seus terremotos, é instrumento de chamado de atenção de Deus para a autenticidade e a verdade da vida, para todos, mas, em particular, para o cristão, que é como a sentinela no campo do mundo". Às vezes esses terremotos nos desconcertam. É normal, como nos lembra Dom Giussani: "No fundo, como lei, não podemos evitar estar perdidos. 'O mundo rirá, e vós chorareis'".[24]

Tudo o que dissemos nos torna conscientes da nossa necessidade. Essa consciência é decisiva para um gesto como este que estamos para começar. Porque os Exercícios da Fraternidade são mesmo um gesto. Por isso, além da palestra ou da assembleia, são também silêncio, canto, oração, pedido sobretudo. Ao participar de um gesto como este, podemos reduzi-lo, e cada um escolhe, segundo o próprio critério, do que participar ou o que seguir de todo o pacote! Como se nós fôssemos ao médico, mas decidíssemos, nós mesmos, qual remédio tomar. Ao contrário, quanto mais somos conscientes da nossa necessidade, tanto mais tudo o que viveremos nestes dias, todo o sacrifício que faremos, se tornará um grito, um grito para que o Senhor tenha piedade de nós. Peçamos!

---

[23] J. Ratzinger, *Discurso por ocasião do centenário da morte do Cardeal John Henry Newman*, 28 de abril de 1990.

[24] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", *Passos-Litterae Communionis*, abril de 2008, p. 31.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Sab 2,1.12-22; Sl 33 (34); Jo 7,1-2.25-30

HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO

Neste segundo capítulo do *Livro da Sabedoria* é descrita, com extrema precisão, a dinâmica pela qual tudo se concentra numa hostilidade em relação a Cristo: ele que "se gloria de ter a Deus por pai. Vejamos se suas palavras são verdadeiras". Não entraríamos na verdade profunda da nossa vida se não reconhecêssemos aquela que a Escola de Comunidade chama de "instintiva resistência" a Cristo, verdadeiro Deus, verdadeiro homem. Essa nossa resistência não se manifesta em rebelião aberta. Antes, assume a forma daqueles que diante de Jesus diziam: "Esse aí nós sabemos de onde é, nós o conhecemos". A resistência – em relação à qual é preciso vigiar, mendigar, aprender – é aquela de quando nós já sabemos e não sentimos mais a necessidade de nos deixar agarrar. Frente a essa, que é a forma mais insidiosa de resistência, porque sufoca a sede de felicidade e a consciência de ser em tudo dependentes do Pai, Cristo responde justamente com o laço que Ele tem com o Pai: fundamento da Sua irredutibilidade. "Não vim por mim mesmo, mas quem me mandou é verdadeiro. Eu o conheço, porque venho dele". Nós que o encontramos esperamos conhecê-Lo não pelo que já sabemos, mas pelo que agora, nestes dias, recebemos d'Ele. Nós, que assim como somos desejamos correr para apanhá-Lo, se formos leais, se formos humanos conosco mesmos, sabemos muito bem que precisamos nos agarrar a Ele. E isso tem uma forma humana: é um lugar, é uma história, é uma presença humana, com um rosto e uma voz.

Sábado, 5 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Wolfang Amadeus Mozart, Concertos para piano e orquestra em ré menor n. 20, K 466
Clara Haskil, piano
Igor Markevitch – Orchestre des Concerts Lamoureux
"Spirto Gentil" n. 32, Philips

Padre Pino. "Vou prosseguindo para ver se o alcanço, pois que também já fui alcançado por Jesus Cristo."[25]

Angelus

Laudes

■ **PRIMEIRA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

O essencial para viver

1. O essencial: esse primeiro sobressalto no coração

"Se olho no fundo dos teus olhos ternos, me esqueço do mundo com todo o seu inferno."[26] É possível que olhar no fundo dos olhos possa fazer esquecer o inferno? Para poder compreender essa frase, é preciso ter visto brilhar nos olhos de uma pessoa o Ser que a faz existir agora. Para que o inferno não se apague só sentimentalmente, é preciso que os olhos vibrem de uma maneira tal que não me deixem ficar na aparência da vibração, mas que eu seja impulsionado a ver, nessa vibração dos olhos, o Ser que os

[25] *Fil* 3,12.
[26] V. Heredia, "Ojos de cielo", *Canti,* op. cit., pp. 295-296. *"*Se eu olho no fundo dos teus olhos ternos, me esqueço do mundo com todo o seu inferno. Eu me esqueço do mundo e descubro o céu quando me mergulho nos teus olhos ternos. Olhos de céu, olhos de céu, não me abandone em pleno voo. *Olhos de céu, olhos de céu*, toda a minha vida por esse sonho. Se eu me esquecesse do verdadeiro, se eu me afastasse do mais sincero, teus olhos de céu me fariam recordar, se eu me afastasse do verdadeiro. *Olhos de céu, olhos de céu*… Se o sol que me ilumina se apagasse um dia e uma noite escura tomasse a minha vida, teus olhos de céus me iluminariam, teus olhos sinceros, meu caminho e guia. *Olhos de céu, olhos de céu…"*

faz vibrar assim. Muitas vezes ficamos na aparência. Basta pensar no que aconteceu conosco enquanto cantávamos a canção. Apagou-se o inferno dos nossos olhos? Apagaram-se os nossos medos, a nossa incapacidade, a nossa impotência, o medo do nada que se apresenta sempre, e de novo, na nossa vida? Se não aconteceu nada disso, ficou somente o contragolpe sentimental e, portanto, não durará muito; significa que nós não captamos a razão última do que acabamos de cantar, não participamos daquela experiência que fez nascer o canto. Ao invés, se participei, terei tido a experiência de descobrir "o céu quando mergulho nos teus olhos ternos". É só desse mergulho que pode surgir toda a súplica: "Olhos de céu, olhos de céu, não me abandone em pleno voo".

"Se eu me esquecesse do verdadeiro", se, então, não estivesse em condição de ver a verdade das coisas, "se eu me afastasse do mais sincero…" do que eu teria necessidade? De que os teus olhos me lembrem disso. Mas ainda mais: "Se o sol que me ilumina se apagasse um dia, e uma noite escura tomasse a minha vida", se nos encontrássemos na obscuridade total, do que eu teria necessidade? "Que os teus olhos de céus me iluminem", porque "teus olhos sinceros […] são para mim caminho e guia". Quando foi a última vez, em nossa vida, que olhando nos olhos, até nos das pessoas mais amadas, nos aconteceu isso? Não como "poesia", não como "literatura", não como puro sentimentalismo! Como fato, como experiência vivida, porque aí está todo o método.

Quando eu era professor do ensino médio, costumava dar este exemplo: se uma criança fosse com os pais ao parque de diversões, seria tomada por todas as atrações que via diante de si, cada coisa seria fantástica e ela não deixaria de dizer: "Veja, papai! Veja isto!", completamente atraída. Cada atração seria um choque, cada coisa que visse a entusiasmaria. Mas se, num momento de distração, se separasse dos pais e se visse sozinha no meio da confusão das pessoas, da massa da multidão, o que aconteceria? Tudo o que ela tinha diante de si, com toda a sua beleza, se transformaria numa ameaça e ela começaria a chorar. Tudo está ali como antes, as atrações são as mesmas de antes, mas a criança chora, não lhe interessa mais nada do que vê. Tudo se tornou um inferno. O que a faria esquecer de repente o inferno? Bastaria que voltasse a encontrar os seus pais, e tudo se reconstruiria, porque na relação com eles voltaria a ver a realidade como ela é.

As palavras do canto, então, não expressam um sentimentalismo, mas descrevem algo de real: se cada um de nós não pudesse continuamente encontrar um olhar, uma relação, não estaria em condição de olhar corretamente a realidade. Se, por um momento, eu me separasse de você,

companheiro do viver, eu não veria mais a realidade, seria uma noite escura, como no exemplo da criança. Mas se "uma noite escura dominasse a minha vida", do que eu teria necessidade? Precisaria de "olhos de céu" que a iluminassem, de um olhar, de uma relação.

"Para aliviar esse pesado fardo dos nossos dias, essa solidão que todos temos, ilhas perdidas, para evitar essa sensação de perder tudo",[27] do que eu necessito? "Só preciso de que tu estejas aqui com os teus olhos claros". Mas quais são esses olhos claros? Quais olhos claros a pessoa precisa encontrar para não ter a sensação de perder tudo? De que olhos claros eu preciso para vencer a solidão que todos vivemos? De que olhos claros eu preciso para estar contigo "sem perder o anjo da nostalgia"? Isso é realmente impressionante, porque, na maioria das vezes, estar com o outro equivale a perder a nostalgia. É preciso, então, que aconteça uma presença que não só não extinga a nostalgia, mas que a inflame, que reacenda o desejo de estar com ela. É possível? "Para descobrir […] a vida", que olhar precisamos encontrar? "Para tomar consciência de que tudo é belo e não custa nada", de que tudo é doado, que olhar precisamos encontrar? "Para descobrir e tomar consciência das coisas",[28] basta qualquer olhar? Não o do marido ou o da mulher, nem o dos amigos, mas só aquele de uma presença capaz de estar diante de todos esses desafios, que documente a experiência de que nada de belo daquilo que acontece na vida será perdido. Precisamos de uma relação que não extinga o fogo da nostalgia, mas que o acenda. Existem esses olhos? Existe na realidade esse olhar?

---

[27] V.Heredia, "Razón de vivir", *Canti*, op. cit., pp. 296-297. "Para decidir se continuo colocando este sangue na terra, este coração que bate seu remendo, sol e trevas. Para continuar caminhando ao sol por estes desertos. Para ressaltar que estou vivo, em meio a tantos mortos. Para decidir, para continuar, para ressaltar e considerar, só preciso que estejas aqui com teus olhos claros! *Ah, fogaréu de amor e guia! Razão de viver minha vida!* Para aliviar esse pesado fardo dos nossos dias, essa solidão que todos temos, ilhas perdidas, para evitar essa sensação de perder tudo, para analisar por onde seguir e escolher o modo. Para aligeirar, para descartar, para analisar e tomar consciência, só preciso que estejas aqui com teus olhos claros! *Ah, fogaréu de amor…* Para descobrir o belo e a luz sem perder distância, para estar contigo sem perder o anjo da nostalgia. Para descobrir que a vida vai sem nos pedir nada e descobrir que tudo é belo e não custa nada! Para descobrir, para estar contigo, para descobrir e tomar consciência, só preciso que estejas aqui com teus olhos claros! *Ah, fogaréu de amor…*"

[28] *Idem.*

"Aconteceu."[29] Aconteceu quando a gente não esperava. Aconteceu um fato na história que introduziu esse olhar para sempre.

Como o sabemos?

Escrevia, há anos, Dom Giussani: "O mais belo pensamento ao qual me entrego há muitos meses é a reflexão, a imaginação do primeiro sobressalto no coração que Madalena experimentou. E esse sobressalto no coração não foi: 'Vou largar todos os meus amantes', mas o encantamento com Cristo. E Zaqueu, o primeiro sobressalto no coração não foi: 'Devolvo todo o dinheiro', mas a surpreendente paixão por aquele homem. [Então,] Que Deus tenha se tornado um de nós, um companheiro, é a gratuidade absoluta, tanto é verdade que se chama graça". A gratuidade mais maravilhosa é que Deus tenha se tornado meu companheiro de caminhada, como o percebeu Zaqueu e como o percebeu Maria Madalena. Por isso, "a sua Presença repercute [em mim,] em nós como espantosa gratidão".[30] Que gratidão por ter um companheiro que alivia o peso dos meus dias, da minha solidão, que liberta da sensação de perder tudo! É por isso que Maria Madalena e Zaqueu foram fisgados, presos. Sentiram-se atraídos, ficaram logo apegados a Ele. Eram uns pobrezinhos como nós, pecadores, feridos pelo viver, mas nada os impediu de serem fisgados, agarrados. Nada impediu o sobressalto no coração deles, que os encheu de ilimitada gratidão. E para esse sobressalto no coração, não foi necessário nada, nenhuma pré-condição. Apenas aconteceu! Basta que aconteça para sermos golpeados e agarrados. Porque é o que deseja cada um de nós, o que a todo instante esperamos. Aquele "arder do coração" enquanto Alguém fala conosco "ao longo do caminho".[31]

O que terá acontecido àquela mulher, Maria Madalena, para não poder subtrair-se ao desejo de buscá-Lo todos os dias, todas as noites? "No meu leito, ao longo da noite, busquei o amor da minha alma",[32] o amado do meu coração.

---

[29] A. Calcanhoto – P. Cavalcanti, "Aconteceu", do CD *A Fábrica do poema*, 1994. "Aconteceu quando a gente não esperava. Aconteceu sem um sino pra tocar. Aconteceu diferente das histórias que os romances e a memória têm costume de contar. Aconteceu sem que o chão tivesse estrelas. Aconteceu sem um raio de luar. O nosso amor foi chegando de mansinho, se espalhou devagarinho, foi ficando até ficar. Aconteceu sem que o mundo agradecesse, sem que rosas florescessem, sem um canto de louvor. Aconteceu sem que houvesse nenhum drama, só o tempo fez a cama, como em todo grande amor."

[30] Retiro dos *Memores Domini* de 24 a 26 de maio de 1985, *pro manuscripto*, p. 15.

[31] Cf. *Lc* 24,32.

[32] *Ct* 3,1.

É assim que o Mistério queima todas as etapas, todas as distâncias, todas as distrações, todos os erros. Nada disso pode impedir que o Mistério se dirija a eles e os encante. Não é sentimentalismo. A ligação que Cristo estabelece com eles não é um sentimentalismo. O sentimentalismo não seria capaz de agarrá-los assim. É um relacionamento que faz com que eles se tornem eles próprios, em que há certamente um contragolpe sentimental, como tudo que entra no nosso horizonte,[33] mas tem uma dimensão que vai além do sentimento, e que nos introduz numa experiência de nós mesmos que nenhum sentimentalismo sequer pode sonhar alcançar.

Não é sentimentalismo, o de Jesus, e nem mesmo é uma censura, uma condenação, um manter-se longe deles, mas é um abraço, uma ternura, uma paixão pela vida deles, através da qual Ele faz com que eles finalmente se tornem eles próprios, a eles que não sabiam o que significaria ser verdadeiramente homens e mulheres. É assim que entra no mundo um modo novo de ser homem, de viver a vida, de estar presente na realidade, um modo que todos – consciente ou inconscientemente – desejam, aspiram, mas que não estão em condição de alcançar com as próprias forças, com a própria imaginação, com a própria energia.

"Com Jesus, entra no mundo a descoberta da *pessoa*".[34] Essa frase da Escola de Comunidade alcança, para nós, nesse tempo, toda a sua dimensão histórica. O cristianismo é um acontecimento, um fato presente, tão presente que se pode tocá-lo com as mãos, como vimos lendo o capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*. Esse capítulo é a documentação, no presente, da existência desses olhos. É o testemunho de Dom Giussani, dois mil anos depois, de que esses olhos ainda existem, presentes no real, do contrário não teria podido escrevê-lo. Olhos irredutíveis a nós, aos nossos sentimentos, às nossas reações, não manipuláveis por ninguém, porque introduzem o olhar de uma Presença totalmente diferente de nós. Somente quem os viu, quem se deparou com eles, pode responder à pergunta decisiva: quem é Jesus?

Só se deixarmos entrar esse olhar, é que poderemos entender existencialmente quem é Jesus. Fazendo experiência – maravilhados – de um "a mais" de humanidade, começamos a entender quem é realmente Jesus. Isso explica por que Maria Madalena e Zaqueu tiveram aquele sobressalto no coração pelo qual se surpreenderam colados em Jesus desde o primeiro dia, como João e André. "De que era feita, psicologicamente, aquela impressão excepcional, aquele maravilhamento inicial? O maravi-

[33] Cf. L. Giussani, "Terceira premissa", em *O senso religioso*, op. cit., pp. 45-58.
[34] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 127.

lhamento inicial era um *juízo* que se tornava imediatamente um *apego*". Era um apaixonar-se sem comparação. "Era um juízo que era como uma cola: *um juízo que os grudava*. Todos os dias passavam demãos de cola e não podiam mais desgrudar! […] Nasce um maravilhamento de estima que faz você se apegar."[35] É um juízo, não um sentimento. Entende-se, então, que toda a vida deles transcorreu na corrida para alcançá-Lo. Mancando, errando mil vezes, mas sem ir embora nunca. É a mesma ternura, única, que, através de Dom Giussani, nos despertou. Nós o tocamos por meio do testemunho dele.

Disso depende quem somos e qual é a nossa incidência histórica.

Imaginemos aqueles pescadores da Galileia que, só com esses olhos novos, chegam a Roma de então, cujo teor de vida todos conhecemos. O que terá prevalecido nos corações deles? O que os preocupava quando chegaram a Roma? E se João e André chegassem agora no nosso mundo, o que predominaria neles? O que seria para eles o essencial? O que teriam em mente para comunicar a todos neste momento, diante dos desafios que se colocam hoje? Teriam como única preocupação aquela que tinham visto em Jesus e, por isso, testemunhariam aquele olhar que lhes investiu, deixariam entrar aquele olhar em cada circunstância e em cada relacionamento.

Nos tempos de Jesus, como agora, o verdadeiro desafio é o surgimento da pessoa. Isso explica a paixão de Cristo pelo homem. Porque ambos – os de então e os de agora – são tempos de "miséria evangélica", e também hoje, como outrora, serve o essencial, o reacontecer, aqui e agora, da Sua presença que gera aquele sobressalto no coração.

Dom Giussani nada mais fez que testemunhar isso. No final da sua vida, resumia com essas palavras no que havia consistido a sua tentativa, o que quis fazer ao longo de toda a sua existência: "Eu não apenas nunca pretendi 'fundar' nada, como considero que a genialidade do movimento que vi nascer é ter sentido a urgência de proclamar a necessidade de um retorno aos aspectos elementares do cristianismo, ou, em outras palavras, a paixão pelo fato cristão enquanto tal, em seus elementos originais, e nada mais."[36] Isso era, para ele, o essencial. O cristianismo é esse acontecimento. O seu sinal é o acontecimento do eu, tornado possível pela experiência de Cristo presente numa humanidade diferente.

"Escrevo-lhe depois do impacto que a participação na Equipe dos universitários de CL de hoje provocou em mim. A primeira coisa que

[35] L. Giussani, "O sim de Pedro", *Passos-Litterae Comunionis*, maio 2000, pp. 23-24.
[36] L. Giussani, "Carta a João Paulo II no 50º aniversário do nascimento de CL", *Passos-Litterae Comunionis*, abril 2004, p. 2.

quero destacar é o fato de ter chegado com uma intervenção preparada que desejava fazer, mas por questões de tempo não foi possível, como para muitos outros; mas trabalhar com você, ver o que estava acontecendo diante dos meus olhos através de outros testemunhos, e o seu olhar paterno para com cada um de nós aprofundou de tal maneira o juízo que eu começava a dar a tudo o que acontecia comigo, que não pude deixar de pensar, enquanto estava ali sentado: 'Mas isso é Cristo acontecendo!'. Estava acontecendo, de fato, aquilo que, na Escola de Comunidade, Dom Giussani chama 'um olhar revelador do humano', ou melhor, um olhar que leva em consideração todos os fatores, um olhar que 'salva' todos os fatores da experiência humana, um olhar que é o maior sinal, como você nos dizia hoje, da presença de Cristo." Para acolhê-Lo, basta sermos crianças: "Na verdade, eu vos digo, quem não acolhe o reino de Deus como o acolhe uma criança, não entrará nele".[37]

No que eu vejo que Cristo aconteceu e que eu O acolhi? Quando os Seus olhos se tornam meus a ponto de poder olhar os olhos de qualquer um até a sua origem, até ver vibrantes, neles, o Ser que os faz.

É um Outro que vive em mim: "Vivendo na carne, participo de um Acontecimento que me torna capaz de uma inteligência nova, mais profunda e mais verdadeira, das minhas circunstâncias. O que quer dizer" – escrevia Dom Giussani – "olhar o rosto de uma jovem segundo a carne? Significa que tudo se reduz a um 'gostei, não gostei'; 'simpatizo, não simpatizo'; 'é difícil, não é difícil'. 'Embora vivendo na carne, vivo na fé' quer dizer, ao invés, que encaro o relacionamento com ela na fé do Filho de Deus, na adesão a Cristo."[38] Cristo como fato presente escancara o meu olhar: não Cristo evocado nominalmente, como um mero nome, mas como fato presente, do mesmo modo que a presença dos pais constitui o olhar da criança, funda o seu modo de ver a realidade. Não bastam os *slogans*, não bastam as estratégias. É preciso que a presença de Cristo determine de tal modo, seja tão real, tão determinante do meu olhar, que eu possa olhar o outro de modo verdadeiro. "E então aquela jovem é, na medida da atração" – Dom Giussani não deixa nada fora – "o sinal através do qual sou convidado a aderir na carne ao ser das coisas, a descer à realidade das coisas, até onde as coisas são feitas."[39] Como nos perdemos quando Ele falta! Se os vejo com a abertura que me dá Cristo presente, os

[37] *Mc* 10, 15.
[38] L. Giussani – S. Alberto – J. Prades. *Generare tracce nella historia del mondo*, Rizzoli, Milão, 1998, p. 77.
[39] *Idem*.

olhos de qualquer pessoa podem apagar o inferno. Mas é preciso fazer a verificação no real.

2. O desafio das circunstâncias e o caminho a percorrer

Quem é Jesus? O que é, para nós, o essencial?

Depois de uma experiência como essa que acabamos de descrever, também nós responderíamos como Pedro à pergunta sobre o essencial.

"Mas vós, quem dizeis que eu sou?"[40] Pedro – explicou recentemente o Papa Francisco – "foi sem dúvida o mais corajoso naquele dia, quando Jesus perguntou aos discípulos: 'Mas vós quem dizeis que Eu sou?'. Pedro respondeu com decisão: 'Tu és o Cristo'. […] Nós também seguramente daríamos a mesma resposta de Pedro, aquela que aprendemos no catecismo: Tu és o Filho do Deus vivo, tu és o Redentor, tu és o Senhor!". Mas, continua o Papa, "quando Jesus começou a explicar o que devia acontecer: 'o Filho do homem devia sofrer', Pedro ficou fora de si. A Pedro certamente não agradava esse discurso. Ele raciocinava assim: 'Tu és o Cristo! Tu vais vencer, e vamos em frente!'. Por essa razão 'não entendia esse caminho' de sofrimentos indicado por Jesus. Tanto que, como narra o Evangelho, 'o tomou à parte' e 'se pôs a censurá-lo.' Estava 'muito contente por ter dado aquela resposta – 'Tu és o Cristo' – que se sentiu [até] com força para censurar Jesus".[41]

Nós também, como aconteceu com Pedro, não fomos poupados dos desafios, depois do sobressalto no coração. Vemos isso em todos os lugares onde há a presença do Movimento. Tão logo dei início à assembleia com os universitários de CL nos EUA, um deles me perguntou: "Como é possível não perder tudo o que de belo acontece na vida?". É a mesma do canto: "Como evitar essa sensação de perder tudo"?[42] No Brasil, uma jovem que trabalha em contato com o sofrimento, num hospital, encorajada pelos seus colegas a distrair-se e a não dar tanta importância à dor, porque uma hora a gente se habitua, perguntava: "Como é possível viver com essa dor desoladora?". Os amigos da Venezuela, desafiados pela situação social e política cada vez mais dramática; os da Argentina, com os dramas históricos do seu passado recente; os do México, onde a violência provoca, num ano, mais mortes

[40] *Mt* 16, 15.
[41] Papa Francisco, *Meditação Matutina*, "Mas vós, quem dizeis que eu sou?", Santa Marta, 20/02/2014.
[42] V. Heredia, "Razón de vivir", *Canti*, op. cit., p. 296.

do que uma guerra; os do Uruguai, onde veem ser legalizada a maconha como resposta ao drama do viver; os dos EUA, desafiados pela gravidade da situação econômica; os amigos da Rússia e da Ucrânia, desafiados pela crise criada com a ocupação da Crimeia; os espanhóis, diante da nova proposta de lei sobre o aborto; ou muitos que vivem em contextos totalmente estranhos ao cristianismo. Aos desafios representados pela crise econômica, pela emergência educativa, pela falta de trabalho, pela progressiva decomposição da sociedade (como se documenta na dificuldade das pessoas casadas de viver o seu relacionamento, pelo desânimo de tantos frente à educação dos filhos e ao mal-estar do viver), acrescentou-se uma outra, que para muitos é ardente, a dos "novos direitos", sintoma de uma profunda mudança cultural e social, de um modo de conceber o homem que hoje se impõe e se difunde cada vez mais. Desafios, enfim, não faltam.

Esses desafios são uma provocação para cada um de nós e para toda comunidade mundo afora. O belo desses desafios é que são desafios comuns, que ninguém pode evitar. E cada um, de fato, está respondendo – nos diálogos com os colegas, com os amigos, em casa –, a essas questões hoje tão ardentes, que têm para nós o valor de nos fazer sair da cova, levando-nos a descobrir o que para nós é o essencial. Porque o essencial, como dizíamos ontem, vem à tona, surpreendendo-nos em ação. E todos podemos nos perguntar, diante de todos os desafios que encontro: na minha resposta, na minha tentativa, o que emergiu, o que eu disse de mim, o que descobri em mim como essencial? O que desejaria dizer? Que resposta dei a todas essas circunstâncias? É urgente esclarecer qual é o modo adequado de estar diante delas.

A primeira coisa a entender é a natureza mesma dessa provocação.

Esses desafios são um chamado para nós, como sempre foram. Diz Giussani: "Sempre foi assim na história da Igreja: o esforço mundano – que chama a atenção para uma urgência ou um aspecto da vida, mesmo quando o faz de maneira facciosa e parcial – provoca, dentro do povo cristão autêntico, a retomada da consciência, a crise e a retomada da consciência. Deus se serve de todas as coisas que acontecem. […] Tudo o que acontece é permitido por Deus para o amadurecimento daqueles que Ele escolheu".[43] Em meio a toda a complexidade da situação, muitos se sentem perdidos, desorientados, e não são poucos os que ficam chocados. E quanto mais sentimos a gravidade dos desafios, tanto mais cresce em nós a urgência de fazer algo, de dar a nossa contribuição, e torna-se cada vez mais urgente a pergunta sobre o que fazer, qual iniciativa tomar.

[43] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 21.

Qualquer que seja a modalidade, com que cada um reagiu a tais provocações, terá podido verificar o que dizia o Papa Francisco a respeito de Pedro: para "responder à pergunta que nós todos sentimos no coração – quem é Jesus para nós? – talvez não seja suficiente o que aprendemos e estudamos no catecismo". Certamente é "importante estudá-lo e conhecê-lo, mas não é suficiente", insistiu o Santo Padre, porque para conhecê-lo verdadeiramente "é necessário fazer o caminho que Pedro fez".[44]

Isso significa que também para nós, assim como para os primeiros, não termina tudo com o sobressalto no coração, pois a vida continua com todas as suas provocações. Também nós podemos responder, como Pedro, à pergunta sobre Cristo, que é como identificar n'Ele o essencial para viver. Mas muitas vezes nós também nos sentimos desviados do essencial, apesar de tê-lo reconhecido. Por isso, sem fazer um caminho, nós nos perdemos como Pedro: "A fé é, além disso, conhecimento ligado ao passar do tempo, necessário para que a palavra seja pronunciada: é conhecimento que se aprende somente em um caminho de seguimento."[45]

A pergunta sobre o essencial não é, então, uma pergunta retórica para nos distrair nesta manhã. É crucial para responder às questões colocadas (Como se faz para viver? O que estamos fazendo no mundo?). Vemos isso quando os desafios mordem a nossa carne e nos impedem de olhá-los "da arquibancada".

"Outro dia" – me contava um amigo espanhol – "íamos juntos a uma das manifestações para defender a tentativa do governo popular da Espanha de fazer uma lei menos favorável ao aborto. Estávamos caminhando junto à manifestação, e eu conversava com um amigo que tem três filhos e se viu inesperadamente aguardando o quarto. As condições eram ótimas: ele ama a esposa, têm um casamento sólido, não têm particulares problemas econômicos, são nossos, são católicos, tudo certinho. E me disse: 'Sabe, o primeiro golpe quando minha mulher veio com o resultado de que estava grávida foi dizer: não é verdade, não pode ser verdade!, porque agora está difícil, não quero, muda um pouco todos os planos…' E me disse: 'Agora estamos caminhando numa manifestação contra o aborto, mas a natureza do protesto, eu a carrego dentro de mim, eu que sou acompanhado, educado, sustentado por uma companhia há vinte anos… O que será para uma jovem sozinha, que não é casada, que não tem dinheiro? O que pensará uma mulher sozinha, ou não sozinha, ou uma jovem de 18

[44] Papa Francisco, *Meditação Matutina*, "Mas vós, quem dizeis que eu sou?", Santa Marta, 20/02/2014.
[45] Papa Francisco, Carta Encíclica *Lumen fidei*, 29.

anos diante de um teste positivo de gravidez? Pensará que como não sabe administrar essa coisa, a destrói, elimina, porque parece mais fácil.' Foi belo porque refletimos longamente, e eu lhe disse: 'Veja, sem essa consciência, é incorreto estar nesta manifestação, porque do contrário defendemos os valores católicos, mas não entendemos o que querem dizer na vida…'".

As provocações não diminuem nem mesmo quando fazemos uma ideia reduzida da necessidade do outro. Aliás, a sua rebelião à nossa tentativa de reduzir o seu desejo torna ainda mais urgente a pergunta: o que estamos fazendo no mundo? "Num grupo de amigos, ajudamos as pessoas a procurar emprego com uma modalidade muito simples: as acompanhando! Com os mais espertos, basta encontrá-los duas vezes e, em seguida, despertado o próprio eu, encontram logo, eles mesmos, o trabalho. Mas os mais problemáticos, os que não são capazes de se mexerem sozinhos, nós os acompanhamos um a um, e ficamos junto por todo o tempo necessário, até que eles encontrem emprego". Porém, nem sempre o encontram. "Entre tantas pessoas que conhecemos, há três anos encontramos uma pessoa deficiente física, de 50 anos, numa cadeira de rodas, acompanhado pela mãe. Durante a conversa, ele nos diz que sabe usar o computador; então eu lhe respondo logo que posso encontrar um trabalho que pode ser feito em casa, mas ele, evidenciando todo o seu eu, me diz que quer sair de casa! A essa altura, eu o abraço, pois tem um coração infinito como o meu, e eu já o tinha reduzido à cadeira de rodas." Através de um detalhe vem à tona toda a natureza da necessidade: aquele homem não se contenta com menos.

Ou aquele moça que escreve para um grupo de amigos contando que, diante da sua prima que lhe diz estar esperando um bebê e que estava tomando as providências para verificar se era sadio, lhe pergunta: "Mas para que serve, no fundo, saber antes se o filho é saudável?". A resposta dela foi glacial: "Se tiver algum problema, eu o jogo fora". Eu o jogo fora! "Foram os minutos mais longos da minha vida. Eu não conseguia pensar em nada, estava imóvel, petrificada, não conseguia falar. Só consegui balbuciar algumas palavras para me despedir. Veio-me uma tristeza inconsolável. E fiquei repensando na *Página Um* […]: 'É possível estar dentro das circunstâncias, com toda a medida humana da dramaticidade da vida, à luz da Escola de Comunidade?' [Esse sobressalto no coração é suficiente para viver, permanece diante de qualquer desafio?]. Aqui cada um de nós faz a verificação, independentemente da opinião que possamos ter, se a resposta que dá à provocação do real é capaz de oferecer verdadeiramente uma resposta, de responder ao problema que me provoca e me desafia'." E a moça concluiu: "Essa é a questão! Essa é a estrada! Na dor, na quantidade de perguntas que se carrega por trás do que eu

lhe escrevi, no desejo de poder estar ainda mais próxima da minha prima de um modo mais humano, total, verdadeiro, humilde e discreto, está o meu desejo de verificar de novo e agora se é verdade, como é verdade, que Cristo é Rocha, única – única! – Pedra angular; se é verdade, como é verdade, a resposta à pergunta: *Quid animo satis?*: *Est Vir qui adest*".

Estes testemunhos nos tornam conscientes do caminho que devemos percorrer. De fato, se não entendemos a dimensão das provocações, se não colhemos todos os fatores em jogo, cometeremos os mesmos erros do passado.

3. Uma luz a partir da nossa história

Para enfrentar os desafios atuais – culturais, sociais, políticos, jurídicos – não partimos do zero. Temos a riqueza de uma história, de um caminho feito na companhia de Dom Giussani. Por isso, para iluminar os desafios atuais, me foi muito útil revisitar alguns momentos da nossa história – o ano de 1968 e os anos seguintes –, em que a provocação e a pressão das circunstâncias foi tão forte que levou muitos a debandar. Naqueles anos, a presença de Dom Giussani se revelou mais uma vez crucial. Surpreendendo-nos em ação, ele nos ajudava a perceber o que, na verdade, era o essencial, apesar das nossas intenções, justamente porque, tomando consciência de todos os fatores, não reduzia – como, pelo contrário, costumamos fazer – as dimensões do problema. Seus juízos constituem gestos de caridade em relação a nós, e ao mesmo tempo fazem emergir diante dos nossos olhos toda a sua autoridade, que nos impedia de ficar desorientados.

Dizia Dom Giussani: "Para mim a história é tudo; eu aprendi com a história",[46] quer dizer, pela experiência. Lendo o livro de Savorana, vamos verificando como isso é verdade. Nem a ele eram poupadas as circunstâncias.

No ano de 1993, é provocado pela intervenção de um universitário, o qual relatava que alguns intelectuais se queixavam de CL, porque CL "era muito melhor antes […] de 1976, quando se lançava nas lutas políticas, quando discutia ideologicamente, quando levava avante um projeto seu, apresentava a proposta de um projeto seu na sociedade, mas agora…", diziam aqueles intelectuais, "está reduzido a uma forma de piedade".[47] Poderão ler isso no próximo livro das Equipes que será publicado em outubro. Para responder a essa provocação, Giussani nos mandou reler um trecho de *Homens sem*

[46] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p.VIII.

[47] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

pátria, de 1982, em que dizia: "Toda a nossa atividade, desde que nasceu Comunhão e Libertação, a partir de 1970, […] tudo aquilo que nós fazemos [que fizemos] é para termos uma pátria, é para termos uma pátria neste mundo". Alguns recordarão a passagem: "Não digo que não seja justo. Digo que o fazemos para termos uma pátria e que esta pátria não a teremos".[48]

Como é que isso aconteceu? Para abordar a interrogação, Giussani volta de novo à história daqueles anos: "Em 1968-69, nós nos encontrávamos como que fora de casa",[49] desnorteados pela ideologia marxista e o seu desejo de libertação. Analogamente, hoje podemos encontrar-nos desnorteados perante as agitações e as novas ânsias de libertação, que, por exemplo, se expressam na reivindicação de novos direitos, todos filhos de 1968. Cada um destes representa uma modalidade, parcial e frequentemente contraditória, mediante a qual se busca uma satisfação para exigências que logo reconhecemos como profundamente humanas: a necessidade afetiva, o desejo de maternidade e de paternidade, o medo do sofrimento e da morte, a busca da própria identidade… Cada um desses novos direitos tem as suas raízes no tecido pelo qual é constituída toda a existência humana. Daí a sua atração. O multiplicar-se dos direitos individuais exprime a expectativa de que o ordenamento jurídico possa resolver os dramas humanos e assegurar a satisfação das necessidades infinitas que habitam o coração humano.

"Como é que o Movimento […] acusou o golpe [deste desejo de libertação de 1968]? Houve uma perda de rumo […] característica de alguém que, percorrendo seu caminho e vivendo uma experiência que lhe é fundamental, é surpreendido por acontecimentos que exigem um nível de flexão, de tradução, de interpretação e de decisão ao qual a sua experiência ainda não chegou."[50]

Perante esta situação, as pessoas perguntavam-se: "'O que devemos fazer?' […]. Um grupinho de três ou quatro universitários apareceu, um dia, […] com um panfleto, o primeiro panfleto 'contrarrevolucionário' que saiu, e talvez por serem quatro não os agrediram dessa vez. O panfleto era intitulado 'Comunhão e Libertação' […]. O que significava este título?".[51]

1) Em primeiro lugar significava que a libertação era também uma exigência do nosso coração. Também nós tínhamos um desejo de libertação: "Havia um fio que nos ligava ao coração de todos, porque gritando 'liber-

[48] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, Ed. Bur, Milão 2008, p. 88.

[49] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

[50] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p 22.

[51] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

tação, libertação' também o marxista exprimia uma exigência do coração, ainda que confusa, obscurecida, dilapidada por um discurso ideológico. Mas era um desejo do coração".[52]

2) Em segundo lugar, aquele título significava que a libertação pertencia ao anúncio cristão: Cristo é o libertador. De fato, "Cristo se fez conhecer como o libertador do homem. É o conceito de Redentor: Cristo redentor quer dizer Cristo libertador". A libertação não pode vir "do esforço humano; […] não podem mudar com as suas forças, a libertação no mundo unicamente pode vir de algo que já é livre. O que já é livre neste mundo? Algo que não é apenas deste mundo, que está neste mundo, mas não é apenas deste mundo, vem de fora, de longe: Cristo é o libertador. Mas Cristo, agora, onde está? […] Cristo torna-se presente por meio da companhia daqueles que O reconhecem".[53]

Mas viver a novidade trazida por Cristo na pertença à Igreja, no Movimento como sinal de mudança, não parecia bastante. Construir a comunidade cristã parecia insuficiente para a dimensão do desafio, era preciso "fazer alguma coisa". E a imagem deste "fazer" era ditada pela posição dos outros: tratava-se de uma iniciativa igual e contrária à dos outros – contrária enquanto inspirada nos princípios cristãos.

Qual foi, então, a modalidade de resposta à perda de rumo? "A perda de rumo é superada repentinamente, por vontade de intervir."[54] "Fizemos", diz Dom Giussani, "uma infinidade de iniciativas", a mais relevante foi a grande assembleia no Palalido, "tomados pelo frenesi de fazer, de conseguir realizar respostas e operações em que pudéssemos demonstrar aos outros que, agindo segundo os princípios cristãos, se fazia melhor do que eles. Só assim também nós poderíamos ter uma pátria".[55]

Tentou-se, pois, superar a perda de rumo com uma vontade de intervir, de operar, de agir, com um "jogando-se de cabeça no seguimento do mundo",[56] num esforço e numa pretensão de mudança das coisas com as próprias forças, exatamente como os outros.

E o que aconteceu? Aconteceu um deslocamento, com consequências imprevisíveis. Sem nos darmos conta, aconteceu, diz Giussani, "a passagem de uma matriz para outra, […] minimizando e tornando o mais abstrato possível o discurso e o tipo de experiência de que a pessoa participa-

[52] *Idem*.
[53] *Idem*.
[54] L. Giussani, "La lunga marcia della maturità", op. cit., p. 62.
[55] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.
[56] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 24.

va antes". Deste modo "realiza-se uma redução ou um esvaziamento da densidade histórica do fato cristão, […] minimizando seu alcance histórico, 'esvaindo-o', tornando-o o mais vazio possível enquanto incidência histórica".[57] São todas palavras suas. Em suma, tudo o que se estava vivendo então na pertença ao Movimento (a educação recebida, a caritativa, a presença quotidiana em escolas e universidades, a resposta às diversas necessidades) estava como que esvaziado, não era estimado o suficiente: era preciso fazer outra coisa diferente para mostrar que nós também estávamos interessados na sorte do mundo, que, precisamente enquanto cristãos, sabíamos dar uma contribuição mais resolutiva, que tínhamos um projeto e uma práxis melhores. Esta posição, enfim, definiu a maior parte daqueles que ficaram, não só os que decidiram ir embora.

Essa redução da densidade histórica do fato cristão não se produz sem consequências. Vejamos como Dom Giussani as expõe.

"Em primeiro lugar: 'Uma concepção eficaz do empenho cristão, com tons de moralismo'. Mais que tons: uma redução completa a moralismo! Por que deveríamos continuar ainda a ser cristãos? Porque o cristianismo impele você a agir, impele você a se empenhar, e tão somente isso! […] O cristão só continua a ter o direito de permanecer no mundo na medida em que se lança na ação mundana: é o cristianismo ético […]. Diante da necessidade do mundo, elabora-se uma análise dessa necessidade, uma teoria para responder a ela e a resposta a ser dada, de acordo com essa teoria. Toda a aposta recai sobre a medida humana, Cristo não interessa; interessa, mas num nível além do tempo e do espaço; é uma inspiração moral, que está além do tempo e do espaço, 'transcendente'." [58]

"Segunda consequência – esta é a mais grave –: a incapacidade de 'culturalizar' o discurso, de levar a própria experiência cristã até o nível em que ela se torna juízo sistemático e crítico, passando, portanto, a sugerir formas de ação. É a experiência cristã sem o seu potencial de incidência no mundo, pois uma experiência só deixa marcas no mundo quando alcança uma expressão cultural." [59]

"Terceira consequência: o menosprezo teórico e prático da experiência da autoridade. […] O Fato cristão – é preciso repetir – tem na função da autoridade criada por Cristo o lugar geométrico em que se preserva o Mistério." [60]

---

[57] *Idem*, p. 22.
[58] *Idem*, p. 23, 25.
[59] *Idem*, p. 23.
[60] *Idem*, p. 24.

"Assim", resume Dom Giussani, "na perda de rumo generalizada […] [aquilo que dominou foi] jogar-se de cabeça no seguimento do mundo […]. A história que tinham vivido e seus conteúdos de valor foram minimizados, interpretados ao máximo como abstratos em relação à vida, excluídos, exilados da possibilidade de uma incidência na contingência histórica e, sendo assim, de uma verdadeira encarnação". Pouco antes de fazer essa observação, referindo-se ao comportamento global daqueles que participaram no movimento de contestação em 1968, Dom Giussani havia dito: "É a minha ingenuidade ao me considerar 'medida de todas as coisas', é a ingenuidade do homem que diz: 'Deixa comigo, que agora eu vou consertar tudo'. É a ingenuidade do homem como medida de todas as coisas, a ingenuidade do amor-próprio". E exclamou: "Que melancolia! Que melancolia nós experimentamos em seguida, e como foi ficando mais séria com o passar dos anos".[61]

Lançando-nos a fazer coisas em nome do ser cristãos, para demonstrar que, sendo cristãos, tínhamos respostas melhores que as dos outros para os problemas, podia parecer que Cristo era o essencial. Mas o juízo de Giussani nos perturba, como de costume: "O nosso ideal não é realmente aquele […] que a imprensa imagina, o nosso ideal não é realmente o de ter direito a estar na terra e na sociedade porque sabemos responder às pretensões ou às exigências ou às necessidades que os outros têm, que os homens têm. É bom responder às carências e necessidades das pessoas, mas nós não estamos aqui para isso. Em 1976, em Riccione (Itália), a dois mil responsáveis universitários, quando me pus de pé e não sabia o que dizer, mas sentia um grande incômodo interior, […] disse: 'Nós não estamos aqui para isso, o nosso objetivo de cristãos não é esse. Podemos perfeitamente entrar em todas as cooperativas do mundo, podemos entrar em todas as associações do mundo e dar a nossa contribuição para o bem comum através delas, mas o cristianismo não é uma associação desse tipo, o cristianismo não é uma organização para suprir as necessidades dos homens'. […] Esta é a ilusão que o homem percorreu em todas as épocas e, nela, o homem sempre caiu. É uma ilusão, chama-se utopia. […] [Por quê?] Porque o homem não pode ser capaz de identificar, assimilar, reunir e realizar a totalidade dos fatores que estão em jogo; ao homem sempre escapa alguma coisa".[62]

Sem nos darmos conta, tínhamos nos desviado de Cristo para a utopia. O essencial tinha se tornado também para nós a utopia. Podíamos conti-

[61] *Idem*, p. 24-25, 21.

[62] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

nuar a dizer que o essencial era Cristo, mas surpreendendo-nos em ação, Dom Giussani obrigava-nos a perceber que já nos tínhamos desviado (isso se via pelo fato de que não éramos capazes de "identificar e realizar a totalidade dos fatores"). De fato, "é como se o Movimento de Comunhão e Libertação, de 1970 em diante, tivesse trabalhado, construído e lutado com base nos valores que Cristo trouxe, enquanto o fato de Cristo, para nós, para as nossas pessoas e para todos aqueles que fizeram CL conosco, 'tivesse ficado em paralelo'".[63]

O que conduziu a isso? A falta de consciência do problema. Nisto consiste o nosso ser "modernos", filhos da mentalidade que nos circunda. É um problema de concepção, de consciência de si, de autoconsciência, não de coerência ética. O nosso ser "modernos" (mas no fundo a "modernidade" é uma tentação do espírito de todos os homens em todos os tempos) manifesta-se neste desvio do centro de gravidade sobre as nossas *performances* religiosas, culturais, operativas: a Presença, o Fato de Cristo, passa a ser um *a priori* teórico; um *a priori* que não determina quem somos, como olhamos, o sentido do nosso estar no mundo.[64]

A dificuldade de erradicar de nós essa mentalidade é demonstrada pela história sucessiva do Movimento, recentemente evocada na *Página Um*.[65] "O primeiro passo consciente foi o Cartaz da Páscoa. […] O passo que o Cartaz [*Cristo companhia de Deus ao homem*, 1982] convidou todos a dar, e que muitos conseguiram realizar, é porque […] revelou que a questão não é tudo o que estamos fazendo, não é o nosso fazer, não é a nossa análise das coisas, o nosso ponto de vista sobre as coisas inspirado em valores cristãos. Fomos adiante durante dez anos trabalhando sobre os valores cristãos e esquecendo-nos de Cristo, sem conhecer Cristo."[66]

Giussani denunciava o desvio do centro de gravidade, a substituição do essencial por aquilo que nós fazemos – como todos os modernos –, sem nos

---

[63] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 56.

[64] Cf. "A época moderna, ou melhor, a época contemporânea é a prova trágica daquilo a que o homem chega na pretensão de autonomia: a pretensão de fazer-se por si mesmo, de realizar-se por si mesmo, de criar-se por si mesmo, de decidir por si mesmo, de ter a si mesmo como centro. Esta pretensão leva à dissolução, à perda da liberdade como originalidade de juízo sobre a vida: fica-se alienado na opinião comum, na cultura, nas opiniões induzidas pela cultura dominante" (L. Giussani, *Uomini senza patria. 1982-1983*, op. cit., p. 265).

[65] J. Carrón, "Testemunho e Relato", *Passos-Litterae Communionis*, março de 2014, p. 17-20.

[66] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 88-89.

darmos conta da sua absoluta inadequação aos fatores do problema: "Se estamos tão vergonhosamente divididos, fragmentados, que é impossível a unidade até entre o homem e a mulher, e não se pode confiar em ninguém; se somos tão cínicos em relação a tudo e todos, e tão desapaixonados de nós mesmos, como podemos deste lodo retirar alguma coisa para reconstruir as nossas paredes derrubadas, obter o cimento para a construção de paredes novas? […] Dada esta nossa situação ferida, não podemos, com efeito, dizer: 'Vamos reconstruir o humano!'. Se estamos assim vencidos, como poderemos vencer? […] É preciso que tenha alguém de fora – *tem de vir de fora* – e que diante desta nossa casa derrubada refaça as paredes. […] Aqui reside a dificuldade maior em relação […] ao cristianismo autêntico: é através de *outra coisa* – que vem de fora – que o homem se torna si mesmo […]. [Mas isto] 'não me agrada', porque faz entrar, dá hospitalidade a algo que não corresponde à nossa imaginação e a uma nossa imagem de experiência, que parece abstrato na sua pretensão".[67]

Esta "outra coisa", Cristo, parece-nos abstrata. E dado que nos parece abstrato, para responder à urgência de mudar, de construir, "prende-nos […] numa aspiração impotente a remediar ou *numa pretensão fraudulenta,* mentirosa, quer dizer: *identifica-se o remédio com a própria imagem e vontade de remediar*". Terrível! "Assim nasce", continua Dom Giussani, "o 'discurso' sobre os valores morais, porque o discurso sobre os valores morais subentende que o remédio para a dissolução vem pela força da imaginação e da vontade do homem: 'Vamos juntar-nos, que remediaremos!'".[68] Modernos até a medula! Dizia isso para nós, não para os outros.

Mas por que nos desviamos de Cristo para esse ativismo, para o "fazer"? Aqui o juízo de Dom Giussani é ainda mais surpreendente: desviamo-nos porque o nosso fazer nos parece menos abstrato que Cristo como ponto de apoio para responder aos nossos medos. De fato, diz, "é uma insegurança existencial, é um medo de fundo, que faz conceber como próprio ponto de apoio, como razão da […] [própria] consistência, as coisas que se fazem culturalmente ou organizativamente".[69]

O mais espantoso é a consequência que Giussani retira daqui. Essas "atividades" − por meio das quais tentamos vencer a nossa insegurança − entre nós seriam automaticamente identificadas como "presença". Mas nada está mais longe da realidade do que isso. Escutem o que diz: "Assim toda a ati-

[67] L. Giussani, "È sempre una grazia", in *È, se opera*, suplemento da revista *30Giorni*, fevereiro de 1994, p. 57-59.
[68] *Idem*, p. 59.
[69] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 97.

vidade cultural e toda a atividade organizativa não se tornam expressão de uma fisionomia nova, de um homem novo" – são expressão do nosso medo, da nossa insegurança. Dizia: "Se fossem expressão de um homem novo, poderiam até nem existir quando as circunstâncias não o permitissem, mas aquele homem estaria erguido. Ao passo que, inversamente, muitas pessoas aqui presentes, se não fossem estas coisas, não estariam erguidas, não saberiam por que estão aqui, não saberiam aquilo a que aderem: não estão, não consistem, porque a consistência da minha pessoa é a presença de Outro".[70] Aqui surge em toda a sua clareza a relação entre o que nos permite estar de pé, "o essencial", e o que estamos fazendo no mundo.

Sem reconhecer e sem fazer experiência daquilo que responde à nossa insegurança existencial, ao nosso medo de fundo, a nossa presença não é mais que o sinal da tentativa moderna de encontrar consistência naquilo que fazemos. É por isso que, como observou Dom Giussani, muitas pessoas "não saberiam por que estão aqui"[71] se determinadas atividades não existissem.

Qual é o "porquê" último deste desvio, ao qual voltarei durante a tarde? "O 'porquê', em última análise, é a dificuldade que o discurso cristão – a experiência cristã – tem para se tornar maduro. […] A impaciência não é a última das armadilhas, é a primeira. A experiência cristã – pensem só – mudará o mundo; mas, para mudar o mundo, é necessária toda a trajetória da história. […] A experiência cristã mudará a minha vida, mas precisa de toda a trajetória da existência [da história; nós, porém, procuramos sempre um atalho para chegarmos antes, julgando sermos mais inteligentes!]. […] A experiência cristã não sacia o apetite de eficiência do homem, a ânsia febril de ter, de ter imediatamente, que é a tentação dos fariseus, que disseram a Cristo: 'Faça o milagre do jeito que nós dizemos que tem de ser, mande-nos um raio do céu. Mande um raio do céu, e, então, nós acreditaremos em você'. Eram eles que estabeleciam como o milagre tinha de ser",[72] como devia mudar a realidade para que O seguissem ("Não foi pelos trinta denários […]. Mas o seu reino não vinha"[73]). "Esse realmente é o *pathos* que está por trás do drama daquela época e da incerteza, da melancolia, do cansaço e das dúvidas de hoje. É aqui que a pessoa entende, que se dá conta do que significa a fé – crer, crer n'Ele –, do que significa dar crédito ao Fato cristão [isto é, confiar-se

[70] *Idem*.
[71] *Idem*.
[72] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 26.
[73] C. Chieffo, "O monólogo de Judas", *Canti*, op. cit., pp. 230-231.

a um desígnio, no modo de mudar a realidade, que é o Seu; mas a nós parece lento demais, muito pouco eficaz]. Pois, em certos momentos, é de fato como morrer para nós mesmos, ou melhor, é realmente morrer para nós mesmos". Por isso "as pessoas que se salvaram, só se salvaram, em primeiro lugar, graças ao sentimento de fidelidade à sua história, na medida em que tinham clara – era a única coisa que tinham clara, pode-se dizer – a grandeza da dimensão religiosa que incidia na contingência concreta, portanto a presença do Mistério como fator que incide na contingência humana; e, em segundo lugar, por terem voltado a descobrir, de maneira leal e clara, o crédito que deveriam dar à autoridade, por voltarem a descobrir a função histórica da autoridade".[74]

Talvez agora se entenda melhor por que é que Dom Giussani se perguntava, em 1993: "Então, para que estamos aqui?". Se o nosso objetivo como cristãos não é fazer iniciativas e construir obras para responder às necessidades, para resolver os problemas dos homens, qual é então? Ele desvia-nos de novo, chamando-nos ao essencial, reafirmando a centralidade do crédito ao fato cristão. Esta é a sua resposta à provocação: sem o retorno à origem, não há nada a fazer.

4. Retorno à origem: "O Movimento caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo"

"Então, para que estamos aqui?" Em 1993, Dom Giussani responde: "O motivo é duplo, e o segundo é consequência do primeiro; se poderia dizer consequência ocasional ou contingente do primeiro".[75] É impressionante porque, para ilustrá-lo, sem mediações, diz: nós "estamos aqui para dizer… estávamos caminhando ao longo de uma estrada, ouvimos alguém, um ideólogo que falava, mas era mais que um ideólogo, porque era um tipo sério, chamava-se João Batista. Fomos lá escutá-lo. A certo ponto, uma pessoa que estava ali conosco fez menção de ir embora e vimos que João Batista parou para olhar para aquele ali que ia embora e a um certo ponto pôs-se a gritar: 'Eis o Cordeiro de Deus'. Tudo bem, um profeta fala de modo estranho, mas nós dois, que estávamos lá pela primeira vez, vínhamos do interior, de longe, nos separamos do grupo e fomos no encalço daquele homem;assim, por uma curiosidade que não era curiosidade,

[74] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 26.

[75] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

por um interesse estranho, quem sabe quem colocou isso dentro de nós, e Ele voltou-se, a um certo ponto, e disse: 'O que buscais?', e nós: 'Onde moras?', e Ele: 'Vinde e vede'. Fomos e ficamos lá todo esse dia a vê-lo falar, porque não se entendiam as palavras que dizia, mas falava de determinada maneira, dizia aquelas palavras de tal modo, tinha tal rosto que nós estávamos ali a vê-lo falar. Quando fomos embora, porque era noite, fomos para casa com outro rosto, vimos as nossas mulheres e os nossos filhos de um modo diferente, havia como que um véu entre nós e eles, o véu daquele rosto, e nos fundia a cabeça. Naquela noite, nenhum dos dois dormiu sossegado e no dia seguinte, fomos outra vez procurá-lo. Tinha dito uma frase que nós repetimos aos nossos amigos: 'Venham ver alguém que é o Messias que havia de vir; é o Messias, foi Ele quem disse: Eu sou o Messias'. E os nossos amigos vieram e também eles ficaram magnetizados por aquele homem. Era como se disséssemos, à noite, quando nos reuníamos ao redor do fogo, com os quatro peixes que havíamos apanhado na noite anterior: 'Se não se acredita num homem assim, se eu não acredito num homem assim, já não posso acreditar nos meus olhos'".[76]

Continua Dom Giussani: "Nós estamos no mundo para gritar a todos os homens: 'Vejam que está entre nós uma presença estranha; entre nós, aqui, agora, há uma presença estranha: o Mistério que cria as estrelas, que cria o mar, que faz todas as coisas […] fez-se homem, nasceu do ventre de uma mulher […]'. Nós estamos no mundo porque a nós, e não a outros, foi dado conhecer que Deus se fez homem. Há um homem entre nós, que veio entre nós há dois mil anos e ficou conosco ('Estarei convosco todos os dias, até o fim do mundo'), há um homem [entre nós] que é Deus. A felicidade da humanidade, a alegria da humanidade, a realização dos desejos todos da humanidade é Ele que o leva a cumprimento; o realiza para aqueles que O seguem".[77] Nós, hoje, poderíamos acrescentar: também a ânsia de libertação, que é confusa e contraditoriamente expressa nas reivindicações dos novos direitos, só pode encontrar cumprimento em Cristo.

Eis que, então, se esboça também o segundo motivo: "A consequência contingente de olhar para Ele, de vê-Lo falar, de ouvi-Lo, de ir atrás d'Ele, de dizer a todos: 'Está aqui, está aqui entre nós, o Deus feito homem […]', a consequência contingente para quem fala assim é que vive melhor – melhor –; não resolve, mas vive melhor até mesmo os problemas da sua humanidade: gosta mais da sua mulher, sabe como gostar mais dos filhos, gosta mais de si mesmo, ama os amigos mais que os outros, olha os estra-

[76] *Idem.*
[77] *Idem*.

nhos com uma gratuidade, com uma ternura de coração, como se fossem amigos, socorre os outros nas suas necessidades como pode, como se fosse a sua necessidade, encara o tempo com esperança e, por isso, caminha com energia; usa de tudo para poder caminhar e fazer caminhar também os outros, na dor anima, na alegria é prudente, intensamente prudente; é intenso na alegria, mas com a consciência de que tudo tem um limite, um limite que é provisório. De limite em limite, o homem, junto, caminha para o seu destino, para aquele dia em que Ele reaparecerá, não como apareceu a João e André, os dois que o seguiam, mas como apareceu a um certo momento da sua vida, no monte Tabor, como apareceu ressuscitado dos mortos".[78]

Nós, portanto, estamos aqui por esta presença. Mas essas coisas, quem as entende? Dom Giussani perguntava-se: "Pais, padres, associações católicas, quem entende bem a diferença desta tarefa, quem percebe bem esta presença, quem não procura ser digno de achar um espaço para si neste mundo, o direito a viver neste mundo, só porque responde às necessidades alheias, quem?".[79]

É o testemunho que nos oferece todos os dias o Papa Francisco: quem entende estas coisas?

"É uma grande purificação, uma grande iluminação que deve acolher e dominar o nosso espírito, é uma grande graça que nos deve acontecer… O que deve acontecer conosco? O que nos aconteceu! Porque aquilo que nos dissemos no Movimento desde o primeiro dia é isto, ainda que por outras palavras; aquilo que ouviram dizer, que os levou a dizer: 'Bem, gostaria de ir junto com eles', aquilo que todos pressentimos é isto (temos de admitir que subverte tudo): o centro da vida não é ser bem-sucedido, mas reconhecer Alguém. Não 'ser bem-sucedido', mas 'reconhecer Alguém'."[80] Foi isso o sobressalto ao coração, e, logo em seguida Dom Giussani põe esta alternativa: "O valor de uma pessoa está em ser reconhecida – como é ótima, como é apta, como é esperta – ou em ser amada? É tão verdade que a única dignidade da pessoa está em ser amada, que a consistência e a natureza de um eu, do seu eu, é a de ser sido escolhido pelo Mistério: […] o ser amado é a consistência, a natureza do seu eu".[81]

Quando falta isso, ficamos todos perdidos. O centro da vida "não é um sucesso, mas o reconhecimento de uma presença" (e talvez, porque não

[78] *Idem*.
[79] *Idem.*
[80] *Idem*.
[81] *Idem*.

se sentiram amados, porque não se sentem amados, alguns de nós, como muitos dos nossos contemporâneos, procuram a realização noutro lugar). "É este o problema cristão", continuava, "com relação ao problema de qualquer filosofia […]: a nossa salvação não é a utopia, […] mas uma Presença a reconhecer: não é um 'fazer', é um amor."[82] Bastaria dar-se conta do que somos para perceber se, com o nosso 'fazer', conseguimos responder ao nosso drama humano. A vida é esse amor, é o reconhecimento de sermos amados ("Amou-nos com um amor eterno e teve piedade do nosso nada"[83]). E Dom Giussani acrescentava: "Quando pronuncio esta palavra [amor], quando digo isso que agora disse – o problema da existência não é um 'fazer', mas um amor –, em noventa e nove por cento das faces leio uma confusa estranheza".[84]

O que é esta estranheza? É o sinal de que não entendemos, de que já estamos afastados. Esta estranheza diz, mais do que todo o resto, do quê e de onde esperamos a resposta. Aliás, é precisamente por essa estranheza que nos afastamos do essencial para ir procurar a nossa consistência naquilo que fazemos. Essa estranheza é o juízo mais potente que damos de Cristo e de nós. Sem entender qual é o nosso problema, não entendemos verdadeiramente quem é Cristo. No fundo, o que é importante, o essencial, está em outro lugar. É a confusa estranheza que sentimos diante do misterioso desígnio de Deus, a mesma estranheza de Pedro diante do desígnio do Pai ao qual Jesus obedece e que, pelo contrário, Pedro não entende. É essa estranheza que nos leva a desviar do essencial, a procurar a nossa consistência em algo que, "nos pensamentos secretos dos nossos corações", consideramos menos "inconsistente" que Cristo.

Não poderemos dar a nossa contribuição original à vida do mundo se não encontrarmos a consistência neste amor que nos permite ser diferentes no panorama social e cultural. Dom Giussani nunca desistiu de nos indicar onde nós podemos encontrar uma verdadeira consistência: "A consistência da minha pessoa é a presença de Outro".[85]

Ao contrário, Dom Giussani nos recordava que procuramos a consistência "naquilo que fazemos ou naquilo que possuímos, que é o mesmo. Assim, a nossa vida não tem nunca aquele sentimento, aquela experiência da certeza plena, que a palavra 'paz' indica, […] aquela certeza plena,

---

[82] *Idem*.
[83] Cfr. *Jer* 31,3.
[84] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.
[85] L. Giussani, *Uomini senza patria (1982-1983)*, op. cit., p. 97.

aquela certeza e aquela plenitude sem a qual não há paz e, por conseguinte, não há alegria. No máximo, chegamos à complacência naquilo que fazemos ou à complacência em nós mesmos. E esses fragmentos de complacência naquilo que fazemos ou naquilo que somos não trazem nenhuma alegria, nenhum sentido de plenitude seguro, nenhuma certeza e nenhuma plenitude […]. A certeza é algo que ocorreu em nós, aconteceu em nós, entrou em nós […]. Alguém aconteceu em nós, se doou a nós, se doou de tal forma que se inseriu na carne e nos ossos e na alma: 'Vivo, não eu, mas [Cristo] […] vive em mim'".[86]

"É chegado um momento", dizia Dom Giussani em 1991, "em que a afeição entre nós tem um peso específico imediatamente maior do que a lucidez dogmática, a intensidade de um pensamento teológico ou a energia de uma condução. A afeição que é preciso trazer entre nós só tem uma comparação [uma só urgência]: a oração, a afeição a Cristo. E, de fato, é chegado o momento em que o Movimento caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo que cada um de nós tem, que cada um de nós suplica ao Espírito para ter." [87]

Só um homem certo poderá ser capaz de responder aos desafios do presente: entrar no quarto de um doente terminal onde não entra mais ninguém, ter um filho com malformações, trazer filhos ao mundo, enfrentar a falta de trabalho sem fraquejar, etc.

Por que Dom Giussani volta sempre a João e André, ou seja, ao primeiro anúncio cristão, ao primeiro encontro? Por que está fora do mundo? Por que é iludido? Não! É porque está convencido de que a solução dos problemas que a vida põe todos os dias não acontece diretamente enfrentando os problemas, mas aprofundando a natureza do sujeito que os enfrenta. Por outras palavras, "o particular resolve-se aprofundando o essencial".[88] Para abordar os problemas, portanto, é necessário algo que faça vir à tona e cumpra a natureza do nosso eu, aquele "mistério eterno do nosso ser",[89] de que fala Leopardi. A verdadeira questão, então, é perguntar-se quem pode redespertar o eu das suas reduções, libertando-o da ditadura dos seus pequenos desejos para abri-lo ao grande desejo do cumprimento do viver.

---

[86] L. Giussani, *La familiarità con Cristo*, Ed. San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 2008, pp. 25-26.

[87] *Corresponsabilidade*. Trechos das conversas entre Luigi Giussani e o Conselho internacional de CL, *Litterae communionis-CL*, novembro de 1991, p. 32.

[88] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p. 489.

[89] Cf. G. Leopardi, "Sobre o retrato de uma bela mulher esculpido em seu jazigo", vv. 22-23, in *Giacomo Leopardi. Poesia e Prosa.* Org. Marco Lucchesi. Ed. Nova Aguilar, Rio de Janeiro 1996. pp. 276-277.

"Só o divino salva os fatores do humano." [90] É esse o núcleo da pretensão cristã. A tarefa de Cristo não é outra senão redespertar a pessoa, fazer emergir toda a extensão do seu desejo, de modo a libertá-la da escravidão dos seus pequenos desejos.

Para ir ao essencial, Jesus usa toda e qualquer ocasião, mesmo um fato quotidiano, simples – o Evangelho está cheio deles –, como sentar-se junto de um poço para descansar, ter sede, pedir a uma mulher para lhe dar de beber. Esta mulher, uma vez que é samaritana, fica bloqueada no que pensa: "Como é que tu, sendo judeu, pedes de beber a mim, que sou samaritana?". Está presa nos esquemas habituais, porque os judeus não se dão com os samaritanos. Jesus podia ter parado ali, colocando-se de um lado ou de outro. Em vez disso, rompe as divisões pondo diante dela uma posição não reativa, mas original: sabe muito bem que detrás das aparências, detrás do formalismo dos esquemas, existe o coração sedento de uma mulher e a provoca justamente ao nível do seu coração: "Se você conhecesse o dom de Deus e quem lhe está pedindo de beber, você é que lhe pediria. E ele daria a você água viva". Jesus aproveita a oportunidade para dizer quem Ele é, qual é a pretensão que tem. Que olhar é preciso ter para não ficarmos sempre na aparência perante as provocações do real e às divisões que se apresentam! Agora estamos nas mesmas circunstâncias, presos entre contraposições ideológicas, e podemos aceitar permanecer enredados na ideologia de uns e de outros. A mulher samaritana finge não entender, como se não tivesse percebido o desafio: "Senhor, não tens um balde, e o poço é fundo. De onde vais tirar a água viva? Certamente não pretendes ser maior do que o nosso pai Jacó". Jesus não volta atrás; pelo contrário, aumenta a dose: "Quem bebe desta água vai ter sede de novo, mas aquele que beber a água que eu vou dar, este nunca mais terá sede, […] vai nascer nele uma fonte de água que jorra para a vida eterna". Mas quem é este que tem a pretensão de responder a toda a sede do desejo do homem e de apresentar-se como a água que pode saciá-la plenamente? Quem pode ter semelhante pretensão? Só Ele, o Senhor. Então, perante este aumento da dose, manifesta-se a humanidade daquela mulher, porque o ser humano se manifesta unicamente quando se encontra diante de um desafio real, de algo verdadeiramente único, de finalmente correspondente à espera. A samaritana rende-se: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem precise vir aqui para tirá-la". [91]

É esta a presença de Jesus, uma presença que aproveita de qualquer coisa para fazer emergir a Sua diferença. Nós somos escolhidos, somos

[90] Cf. L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 122.
[91] *Jo* 4,9-15.

convidados a ser amigos de Jesus a fim de que, em qualquer situação, em qualquer provocação do real, possamos testemunhar um olhar diferente, mais humano, mais capaz de colher todos os fatores da experiência humana, nossa e dos outros. Só um amor a Jesus, fruto de uma longa convivência com Ele, pode fazer emergir em nós, diante de qualquer desafio, aquela diferença que comprova a Sua presença em ação.

Se nós não compreendermos isso, as nossas ações ou reações assumirão acriticamente, como ocorreu no passado – vimos isso, descrito por Dom Giussani –, a posição do outro. E, assim, teremos, ingenuamente, a ilusão de poder responder aos desafios culturais e sociais, em que está em jogo a concepção do homem, com a ética. No entanto, bastará um apelo ético para levar a termo a gravidez de um filho que vai viver apenas algumas horas? Bastará um encorajamento a ter filhos para decidir tê-los? Cada um pode verificar isso na sua experiência. Queremos responder ao desafio antropológico com a ética: porém, a única resposta é o encontro (um encontro capaz de redespertar o eu), do qual renasce também a ética; a única resposta é "a espessura histórica do fato cristão", [92] uma presença diferente no mundo, o testemunho de "algo que já é livre",[93] que se exprime de maneira original, sem deixar que a dialética mundana das facções imponha as regras do jogo. Por isso, se desejamos que mude verdadeiramente algo para nós e à nossa volta, é preciso "fazer o cristianismo",[94] quer dizer, "*ser presença*, […] construir esta porção de humanidade nova em caminho no lugar onde estamos".[95]

O amigo, que tinha sido desafiado por aquele deficiente à procura de trabalho, conclui assim o seu relato: "Encontrando-o passados três anos, perguntei-lhe o que tinha acontecido com os dois amigos que o acompanharam nestes anos. Ele responde: 'Deram-me uma saída para o futuro'. E eu: 'Mas o ajudaram a conseguir emprego?'. E ele, seco: 'Não'. E eu: 'Mas, então, que saída deram?'. E ele: 'Um início, ou seja, uma via, no sentido de que me deram um objetivo". E me veio a pergunta: 'Quem és Tu que permites tudo isto? Que, apesar do aparente insucesso, despertas assim um eu, a ponto de o fazeres ganhar a consciência inteira de quem é?'. Das inúmeras pessoas que ajudamos a conseguir trabalho, nunca ninguém tinha dito nada deste tipo".

---

[92] L. Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 22.

[93] Faz referência a uma Equipe contida no volume de L. Giussani, *In cammino (1993-1998)*, em vias de publicação pela Ed. Bur, na Itália.

[94] L. Giussani, *Un evento reale nella vita dell'uomo (1991-1992)*, Ed. Bur, Milão 2013, p. 326.

[95] L. Giussani, *Dall'utopia alla presenza (1975-1978)*, op. cit., p. 62.

Sem sermos continuamente gerados pelo olhar de Cristo no presente, nós não conseguiremos apreender o ponto crítico da cultura contemporânea, de que tantas vezes participamos, como nos demonstra a estranheza de que Giussani falava: ele está na miopia com que se consideram as necessidades profundas do homem. Sem colher o alcance infinito das exigências constitutivas do coração de todo o homem, a nossa cultura acaba por propor – quer no plano material quer no plano existencial e afetivo – uma multiplicação até ao infinito de respostas parciais. No entanto, como nos recorda Cesare Pavese, "aquilo que um homem busca nos prazeres é um infinito, e ninguém jamais renunciaria à esperança de alcançar essa infinitude".[96] Portanto, mesmo uma multiplicação à enésima potência, de "falsos infinitos" (como diz Bento XVI)[97] nunca poderá satisfazer uma necessidade de natureza infinita. Não é a adição quantitativa de bens e de experiências, a possibilidade ilimitada de transformar os desejos subjetivos em direitos, que pode satisfazer o "coração inquieto" do homem. Nem, por outro lado, pode ser um apelo ético a resgatar o homem das suas reduções, a restituir-lhe uma adequada consciência de si. A única resposta, como Giussani nos mostrou, é um acontecimento capaz de redespertar o eu, de regenerá-lo. É aqui que a Escola de Comunidade adquire toda a sua dimensão: "Jesus demonstra na Sua existência uma paixão pelo indivíduo, um ímpeto pela felicidade do indivíduo, que nos leva a considerar o valor da pessoa como algo incomensurável e irredutível. O problema da existência do mundo é a felicidade de cada homem. 'Que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? Que poderá o homem dar em troca de sua vida?' Nenhuma energia, nenhuma ternura de amor materno ou paterno investiram o coração do homem mais que essa palavra de Cristo, apaixonado pela vida do homem. De resto, ouvir essas perguntas feitas por Jesus representa a primeira obediência à nossa natureza. Se formos surdos a essas perguntas, bloquearemos as experiências humanas mais significativas. Não poderemos amar a nós mesmos e seremos incapazes de amar os outros. O motivo último que leva a amar a si e aos outros é o mistério do *eu*; qualquer outra razão só faz conduzir a esse mistério".[98]

Nós não somos diferentes dos outros. Se não formos redespertados, também nós acabaremos por sucumbir à mentalidade de todos. Pobre-

[96] C. Pavese, *O ofício de viver*, Bertrand Brasil, Rio de Janeiro 1988, p. 209.
[97] Cf. Bento XVI, *Mensagem ao XXXIII Meeting pela Amizade entre os Povos*, 10 de agosto de 2012.
[98] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 123-124.

zinhos como eles, também nós iremos procurar a realização na carreira, no sucesso, sinal patente da redução do nosso desejo. O que nos torna diferentes?

Escreve-me um amigo: "Caro Carrón, ainda continuo a vibrar desde que ouvi a sua lição de sábado à tarde na Assembleia de Responsáveis da América Latina! Num primeiro impulso, quando você começou a falar, eu quis me levantar e sair, perguntei-me: onde é que eu vim parar? O que significa recuperar as origens depois de séculos de história da Igreja? É preciso lutar pelos valores cristãos! No entanto, passado este primeiro impacto, sobretudo depois da citação de Giussani: 'Fomos adiante durante dez anos trabalhando sobre os valores cristãos […] sem conhecer Cristo', abaixei um pouco as defesas, o que me permitiu reviver e entender melhor um episódio que me ocorreu pouco antes de me casar e que gostaria de contar. Tendo decidido que a minha futura mulher, depois do casamento, iria se demitir para se mudar para o exterior comigo, estávamos muito receosos com a ideia de uma gravidez inicial, pois só com o meu ordenado não conseguíamos nos sustentar. Semanas antes do casamento, a minha mulher, vista a situação, perguntou-me se seria apropriado, a essa altura, confiar unicamente nos métodos naturais. Sem pensar nas consequências do que ia dizer, disse-lhe que o verdadeiro problema estava no fato de que, se não estávamos dispostos a aceitar os filhos, no fundo não estávamos preparados para o matrimônio… Lembro que, então, pensei somente na pergunta do padre, durante a cerimônia: 'Estão dispostos a receber com amor os filhos que Deus lhes quiser dar?' Escutá-lo me fez reviver aquele momento com a pergunta: naquela situação, o que me fez ser tão livre a ponto de pôr em 'risco' aquilo que mais desejava no mundo? Percebi imediatamente que o mero respeito a um 'valor cristão' não era suficiente para pôr em risco o casamento iminente, há tanto desejado. O que naquela circunstância me fez ser livre não foi o respeito por um valor cristão, mas o desejo de não me separar de Cristo, o desejo de permitir a Cristo entrar no íntimo do nosso casamento, a intuição de que, sem Ele, não valia a pena casar. Relembrando a sua lição, continuo a me perguntar: quem é que alguma vez me falou assim? Com tanta verdade? Quem me faz vibrar assim? Quem me ajuda a compreender verdadeiramente a correspondência entre Cristo e a minha vida? Quanta ternura para comigo! Obrigado".

Tal como o Papa Francisco hoje, Dom Giussani não fez outra coisa senão anunciar-nos e testemunhar a beleza da fé, para nos mostrar a sua razoabilidade através dos frutos que ela traz à vida. É por isso que o Papa insiste que nós temos de comunicar ao mundo aquilo que é essencial para nós. Vocês têm algo a propor que seja mais inteligente, mais adequado à

real situação do homem? Escutem o que o Papa Francisco disse esperar dos Bispos: "Homens que guardam a doutrina não para medir como o mundo vive distante da verdade que ela contém, mas para fascinar o mundo, para encantá-lo com a beleza do amor, para seduzi-lo com a oferta da liberdade doada pelo Evangelho. A Igreja não precisa de apologistas das próprias causas nem de cruzados das próprias batalhas, mas de semeadores, humildes e confiantes, da verdade, conscientes de que ela lhes é sempre confiada de novo e que confiam no seu poder".[99] Só o testemunho e o relato daquilo que se vive – como nos disse o Cardeal Scola –[100] podem tornar fascinante o cristianismo, hoje como ontem, fazer renascer o eu e libertar o homem.

Escreve uma amiga: "Numa discussão sobre a lei da eutanásia na Bélgica, a certa altura, um colega de trabalho interveio dizendo que, no fundo, é justa a eutanásia dos recém-nascidos com deficiências graves, nos casos em que é evidente, desde o nascimento, que não terão possibilidade de andar, falar ou ter qualquer atividade autônoma; porque – diz ele – certamente nunca poderão ser felizes! [É uma pergunta sobre o sentido da vida que está em jogo.] Então eu, que até aquele momento só havia dito coisas banais, mas sem me implicar num juízo verdadeiro, intervim contando que tenho uma filha deficiente que se encontra nas condições por ele descritas, mas que, apesar disso, acima de tudo ela é feliz, e isto demonstra que a felicidade não é proporcional a um desempenho ou a uma capacidade de fazer algumas coisas de forma autônoma. A felicidade não é dada por nós. Digo-lhe que, apesar das dificuldades, para mim ela foi e continua a ser um grande dom, porque a sua evidente dependência é um chamado contínuo ao fato de que estamos nas mãos de um Outro. Depois lhe contei alguns fatos que aconteceram nestes anos em que foi evidente que a sua presença foi mesmo uma riqueza para quem a encontrou. Depois que falei de mim, ninguém teve mais nada a rebater e a discussão terminou. Uma semana depois, este meu colega voltou a me procurar e convidou-me para um café. […] Diz: 'Não consigo afastar a pergunta de como é possível que você tenha me falado da sua filha daquela maneira e, sobretudo, como é possível que tenha tido a coragem de ter mais filhos, porque isso para mim é inconcebível! […] Eu continuo a lembrar disso e não fico tranquilo'. Eu ali fiquei

[99] Francisco, *Discurso aos participantes na reunião da Congregação para os Bispos*, 27 de fevereiro de 2014, 6.

[100] Cf. A. Scola, *Palavras pronunciadas após a homilia por ocasião do IX aniversário da morte de Dom Giussani e XXXII de reconhecimento pontifício da Fraternidade de Comunhão e Libertação*, Milão, 11 de fevereiro de 2014.

comovida e disse para mim: 'Mas o que esse colega viu através de mim que já não o deixa mais tranquilo?'. Não foi com certeza um bonito discurso, mas uma Presença excepcional, [maior do que eu,] que o fascinou. Portanto, para mim também foi a ocasião para ver o reacontecer da Sua Presença! […] Para mim, não era óbvio estar diante da realidade assim. Todas as outras vezes em que tinha participado de discussões daquele tipo, sempre tinha me afastado irritada, sem ter coragem de dizer nada e pensando apenas, com raiva, como era possível que algumas pessoas pensassem daquela maneira. Desta vez, para mim, foi possível encarar a circunstância, com toda a verdade sobre mim, graças ao caminho que estou fazendo seguindo você e ao trabalho da Escola de Comunidade, porque começo a estar diante da realidade sem censurar nada, certa de que o que me acontece é um bem para mim em primeiro lugar e que o outro é a ocasião que Jesus me dá para que eu possa aprofundar o meu relacionamento com Ele. O resultado é que estou mais contente".[101]

Eis o que é o essencial e qual a sua incidência histórica. "Numa sociedade como esta, não se pode criar algo de novo senão com a vida: não há estrutura nem organização ou iniciativa que se sustentem. Só uma vida diferente e nova pode revolucionar estruturas, iniciativas, relações, enfim, tudo. E a vida é minha, irredutivelmente minha."[102] Por isso, só quem aceita percorrer o caminho, como Pedro, poderá dar uma contribuição real e culturalmente original aos desafios atuais. A libertação só pode vir de algo que já é livre, quer dizer pela comunidade cristã não esvaziada da sua espessura histórica (cultura, caridade e missão), da sua capacidade de gerar e de educar um eu redespertado. Desde o sobressalto do coração até hoje. Aqui está todo o alcance cultural daqueles olhos, daquele olhar que entrou na história e que a Escola de Comunidade testemunha: "Jesus Cristo veio chamar o homem para a verdadeira *religiosidade,* sem a qual toda a pretensão de solução é uma mentira", porque a religiosidade cristã é a "*única condição do humano*".[103]

Agora podemos entender o alcance que tem o gesto simples, quotidiano, de recitar o *Angelus*: deixar, todas as vezes, entrar nos nossos olhos, no nosso coração e no nosso pensamento, o essencial.

Angelus

[101] Cf. Carta de Anna, *Passos-Litterae communionis*, abril 2014, p. 2.
[102] "Movimento, 'regra' de liberdade", O. Grassi (org.), op. cit., p. 44.
[103] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 145.

Sábado, 5 de abril, tarde

Na entrada e na saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Sinfonia n. 38, "Prager"
Karl Böhm – Wiener Philharmoniker
Deutsche Grammophon

■ **SEGUNDA MEDITAÇÃO**
Julián Carrón

O caminho da maturidade

Por que aconteceu tudo o que dissemos esta manhã?

"O 'porquê', em última análise [dizíamos], é a dificuldade que […] a experiência cristã tem para se tornar madura. […] Essa posição, de várias maneiras e por um longo tempo, ficou como que condicionada pelos limites da imaturidade, uma vez que faltava, […] [a] evolução da nossa experiência". Por isso, dizia Dom Giussani, "nosso verdadeiro problema é deixar a imaturidade".[104]

O que entende Giussani por imaturidade? Imaturidade significa fraqueza de autoconsciência. A autoconsciência não cresce, não é incrementada. Mas qual é o conteúdo dessa autoconsciência que não cresce? É aquele que aconteceu conosco com Cristo. "Foi precisamente a ausência dessa autoconsciência, da consciência do que me aconteceu com Cristo – uma consciência tal, que, mesmo que o mundo inteiro, […] virasse uma outra coisa, eu não mudaria, pois […] é um fato que define a minha carne, os meus ossos, o meu espírito, toda a minha ontologia […] –, foi a ausência dessa consciência […] que ficou também bem marcada na carne daquelas pessoas que continuaram fiéis à nossa história, dando uma rigidez a seus movimentos, a sua maneira de falar, tornando esquemática, mecânica a oferta delas mesmas, enfim, não gerando coisa alguma."[105]

Por isso, se tudo aquilo que vivemos não incrementa a nossa autoconsciência, isto é, não nos faz crescer, tornando-nos rígidos e esquemáticos. A fraqueza de consciência se traduz – diz Dom Giussani, referindo-se às fases recordadas – em "uma fidelidade mecânica às formas. Em razão disso, durante muito tempo, especialmente nos níveis educativos,

[104] Giussani, "A longa marcha da maturidade", op. cit., p. 30.
[105] *Idem*, p. 29.

alimentou-se um conformismo, um esquematismo e uma certa aridez"[106]. Esse formalismo (pensemos, por exemplo, em como fazemos a Escola de Comunidade, em como participamos de certos gestos) indica que o que vivemos não se torna experiência. Mas, para que a fé se tornasse experiência, foi justamente a razão pela qual Dom Giussani começou o Movimento. Portanto, se prevalece esse formalismo, o risco de perder o carisma pelo caminho não está de forma alguma superado.

1. Como sair da imaturidade?

Como podemos sair dessa imaturidade? É preciso que tudo o que vivemos faça crescer a nossa pessoa, a nossa consciência. Do contrário, enfrentamos os novos desafios, dos quais não fomos poupados, como se não tivesse acontecido nada, isto é, como todos.

Para entender o que pretendo dizer, olhemos juntos a experiência dos apóstolos, que tinham a nossa mesma dificuldade.

"Tinham se esquecido de levar pães. Tinham consigo na barca só um pão. Então Jesus os advertiu: 'Prestem atenção e tomem cuidado com o fermento dos fariseus e com o fermento de Herodes'. Os discípulos diziam entre si: 'É porque não temos pão'. Mas Jesus percebeu e perguntou: 'Por que vocês discutem sobre a falta de pães? Vocês ainda não entendem e nem compreendem? Estão com o coração endurecido? *Vocês têm olhos e não veem, têm ouvidos e não ouvem?*"". O que viram que não se recordam, que não deixou rastro, o que não ficou nos seus olhos, no seu coração? "'Não se lembram de quando reparti cinco pães para cinco mil pessoas? Quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?' Eles responderam: 'Doze'. Jesus perguntou: 'E quando reparti sete pães para quatro mil pessoas, quantos cestos vocês recolheram cheios de pedaços?' Eles responderam: 'Sete'. Jesus disse: 'E vocês ainda não compreendem?'."[107]

Os discípulos viram dois fatos estrondosos, espetaculares, duas multiplicações de pães como jamais tinham visto em suas vidas, mas como não tinham percebido a dimensão do que havia acontecido com eles, não cresceram na relação com Ele, e enfrentam o novo desafio – uma coisa banal: o ter esquecido os pães – sem ter nos olhos nada do que acontecera. Estavam com Ele, tinham-No visto multiplicar os pães, mas não tendo crescido na consciência de quem era Jesus, apesar de terem na frente deles

[106] *Idem*.
[107] *Mc* 8,14-21.

a "padaria", estavam preocupados com o fato de não haver pão. Esse também é o nosso problema. O que domina neles é a preocupação por não haver pão. A presença de Jesus, que estava ali, fisicamente presente – não estava em outro lugar, não tinha "desaparecido" no espiritualismo –, era igual a zero perante o novo desafio. Por isso não são justificadas todas as nossas queixas sobre o fato de que hoje Ele não estaria presente como então. Estava presente! Mas não bastou que estivesse fisicamente presente. Se não crescermos na consciência de quem é Aquele que está presente, não basta que esteja presente fisicamente para determinar um modo novo, diferente, de enfrentar o desafio. Sem crescer na consciência de quem é Jesus, mesmo estando fisicamente presente, Jesus não conta nada e nos movemos como antes de tê-Lo encontrado.

"Jesus se retirou para a beira do mar, junto com seus discípulos. Muita gente da Galileia o seguia. E também muita gente da Judeia, de Jerusalém, da Idumeia, do outro lado do Jordão, dos territórios de Tiro e da Sidônia, foi até Jesus, porque tinha ouvido falar de tudo o que ele fazia. Então Jesus pediu aos discípulos que arrumassem uma barca, para ele não ficar espremido no meio da multidão. Com efeito, Jesus tinha curado muitas pessoas, e todos os que sofriam de algum mal se jogavam sobre ele para tocá-lo. Vendo Jesus, os espíritos maus caíam a seus pés gritando: 'Tu és o Filho de Deus!' Mas Jesus ordenava severamente para não dizerem quem ele era."[108]

"Nesse dia, quando chegou a tarde" – diz numa outra passagem – "depois de ter curado muitas pessoas, disse a eles: 'Vamos para o outro lado do mar'. Então os discípulos deixaram a multidão e o levaram na barca, onde Jesus já se encontrava. E outras barcas estavam com ele. Começou a soprar um vento muito forte, e as ondas se lançavam dentro da barca, de modo que a barca já estava se enchendo de água. Jesus estava na parte de trás da barca, dormindo com a cabeça num travesseiro. Os discípulos o acordaram e disseram: 'Mestre, não te importa que nós morramos?'. Então Jesus se levantou e ameaçou o vento e disse ao mar: 'Cale-se! Acalme-se!'. O vento parou e tudo ficou calmo. Depois Jesus perguntou aos discípulos: 'Por que vocês são tão medrosos? Vocês ainda não têm fé?'. Os discípulos ficaram muito cheios de medo e diziam uns aos outros: 'Quem é esse homem a quem até o vento e o mar obedecem?'"[109]. Como não tinham entendido quem era Jesus, o medo os dominava. Haviam visto que ele provocava fatos espetaculares, mas não tinha mudado nada, tudo o que tinham visto não havia deixado nenhum rastro

[108] *Mc* 3,7-12.
[109] *Mc* 4,35-41.

neles. Por isso, a insegurança deixa-os agitados. As reações deles nascem do medo: "Mestre, não te importa que nós morramos?".

Se não cresce a consciência de quem é Jesus, nenhum dos nossos esforços nos tiram o medo. Não é um "fazer" que pode responder aos nossos medos, mas é um crescer na consciência de quem é Jesus: é um problema de fé. É a fé, amigos, que está em jogo aqui. Mas a fé não como afirmação formal que todos podemos fazer. Não é isso que faz a diferença. O que faz a diferença não é a afirmação formal do dogma, mas a experiência daquilo que dizemos. E isso se vê no modo como nós estamos no real, porque o real, o embate do real, nos permite fazer o teste da experiência que fizemos; não da teologia que aprendemos ou de quantas Escolas de Comunidade frequentamos; a experiência vem à tona diante dos desafios, porque nós, assim como os apóstolos, podemos ver fatos excepcionais (quantos não nos contamos cada vez que nos encontramos!), que, contudo, não aumentam a consciência d'Ele, a relação com Ele; não cresce a nossa autoconsciência, a consciência do que aconteceu em nós com Cristo.

Escreve uma pessoa: "No trabalho, eu me dou conta de que o meu modo de olhar a realidade é diferente do modo de o meu chefe olhar a realidade. Porém, muitas vezes não chego a reconhecer que é Ele que permite isso e agradecer a Ele. Portanto, também a experiência que faço não cimenta a relação com Ele. E percebo isso porque, depois, no dia seguinte, basta que uma pessoa não o reconheça e não o ame, e você murcha". Então a pessoa se pergunta: se isso acontece depois de tantos fatos, para que serve a fé? Para que serve ser cristão? Vivendo a fé como um formalismo, sem uma experiência real, a pessoa não tem uma razão para ficar.

Aqui podemos captar verdadeiramente qual é o nosso problema, essa imaturidade de que fala Giussani: nós tivemos um encontro, nós o seguimos – como o demonstra o fato de estarmos aqui –, vimos fatos excepcionais, mas tudo isso não cimenta a relação com Cristo. Qual é a verificação? Que o eu não cresce. Em que se vê isso? Que estamos diante do real como se não tivéssemos visto nada, tal como os discípulos. Este é um exemplo do formalismo, do modo mecânico com o qual vivemos até mesmo os fatos excepcionais.

O mesmo pode acontecer com as atividades que fazemos: não geram personalidade, não fazem amadurecer a nossa autoconsciência. Por quê? "A atividade fica desligada da sua origem. […] A abundância e também o êxito de muitas iniciativas da comunidade", diz Dom Giussani, "nos deram um certo senso de suficiência". Mas como a atividade fica desligada da sua origem, "quanto mais estiverem dentro da atividade, mais

a atividade de vocês atenua a provocação, da qual deveria, ao invés, ser instrumento, não os provoca mais. Quanto mais vocês forem ativos, tanto menos essa atividade os provoca. Aliás, quanto mais vocês são ativos, tanto mais é eliminado o choque, o impacto, o desafio que o fato cristão implica em si". [110]

A confirmação, continua Dom Giussani, está no fato de que "as atividades não geram personalidade, por isso não amadurece a nossa mentalidade, e por isso, no relacionamento com os outros, é tudo formal ou verbal, e não é a proposição de si, de um eu novo", que, "quando […] acontece, ouvimos as pessoas dizerem: 'Mas você é diferente dos outros! Por quê?'; 'Por que ele é assim?'". [111] Quando não existe um eu novo, o anúncio fica verbal, um discurso. E, a nós, o que resta? "Em minhas mãos só restou terra queimada […], resta somente o arrependimento por um dia desperdiçado…"[112]

Muitas vezes vimos fatos excepcionais, participamos de gestos que não podemos deixar de reconhecer como belos, fazemos muitas atividades, mas não geram personalidade. E então as nossas ações são expressão do medo, da insegurança existencial, não de um eu novo. Por quê? Porque não se faz experiência: na medida em que fica desligado da sua origem (não reconhecido na sua origem), aquilo que vemos e fazemos não se converte em experiência e, portanto, não faz crescer a nossa pessoa, não muda a nossa mentalidade, não gera personalidade, não favorece uma personalização da fé. Não basta fazer, não basta ver: é necessário que isso se converta em "experiência".

Verdadeiramente, a história humana é mais complexa do que os costumeiros esquemas. Por isso Dom Giussani sempre nos disse: "Esperem um caminho, não um milagre que elimine as suas responsabilidades, que elimine o cansaço, que torne mecânica a sua liberdade […]. Essa é uma diferença profunda em relação a antes, do caminho percorrido até agora: a diferença profunda é que […] não poderá seguir-nos se não tensionado a compreender. […] Agora deverá começar a amar realmente […] a vida e o seu destino",[113] Do contrário até a pertença à coisa mais bela que nos aconteceu na vida nos trará desilusão. O Papa Francisco dizia o mesmo sobre São Pedro.

---

[110] L. Giussani, *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*, Ed. Bur, Milão 2011, pp. 142-143.
[111] *Idem*, pp. 143-144.
[112] C. Chieffo, "La guerra", *Canti*, op. cit., p. 235.
[113] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p. 636.

Por que os fatos não incrementam essa certeza do eu? Por que aquilo que vivemos, as iniciativas que fazemos não cimentam a relação com Ele e, portanto, não ajudam a responder à pergunta sobre como se faz para viver? A falta de experiência traz à tona um problema de método.

Quando algo que vivemos não se torna experiência, nós não crescemos, reduzimos a experiência a um fato mecânico, sem que esta implique um juízo sobre aquilo que provamos ou vivemos. Em que vejo que eu estou realmente fazendo experiência? Dizia Dom Giussani: "*Concretamente, experiência é viver aquilo que me faz crescer*. A experiência realiza, portanto, o crescimento da pessoa por meio da valorização de um relacionamento objetivo. […] A 'experiência' caracteriza o fato do *dar-se conta de crescer*".[114] Se os discípulos não percebem quem se desvelou aos olhos deles na multiplicação dos pães, se não se dão conta – não que não tenham visto – do que isso implica, diante do novo desafio encontram-se como no início. Por que é crucial essa percepção de crescer, característica da experiência? "Porque, antes de mais nada, a pessoa é consciência. Por isso, o que caracteriza a experiência não é tanto o fazer", diz Giussani, "estabelecer relações com a realidade como fato mecânico: esse é o erro implícito na costumeira frase 'fazer experiência', onde 'experiência' se torna sinônimo de 'provar'. Aquilo que caracteriza a experiência é *entender* uma coisa, descobrir o seu *sentido*. A experiência implica, portanto, a inteligência do sentido das coisas. E o sentido de uma coisa se descobre na sua ligação com o resto, então, experiência significa descobrir a que serve uma determinada coisa no mundo".[115]

Por isso Dom Giussani sempre se preocupou com a questão do método. Desde o início do seu empenho educativo havia dito: "Nós queremos – e é este o nosso objetivo – libertar os jovens: libertar os jovens da escravidão mental, da homologação que os torna escravos mentalmente dos outros". Para ajudá-los, entrou na escola dizendo aos jovens: "Não estou aqui para que vocês considerem como suas as ideias que eu lhes transmito [que é o que pensamos agora, que os nossos jovens tenham como suas as nossas ideias; isso nos deixa em paz, mas depois não resta nada!], mas para lhes ensinar um método verdadeiro para julgar as coisas que lhes direi", isto é, para julgar todas as coisas que acontecem com vocês na vida. "O respeito a esse método caracterizou, desde o início, o nosso empenho educativo, indicando com clareza o seu objetivo".[116] O objetivo de todo o empenho educativo de

[114] L. Giussani, *Educar é um risco*, EDUSC, Bauru 2004, p. 87.
[115] *Idem*, p. 88.
[116] *Idem*, p. 16.

Dom Giussani, pelo qual deixa o "Paraíso da Teologia" pelo "Purgatório do trabalho nesta vida",[117] é "mostrar a pertinência da fé às exigências da vida"[118]. Se nós não a percebemos, se nós não percebemos a pertinência da fé às exigências do viver, a nossa fé terá uma data de vencimento.

O seu objetivo era mostrar a pertinência da fé às exigências da vida, ou seja, que os jovens a quem se dirigia pudessem ver, tocar com as mãos que aquilo que lhes propunha respondia às urgências do viver, era uma resposta à pergunta: "Como se faz para viver?". Dom Giussani nos diz por que tinha chegado a esta convicção: "Pela minha formação na família e no seminário, primeiro; posteriormente pela minha meditação, estava profundamente convencido de que uma fé que não pudesse ser descoberta e encontrada na experiência presente, confirmada por esta, útil para responder às suas exigências" – ou seja, à pergunta: "Como se faz para viver?" –, "não seria uma fé em condições de resistir num mundo onde tudo, *tudo*, dizia e diz o contrário".[119] Era preciso mostrar esta "pertinência" e indicar um método para descobri-la (ou seja, para julgar). Por isso propusemos novamente esta frase no nosso Cartaz de Páscoa deste ano, porque ainda deve ser aprendida como experiência vivida.

Quando alguém começa a perceber a importância do método, começa a ser grato por existir diante de si um caminho a percorrer; não é que não existam erros, porém – mais decisivo do que os erros – é ter diante de si um caminho a percorrer. Quem quiser pode percorrê-lo, não precisa de nada, só do desejo de percorrê-lo, só do amor a si mesmo, suficiente para desejar percorrê-lo, porque temos tudo de que é preciso para fazê-lo. Como escreve um de vocês: "É diferente avançar com a consciência de que o caminho existe, porque se não é assim, a cada situação difícil uma pessoa paralisa e se autoconvence de que a vida engana e basta". Mas, às vezes, nem quando nos damos conta conseguimos evitar aquilo que caracteriza o homem de hoje: a dúvida!

Então, como podemos alcançar a certeza? É necessário um caminho humano!

2. Os fatores de um caminho humano

Depois de ter identificado com clareza o problema, vejamos quais são os fatores desse caminho humano. Geralmente cometemos um erro: conhe-

[117] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p. 146.
[118] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 16.
[119] *Idem.*

cemos esses fatores, mas pensamos que são os fatores "apenas" do início. Sabemos que é preciso o coração, que é preciso o encontro com um fato excepcional, que é preciso ver a correspondência, mas pensamos que se aplica só ao início: o coração serve para reconhecer Cristo, mas uma vez que O reconheci, acabou a partida. Pensamos que não são os fatores da caminhada. E, por isso, muitas vezes, esse trabalho, esse caminho não é feito. E a verificação é que não aumenta a experiência, que não aumenta a autoconsciência.

Para Dom Giussani, estes não são só os fatores do início, mas são os fatores do caminho, e, por isso, marcam todos os passos. Nós o vimos no oitavo capítulo da Escola de Comunidade: ali, Dom Giussani não está falando do que é necessário antes de encontrar o Movimento, de algo que vale para antes do encontro; está falando de dentro do percurso que levou os discípulos a reconhecê-Lo, daquilo que pode facilitar esse reconhecimento. O trabalho de Escola de Comunidade sobre o oitavo capítulo de *Na origem da pretensão cristã* nos mostrou que isso não é nada óbvio. Vimos toda a dificuldade em responder à pergunta: "Quem é Jesus?"; de captar a riqueza existencial e cultural do capítulo, para responder aos desafios do nosso presente; como consequência, o reduzimos facilmente a espiritualismo. Quando estive no Brasil, eu perguntei a um jovem que estava falando da situação da Venezuela: "Mas o que isso tem a ver com o capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*?". E ele me olhou atônito, como se não tivesse nenhuma relação. Se a Escola de Comunidade é reduzida a espiritualismo, esvaziada da sua dimensão histórica, da sua estatura cultural, o que resta? Um texto para fazermos os nossos comentários. Depois, vamos buscar em outro lugar os instrumentos culturais com os quais enfrentar os desafios. Então é melhor fechar logo o livro e ir para outro lugar. Se reduzimos de modo espiritualista o capítulo oitavo, é porque não entendemos o alcance que tem, a novidade que carrega, e, deste modo, nos tornamos parte do problema. Não temos um eu suficientemente desperto para interceptar a novidade.

Então, vamos elencar de novo, sinteticamente, os fatores de um caminho humano.

a) *O coração*

O primeiro fator é o coração, isto é, a consciência de si mesmo, do próprio desejo de significado, o perceber de ter em si – ou melhor: de "ser" – a pergunta: "Como se faz para viver?". O primeiro instrumento de um caminho humano é tomar consciência de si mesmo, do próprio desejo, da necessidade de significado, da necessidade de um objetivo adequado e de um

caminho para alcançá-lo, de uma certeza para enfrentar as circunstâncias, os problemas, as contradições. Porque a vida não vai por si, e sem significado tudo se dispersa, tudo aquilo que acontece não nos serve: podemos ver fatos muito bonitos, mas não nos servem para enfrentar o viver. Dom Giussani sempre identificou o coração como a verdadeira arma que possuímos, mas só se este coração não está reduzido ao sentimento. É esse o motivo pelo qual Dom Giussani insiste no coração, nas nossas exigências, nas nossas perguntas humanas, como documentam tantos episódios da sua vida, como podem ler na biografia escrita por Savorana.

"Quando fiz a primeira reunião de padres", recorda, "o primeiro que se levantou me disse: 'O que você recomendaria a nós, jovens padres?'. 'Que sejam homens!', disse-lhes. 'Como, que sejamos homens?!'. 'Que sejam homens! […] Se são homens, sentem aquilo que é próprio do homem, exigências e problemas típicos do homem, vivem a relação com tudo o que se torna presente e se irradia do presente até vocês'". E o mesmo dizia a uma jovem do Grupo Adulto: "Analogamente lhe respondo: seja humana, viva a verdade da sua humanidade. A sua humanidade não é o que você faz agora, é como Deus a fez fazendo-a nascer no seio da sua mãe quando você era pequena […]. Seja humana, [o que quer dizer] viva a sua humanidade como aspirações, como sensibilidade aos problemas, como riscos a enfrentar, como fidelidade a ter para com aquilo que lhe urge no espírito, que Deus faz urgir no seu espírito desde a origem; e assim […] [vejam a observação que faz: se você tiver essa atitude, se tiver essa urgência] a realidade se apresentará aos seus olhos de modo verdadeiro. Para que Deus possa me responder, corresponder, satisfazer, é preciso que eu seja aquilo que me criou".[120]

Então – ao contrário do que pensamos – a minha humanidade, a sua humanidade não são um obstáculo, um inconveniente, mas a condição para entender. Para dizer isso, para onde Dom Giussani olha? Ao que obedece? Obedece à sua natureza, a como Deus o fez, a como Deus criou a ele e a cada um de nós. E como nos fez? Deus nos fez com "um conjunto de exigências e evidências com as quais o homem é lançado no confronto com tudo o que existe. A natureza lança o homem na comparação universal consigo mesmo, com os outros e com as coisas, dotando-o – como instrumento de tal confronto universal – de um conjunto de evidências e exigências originais, tão originais que tudo o que o homem diz ou faz depende delas".[121] É impressionante que Deus tenha nos lançado para a

[120] L. Giussani, *Si può (veramente?!) vivere così?*, Ed. Bur, Milão 1996, pp. 61-62.
[121] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 24.

arena com tal instrumento, porque com o coração podemos não errar, comparando tudo com ele. Deus nos lança à arena, no confronto com tudo, com este instrumento: o coração.

Podemos, então, compreender o valor crucial da premissa do capítulo oitavo de *Na origem da pretensão cristã*, sobre o qual trabalhamos na Escola de Comunidade. Vale a pena relê-la. Para colher e julgar o valor de uma pessoa, através dos seus gestos, é preciso uma "genialidade humana". Mas essa genialidade humana não é um dote particular, é a nossa própria humanidade, é o sentimento próprio da criatura. Qual é o problema? Que nós, muitas vezes, reduzimos a nossa natureza aos estados de ânimo, e aquela genialidade a uma espontaneidade: "Aquilo que chamamos genialidade religiosa, aquela abertura última do espírito, ainda que brote de dotes naturais diferentes em cada um de nós, é algo em que a pessoa deve se empenhar continuamente. Grande é a responsabilidade da educação: aquela capacidade de compreender, de fato, […] não é espontânea. Se for tratada com espontaneidade, a base de sensibilidade de que dispomos originalmente será sufocada; reduzir a religiosidade à pura espontaneidade é a forma mais sutil e definitiva de persegui-la, de exaltar os seus aspectos flutuantes e provisórios, ligados a um sentimentalismo contingente. [Então, se nós não nos empenhamos,] se a sensibilidade pela nossa humanidade não for constantemente solicitada e ordenada, nenhum fato, nem mesmo o mais evidente, encontrará uma correspondência [nenhum fato nos falará; podem até acontecer fatos excepcionais, mas não servem para aprendermos, para aumentar a relação com nada, tudo é inútil]. Todos já experimentaram a sensação de obtusa estranheza ante a realidade, que se experimenta quando nos deixamos levar pelas circunstâncias, quando não fizemos nenhum esforço: as coisas, as palavras e os fatos, que antes se nos apresentavam como razões claras, naquela ocasião deixam de fazê-lo, e repentinamente não são mais compreensíveis".[122] E a pessoa fica com a impressão de estar sempre começando do princípio, como se tudo o que acontece não servisse para nada.

Portanto, o primeiro passo, o primeiro fator de um caminho humano, é levar a sério essa minha humanidade, empenhar-me constantemente com ela, aceitar participar de um lugar para ser educado a ter consciência dela. Convidando-nos a essa comparação constante, Dom Giussani está apenas seguindo Jesus, que por sua vez confirma quanto Deus fez ao dar-nos aquele conjunto de evidências e exigências originais.

Se não nos empenhamos com a nossa humanidade, se não escutamos as perguntas últimas postas por Jesus ("Com efeito, que adianta

[122] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 121.

ao homem ganhar o mundo inteiro, mas perder a sua vida? O que um homem pode dar em troca da sua vida?"[123]), são obstruídas as experiências humanas mais significativas, como recordamos esta manhã. A nossa humanidade é reduzida aos aspectos de mais mudanças, aos sentimentos, aos estados de espírito. Infelizmente é a este emaranhado de sentimentos, de alterações de humor que tantas vezes é reduzido o nosso eu. Nesta situação, então, pode-se chegar a dizer: "Não sou capaz de entender a minha humanidade como recurso para o meu caminho, o coração não é um critério infalível para julgar". Significa que se verificou uma grave debilitação da consciência, da percepção do próprio desejo e da própria capacidade crítica: de fato, o exercício de julgar tornou-se mais frágil e incerto pela redução do desejo, que é o critério de juízo.

Veio à minha mente com que precisão Dom Giussani descreveu a diferença entre os jovens que ele encontrou nos anos Cinquenta e a geração dos jovens trinta anos mais tarde, nos anos Oitenta (imaginem tudo o que aconteceu desde então, o quanto esta situação piorou, mesmo relativamente àquela em que eu me encontrei quando conheci o Movimento há trinta anos): "A diferença [está] numa maior fraqueza de consciência que agora se tem"[124], e que se vislumbra nos jovens de hoje.

Em que consiste essa fraqueza de consciência? Falta a consciência do fato de que eu tenho um critério de juízo, portanto não há a consciência de que posso julgar e de que esse critério é infalível; como consequência, tenho necessidade de uma confirmação externa para ter a certeza de alguma coisa que eu viva. Trata-se disto, diz Dom Giussani: "não é uma fraqueza ética [não é que agora sejam mais incoerentes do que antes], é uma fraqueza de energia da consciência";[125] é uma fraqueza relativa ao próprio dinamismo da consciência. Portanto, contentamo-nos com qualquer tentativa de resposta, de tanto que o eu está reduzido. O desconcerto é fruto dessa redução do eu.

Por que isso também aconteceu conosco? Pela "influência nefasta e decisiva do poder, da mentalidade comum". Em que consiste essa influência do poder? Não devemos pensar em não sei que estratégia. O poder é o instrumento de múltiplas formas por meio do qual é reduzido o desejo do homem. "O poder, de fato, […] como instrumento, o que faz? Tende a reduzir o desejo [quer dizer, as nossas exigências elementares]. A redução dos desejos ou a censura de certas exigências, a redução dos desejos e das

[123] *Mt* 16,26.
[124] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, Ed. Bur, Milão 2010, p. 181.
[125] *Idem*.

exigências é a arma do poder."[126] O poder não pode eliminar o que temos estruturalmente em nós, como natureza, ou seja, a nossa expectativa original e a nossa desproporção estrutural relativamente a ela, mas pode reduzi-la, despojá-la da sua simplicidade. E muitas vezes o faz com a nossa conivência. Dom Giussani descrevia isso com esta imagem: "É como se os jovens de hoje tivessem sido todos atingidos […] pelas radiações de Chernobyl: o organismo, estruturalmente, é igual ao que era antes [não se vê nenhuma mudança aparente], mas, dinamicamente, já não é o mesmo", como se o organismo não tivesse mais energia, por efeito das radiações. E depois diz esta frase, que devíamos ter sempre nos olhos: "É como se [digam se não é verdade] já não existisse nenhuma evidência real a não ser a moda, porque a moda é [um instrumento,] um projeto do poder."[127] Se muitas vezes prevalece em nós a dúvida, a suspeita, é porque já não existe uma evidência real.

Imaginem o que quer dizer viver sem uma evidência real à qual agarrar-se! É o alastrar da confusão. Não é por não sermos suficientemente bons: atenção, aqui espreita uma tentação, a de reduzir a observação de Giussani ao fato de não sermos bastante bons, ou coerentes, ou à altura. Não, a debilidade de que Dom Giussani fala não tem nada a ver com a coerência ética, tem a ver com a consciência, ou seja, com a capacidade de dar-se conta das coisas: aqui trata-se da evidência. Ele diz, com efeito, que é como se hoje já não houvesse nenhuma evidência real. Basta que cada um se observe em ação e encontrará muitos exemplos disto.

Podemos compreender, então, por que também o anúncio cristão "custa muito mais para se tornar vida convicta, vida e convicção".[128] Por isso, amigos, ou nos armamos de paciência, temos a calma e a paciência de percorrer o caminho – porque é como se tivéssemos partido com esta falta na origem, nascemos nesta situação −, e nos damos todo o tempo necessário para que aquilo que nos foi anunciado se torne convicção, ou depressa ficaremos desiludidos. Nós, normalmente impacientes, desejamos que aconteça logo tudo, queremos imediatamente ver os resultados de cada esforço nosso. Mas como as coisas não acontecem com a rapidez que nós gostaríamos, ficamos desiludidos com o método de Deus e procuramos algum atalho que nos leve mais depressa a alcançar o objetivo. Eis como reaparece a utopia. A nossa ingenuidade sempre nos faz sonhar com outros caminhos, segundo nós, mais eficazes.

---

[126] *Idem,* pp. 181, 253-254.
[127] *Idem*, pp. 181-182.
[128] *Idem*, p. 181.

Nessa situação, é necessário tempo, ao passo que nós somos a geração do "aqui e agora" − estamos habituados a colocar a moeda na máquina e ver cair a Coca-Cola −; para nós, é mais complicado aceitar o tempo do caminho (as gerações anteriores estavam mais habituadas ao fato de que a vida fosse mais lenta; as comunicações eram mais lentas; agora, se a conexão da Internet exige mais dois minutos, se não ficamos imediatamente conectados, ficamos irritados!). No entanto, não devemos nos assustar com isso.

A consequência da debilidade descrita é que, diz Dom Giussani, "não é verdadeiramente assimilado aquilo que se escuta ou se vê. Aquilo que nos circunda, a mentalidade dominante […], o poder, cria [em nós] um estranhamento em relação a nós mesmos". É como se nos fosse arrancado o nosso ser: "Permanecem, de um lado, abstratos na relação consigo mesmos [não apenas com os outros, mas também com nós mesmos; pensemos por quanto tempo cada um de nós é capaz de ficar sozinho consigo mesmo e de fazer silêncio: devemos logo fugir, nos distrair; há uma espécie de incapacidade de sentir-se na própria casa consigo mesmo], como se estivessem afetivamente descarregados, […] de outro lado, por contraposição [atenção!], refugiam-se na companhia, como se fosse uma proteção".[129] Ficamos refugiados no lar "à Pascoli",[130] para evitar o frio.

Aqui aparece de novo toda a potência e toda a grandeza da graça que é Dom Giussani para nós. O primeiro fator de um caminho humano, que ele nos indica – comunicando-nos qual foi a sua história, a experiência da sua humanidade, do seu humano –, tem a ver com a possibilidade de interceptar a resposta à pergunta sobre como viver. A maior emergência educativa refere-se a esta falta de evidência real de que falou. Como vemos com os jovens, como veem com os filhos, é inútil carregá-los de determinados conteúdos se, em primeiro lugar, não contribuirmos para fazer emergir na consciência deles essa evidência real: qualquer brisa fará voar tudo o que plantamos!

Como sair dessa situação? São poucas as propostas em circulação! No melhor dos casos, estamos aptos a fazer a análise de alguns sintomas do problema, mas quando se trata de fornecer uma possibilidade de recuperação, há uma debilidade inaudita na proposta. O único recurso disponível para quem ainda não quer se render é o moralismo: estabelecemos regras! Mas é suficiente? Cada um poderá ver na sua vida. Perguntemo-nos então: haverá alguma esperança para nós, assim como somos,

[129] *Idem*, pp. 181-182.
[130] Cfr. G. Pascoli, "Il focolare", in *Poesie*, Garzanti, Milão 1994.

com as debilidades que temos, no ponto em que nos encontramos, não no início, não antes de encontrar Cristo, não antes de encontrar o Movimento, mas agora, no meio da travessia? Haverá esperança para nós?

b) *Um fato*

Sim, há esperança. Documentam diante dos nossos olhos as mulheres com as quais a Rose se relaciona, na Uganda, porque certos fatos falam mais do que todas as nossas objeções, pulverizam-nas: podem ter Aids, podem ter perdido até a vontade de viver, pode ter se ofuscado nelas até mesmo a consciência do valor da vida delas, porém, no encontro com a Rose, aconteceu nelas algo graças ao qual foram recuperadas e retomadas, a vida delas recomeçou; reencontraram a vontade de tomar os remédios, porque a vida readquiriu um sentido e querem vivê-la. O mesmo aconteceu na prisão: mesmo ainda tendo tantos anos de cárcere para cumprir, a sua vida recomeçou porque alguém o olhou de maneira diversa: "Nunca me senti olhado assim". Ou o deficiente que não encontrava trabalho, como dizíamos esta manhã, recomeçou a viver porque os amigos que encontrou lhe permitiram descobrir um início, um objetivo, um sentido.

Então, o que esses casos que ouvimos contar tornam evidente? "O que estou para dizer não é uma resposta [que se aplica só] à situação em que vivemos", diz Giussani. "O que estou dizendo é uma regra, uma lei universal que existe desde [e até] que o homem é homem: a pessoa se acha num encontro vivo, ou seja, com uma presença com que se depara e que suscita uma atração, em uma presença" que comporta esta afirmação: "Aquilo de que é feito o seu coração existe".[131] É precisamente isso que, desde o início, Madalena e Zaqueu vislumbraram, e os fez sentirem-se logo conquistados: "Aquilo de que é feito o seu coração existe". Por que sei que existe? Porque se não, não me sentiria conquistado. De fato, são muitas as coisas que acontecem; mas coisas que nos prendam são pouquíssimas.

Este é o sinal de que se dá o acontecimento cristão: que ressuscita e potencializa aquilo que se ofuscou, o núcleo das evidências originais do eu. O sinal mais potente da presença de Cristo é essa capacidade de fazer ressurgirem as evidências originais pelas quais o nosso coração é constituído. Esse coração, que tantas vezes está adormecido, sepultado sob montes de escombros, sob mil distrações, é despertado, você é provocado a um reconhecimento: existe, o coração existe, o seu coração existe. Você tem um amigo, descobre um amigo para a sua vida quando isso acontece,

[131] L. Giussani, *L'io rinasce*…, op. cit., p. 182.

quando você se encontra diante de alguém que o desperta a si mesmo. Isto é um amigo, todo o resto não deixa rastro.

Mas essa também é a lei da redescoberta das evidências, das dimensões verdadeiras do humano, dos "valores", é o caminho de uma consciência da própria experiência elementar: também para nós teve – e tem – de acontecer esse "encontro vivo", essa provocação; e o que é necessário para nós é necessário para qualquer pessoa. O eu reencontra-se a si mesmo, o nosso coração desperta, no encontro com uma presença que traz consigo a afirmação: "Aquilo de que é feito o seu coração existe; veja, em mim, por exemplo, existe".[132] E essa é a prova comprovada de que o seu coração existe: caso contrário, o amigo não poderia despertá-lo. Para que o eu se reencontre, não é preciso nenhuma estratégia, mas simplesmente se impactar com uma presença com as características referidas.

Por isso Giussani, à pergunta: "A sua proposta pedagógica parte do senso religioso do homem; é assim?", responde: "O coração da nossa proposta é, ao invés, o anúncio de um acontecimento que surpreende os homens do mesmo modo com o qual, há dois mil anos, o anúncio dos anjos em Belém surpreendeu os pobres pastores. Um acontecimento que vem antes do que qualquer consideração sobre o homem religioso ou não religioso. É a percepção deste acontecimento que ressuscita ou potencializa o senso elementar de dependência e o núcleo de evidências originais às quais damos o nome de 'senso religioso'".[133]

Que cegueira quando não vemos que é um dom deparar-se com uma presença, mesmo que eu ainda esteja um pouco adormecido, mesmo se ainda não aconteceu em mim aquilo que vejo nela, mesmo se ainda não é meu aquilo que ela vive! O fato de um coração desperto acontecer em outro, que eu o veja nele, é uma graça e uma possibilidade para mim: significa que é possível! Se aconteceu às mulheres da Rose, é possível para você. Se aconteceu ao prisioneiro, é possível para você. Se aconteceu ao amigo, ao último a chegar, é possível para você. É possível para você, é possível! E nenhuma afirmação, nenhum raciocínio, nenhuma interpretação, nenhuma estratégia do poder pode evitar que uma pessoa esteja ali, diante de você, viva e presente, com um coração desperto. Ninguém pode tirá-lo. É como a luz, a pequena chama de um isqueiro: toda a escuridão ao redor dela não é capaz de anular a luz do isqueiro. Por isso o poder se irrita, porque nenhum poder, nenhuma escuridão, pode eliminar aquela luz. É essa a graça de Dom Giussani para nós.

---

[132] *Idem*.

[133] L. Giussani, *Un avvenimento di vita, cioè una storia*, Edit-Il Sabato, Roma 1993, p. 38.

Dom Giussani, para nós, foi essa luz: descobrimos que temos um coração porque vimos que existia nele.

Continua Dom Giussani: "Paradoxalmente, essa originalidade da sua vida, você a encontra quando se dá conta de possuir em você [atenção!] algo que encontra em todos os homens [a coisa mais desconcertante é que aquilo que é mais pessoal, é algo que eu compartilho com qualquer homem] e que verdadeiramente o faz falar com qualquer um, que faz com que você não seja estranho a nenhum homem".[134] O homem redescobre a própria identidade original deparando-se com uma presença que suscita uma atração, porque realiza "uma correspondência à vida segundo a totalidade das suas dimensões. Em suma, a pessoa volta a encontrar a si mesma quando abre espaço nela para uma presença […] que corresponde à natureza da vida, e, assim, o homem não fica mais na solidão. […] Normalmente, ao invés, o homem, dentro da realidade comum, como 'eu', fica na solidão, da qual busca fugir com a imaginação [e os discursos]. Essa presença [que corresponde à vida] é o contrário da imaginação, exatamente o contrário".

O encontro que permite ao eu redescobrir-se a si mesmo não é "um encontro cultural, mas vivo, ou seja, não [é] um discurso feito, mas algo vivo, que se pode descobrir, inclusive, ouvindo uma pessoa falar, entendamos bem; mas quando aquela pessoa fala é algo vivente com o qual você se coloca em relação […]: 'Não [é] um encontro cultural, mas existencial'".

Tal encontro tem duas características que o tornam reconhecível, que constituem a sua verificação inconfundível (Giussani nos fornece todos os sinais para podermos julgar por nós mesmos, não quer nos enganar): ele introduz na vida "uma dramaticidade, que implica […] a urgência de que algo mude na sua vida; e, ao mesmo tempo, [introduz] […] ao menos uma gota de letícia: mesmo na condição mais amarga, ou na constatação da sua mesquinhez, uma letícia! Em suma, [para usar outra expressão, aquilo que deve acontecer para que o eu se redescubra é] […] 'um encontro evangélico', ou seja, um encontro que reconstitua a vitalidade do humano, como o encontro de Cristo com Zaqueu".[135]

Dizia uma amiga depois de ter nos conhecido: "Nunca pensei no que seria da minha vida sem uma verdadeira reviravolta, sem algo, ou melhor, alguém que fizesse sair de mim o verdadeiro eu. Mas aconteceu". O que foi que lhe aconteceu? "Deparar-me com um olhar sobre mim e com uma atenção que nunca antes tinha recebido".

---

[134] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 183.
[135] *Idem*, pp. 183-184.

O que foi que aconteceu à nossa amiga? Agora podemos descrevê-lo com precisão: "O *encontro* com um fato objetivo, originalmente independente da pessoa que faz a experiência; fato cuja realidade existencial é a de uma comunidade sensivelmente documentada, assim como acontece com qualquer realidade integralmente humana; comunidade para a qual a voz humana da autoridade, nos seus juízos e indicações, constitui critério e forma. Não existe versão da experiência cristã, por mais interior que seja, que não implique, pelo menos em última instância, esse encontro com a comunidade e essa referência à autoridade".[136]

O que foi que a impressionou? Um olhar nunca antes encontrado. O mesmo que impressionou os contemporâneos de Jesus. As histórias nos são familiares: Zaqueu, Madalena, Mateus… Todos foram chamados pelo nome. É isso que aparece a cada página do Evangelho.

Aqui mostra quem Ele é, porque "só o divino pode 'salvar' o homem", ou seja, olhá-lo sem reduzi-lo, pode salvar as dimensões verdadeiras e essenciais do homem. Só o divino consegue que sejamos nós mesmos. Só o divino faz "sair de mim o verdadeiro eu". Deste modo, Cristo se manifesta por aquilo que é. É isso que as mulheres da Rose reconheceram, ou o prisioneiro, ou o deficiente, porque "o fator fundamental do olhar de Jesus Cristo é que no homem existe uma realidade superior a qualquer realidade sujeita ao tempo e ao espaço. O mundo inteiro não vale tanto quanto a menor pessoa humana; ela não pode ser comparada a nada no universo, desde o primeiro instante da concepção até o último passo da velhice".[137]

Portanto, "um encontro é o que suscita a personalidade, a consciência da própria pessoa ['o verdadeiro eu']. O encontro não 'gera' a pessoa (a pessoa é gerada por Deus quando nos dá a vida, por intermédio de nosso pai e de nossa mãe); mas é num encontro que eu me dou conta de mim mesmo, que a palavra 'eu' ou a palavra 'pessoa' é despertada. […] É num encontro que o eu desperta da sua prisão em seu útero original, desperta de seu túmulo, de seu sepulcro, de sua situação fechada da origem e – por assim dizer – 'renasce', toma consciência de si. A consequência de um encontro é a suscitação do sentido da pessoa. É como se a pessoa nascesse: não nasce ali, mas, no encontro, toma consciência de si; portanto, nasce como personalidade".[138]

Mas como eu posso dizer que é verdadeiro esse fato, esse encontro? Como posso dizer que é a resposta ao "como se faz para viver"? Como

[136] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 90.
[137] L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 123.
[138] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., pp. 206-207.

posso dizer que é a resposta também aos desafios sociais que temos de enfrentar sem ceder de novo à utopia?

c) *A experiência*

Terceiro fator: a experiência. Não bastam o coração e o fato. É necessária a sua "correlação"[139] (diria Bento XVI): tenho que perceber a correspondência entre o fato e o coração, ou seja, tenho que perceber que o fato responde às minhas exigências, às minhas necessidades. E onde posso eu deduzir se este fato responde às minhas exigências? É na experiência que eu deduzo se o encontro serve para responder à pergunta: "Como se faz para viver?". Na verdade, a realidade daquele fato torna-se evidente na experiência, nela se torna evidente por aquilo que é, se dá a conhecer pelo que é.

"A coisa mais importante que eu disse na minha vida", diz Giussani, "é que Deus, o Mistério, se revelou, se manifestou aos homens até o ponto de se fazer objeto da sua experiência. O Mistério *também* se torna objeto da nossa experiência, […] identificando-se com um sinal que é feito de tempo e de espaço".[140] Por isso, "na medida em que Jesus, como Deus, não se torna experiência, não entra na nossa experiência, não podemos reconhecê-lo adequadamente, com aquela solidez, ainda que com dificuldade, com aquela sugestão, ainda que como um enigma, com que a realidade se apresenta aos nossos olhos".[141]

A experiência, como vimos, não é só o deparar-se do eu no fato, como impacto mecânico, porque isso não nos faz crescer, não deixa rastro. Ela implica o confronto entre o fato e o coração, no qual emerge o juízo, e implica o dar-me conta da presença de outro fator que torna possível a realidade que me maravilha. A experiência é provar o fato, julgado por aquele conjunto de evidências e exigências originais a que chamamos "coração" e que encontramos em nós. Por que tantos fatos excepcionais, que até vemos, não nos servem para incrementar a relação com Ele? Por esta falta de juízo. É como se não se aprendesse nada com o que se vê, com o que se vive.

Portanto, no caminho humano, é necessário este fator que se chama "experiência". Sem juízo, não há experiência (ainda que muitas vezes designemos assim o simples provar) e não haver experiência não é algo secundário: aquilo que não se torna experiência não deixa rastro, não deixa

[139] Cf. Bento XVI, *Discurso ao Parlamento Alemão de Berlim*, 22 de setembro de 2011.
[140] L. Giussani, *L'autocoscienza del cosmo*, Ed. Bur, Milão 2000, pp. 164-165.
[141] Cf. L. Giussani, "Viver a razão", *Passos-Litterae communionis*, fevereiro 2006, p. 1.

nada, a não ser um impacto sentimental. A consequência é que, perante qualquer novo desafio, estamos sempre no mesmo ponto, desarmados como da primeira vez. Então, a um dado momento, há quem diga: por que estou aqui perdendo tempo, se aquilo que vivo não serve para a minha vida? As pessoas ficam desiludidas.

Sem experiência, não se incrementa o nosso eu, não cresce a nossa pessoa. "A experiência deve ser verdadeiramente isto, ou seja, julgada pela inteligência." Só assim pode deixar rastro e ser " tutelada pela memória".[142]

"Na semana passada, fui jantar na casa de um amigo, cuja família é do Movimento há muitos anos. Assim que começou o jantar, o pai conta como uma velhinha teve de ficar de pé no ônibus, enquanto um rapaz, apesar de tê-la visto, não lhe cedeu o lugar para sentar. A pretexto deste pequeno episódio, diz: 'Realmente o que falta à sociedade de hoje são valores'. A discussão prossegue e, a certa altura, pergunto: 'Mas na sua opinião, de onde nascem os valores?'. 'Essa é uma boa pergunta', responde. Num relance, vi o fato de que, na minha experiência, é evidente que o desejo e a capacidade de abraçar o mundo nascem e permanecem no encontro (misterioso, mas real) com Cristo, que me segura e dilata a medida do meu coração, tornando digna de atenção e compaixão para com uma estranha no ônibus. Fazendo o percurso com eles, ambos os pais perceberam que os valores nascem de um encontro que vem antes, que é a fonte dos valores. Foi num instante que notei que tinham percebido. Tinham feito a experiência, mas era uma experiência ofuscada! Precisava ser trazida à superfície. Não lhe puseram uma etiqueta, isso percebia-se do clima que se criou à mesa. Um clima verdadeiro, sincero, vivo. A mãe contou como conheceu o Movimento quando jovem e concluiu dizendo: 'É mesmo necessário um encontro humano que desperte o coração!'. No fim da discussão, notamos que a principal responsabilidade que temos para mudar a sociedade é começarmos nós a viver este encontro que desperta o humano (explodiu em mim o desejo de viver sempre mais cheio d'Ele), na esperança de que, depois, através de nós, se dilate aos outros 'passageiros do ônibus'. É misterioso, porque se trata de uma medida e de um tempo que não são os meus, mas é evidentemente a única hipótese razoável."

A este respeito, durante uma Equipe dos universitários, Dom Giussani conta (também podem ler na sua biografia) um episódio que se passou com ele quando acabava de ser ordenado padre: "Descobri isso começando a confessar sendo um jovem padre. Dizia para mim mesmo: 'Olha só estas pessoas que me vêm a dizer todas estas coisas do outro mundo; vêm

[142] L. Giussani, *O senso religioso*, op. cit., p. 131.

falar comigo que tenho vinte e três anos: por que não vão falar com os que já viram tudo e mais alguma coisa, de sessenta ou setenta anos? Porque eles não têm experiência, ao passo que eu, diante do material que me dão, uso um instrumento ideal, quer dizer, julgo' [faço a comparação entre o que me dizem e as minhas exigências originais; e as pessoas voltam porque tinham encontrado alguém que as ajudava a fazer um caminho, ao passo que outros faziam comentários, diziam impressões, mas não as ajudavam; iam à procura dele, um padre de vinte e três anos: outros, de sessenta ou setenta anos, como não tinham feito essa comparação, não tinham nada a dizer]. Então, fazer experiência quer dizer: 'Provar julgando'. Esse é o ponto fundamental, porque o ideal o faz compreender também o que outro prova, não necessariamente o que você prova; identifica-se com o outro propriamente do ponto de vista ideal: permite que você julgue e, assim, lhe dá a capacidade de mudar. Isso é a experiência. [E acrescenta uma coisa crucial para nós – atenção!] A nossa companhia, ou se torna experiência [um lugar onde constantemente somos convidados a experimentar, onde verdadeiramente experimentamos] ou realmente se torna perigosa [perigosa, sim!]: porque se está como ovelhas".[143] Esse é o ponto fundamental. A nossa companhia ou se torna experiência ou realmente se torna perigosa, porque se está como ovelhas. Porém, quando alguém começa a julgar, tudo se torna parte do caminho.

Em que podemos ver que encontramos resposta à pergunta "Como se faz para viver"? Surpreendamo-lo em ação, noutro testemunho: "Durante dezoito anos, a minha vida foi inconsistente, não tinha consciência de quem era. Desperdicei o tempo que me era dado! No ano passado, com o início da minha experiência universitária, conheci o CLU. Fiquei estarrecida como jovens exatamente como eu saboreavam o estudo, a comida, o canto, o estar juntos. Ações normalíssimas, mas impregnadas de alguma coisa diferente que me fascinou. Alguns em particular me avassalaram pelo modo de enfrentar as circunstâncias da vida deles e pela forma como olharam para mim, apesar das minhas limitações. Eu os seguia porque queria viver como eles e, assim, confiei nos rostos que tinha diante de mim, começando a afeiçoar-me a eles; mas pontualmente era tomada por uma grande tristeza. Sentia uma falta. Estava triste porque não tinha conseguido entrar na faculdade que desejava. Depois consegui, finalmente. Mas nada me bastava, nem isso. Penso que cresci, porque começo a colocar-me perguntas e a refletir: Posso ser assim tão frágil que não

[143] L. Giussani, *Certi di alcune grandi cose (1979-1981)*, Ed. Bur, Milão 2007, pp. 248-249.

aguente as circunstâncias e as mudanças? Por que sentir constantemente uma falta? Quem pode me realizar? Cada dia é a descoberta de uma grande necessidade d'Ele. O que me faltava não era a faculdade que queria! Ele me pede que diga sim a Ele, não aos rostos que foram para mim Suas testemunhas. Não quero me enganar nem desperdiçar mais nenhum instante na minha vida, porque desejo alcançar a certeza de que Cristo é o centro da minha vida".

No que essa jovem reconheceu ter encontrado a resposta à pergunta sobre como viver? "Durante dezoito anos, a minha vida foi inconsistente, não tinha consciência de quem era. Desperdicei o tempo que me era dado!" E o que aconteceu, a certa altura? Um encontro, o deparar-se num fato: "Ações normalíssimas, mas impregnadas de alguma coisa diferente que me fascinou". E por que a fascinou? Porque correspondia à sua espera, àquilo que desejava. Por isso "a consciência *da correspondência* entre o significado do Fato com o qual a pessoa se depara e o significado da sua própria existência"[144] é a questão decisiva. Consequentemente, a pessoa se dá conta de ter encontrado a resposta à pergunta "Como se faz para viver?" porque o encontro feito corresponde às exigências do coração, tanto é assim que suscita a consciência de si: "Penso que cresci, porque começo a me colocar perguntas e a refletir".

Depois, a nossa amiga fica desconcertada porque sente uma falta persistente. Mas é precisamente essa falta que demonstra o que aconteceu com ela: o encontro redespertou toda a sua exigência humana. É exatamente o sinal de que esse encontro responde à nossa espera: faz-nos sair da redução, do túmulo. Isso aconteceu através de quê? Através de ações normalíssimas. E o que são estas "ações normalíssimas, mas impregnadas de alguma coisa diferente que me fascinou"? Vimos na Escola de Comunidade, e é belíssimo: a "revelação da divindade que se manifesta na existência viva de Jesus, não com manifestações ruidosas e grandiosos feitos, mas com um contínuo e silencioso transcender dos limites e possibilidades humanas. [Aquilo que parecia somente] […] uma naturalidade benéfica […] acaba por revelar-se simplesmente como um milagre […], um passo silencioso que transcende os limites das possibilidades humanas, mas muito mais portentoso que a imobilidade do sol e o tremor da terra!". [145]

Assim podemos perceber adequadamente o significado daquele encontro: "O valor do fato com que a pessoa se depara transcende à força de penetração da consciência humana, requer também um gesto de Deus para

[144] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., p. 90.
[145] R. Guardini in L. Giussani, *Na origem da pretensão cristã*, op. cit., pp. 90-91.

sua compreensão adequada. Com efeito, o mesmo gesto com que Deus se torna presente ao homem no acontecimento cristão exalta também a capacidade cognoscitiva da consciência, ajusta a agudeza do olhar humano para a realidade excepcional que o provoca. Chama-se *graça da fé"*.[146] Compreendo, então, o alcance que tem para a vida.

Como aumenta a certeza?

d) *A verificação*

Último fator deste caminho humano: a verificação. Tudo o que nos acontece, as circunstâncias que temos de enfrentar, os gestos que propomos são a ocasião para conhecer (reconhecer) melhor aquilo que responde à pergunta da nossa vida, e, portanto, para "verificá-lo". Este é o nosso supremo interesse, de fato: o crescimento do eu, a geração de um sujeito consistente, livre, criativo. Mas qual é o problema? Pergunta-se Dom Giussani: "Por que, para muitos, CL se torna uma desilusão? Porque, uma vez que entraram, é como se tivessem encerrado [a partida], é como se tivessem chegado." Contudo, o encontro assinala "o início da aventura. A aventura começa quando a pessoa é despertada pelo encontro".[147] Toda a aventura começa aqui, o melhor começa nesse momento. Assim foi para Dom Giussani: "'Eu era um jovem seminarista, um rapaz obediente, exemplar, até que um dia aconteceu algo que mudou radicalmente a minha vida'. O episódio é o […] do professor [padre Gaetano Corti] lendo o Evangelho de João. 'A minha vida foi literalmente investida por isto: seja como memória que, persistentemente, se repercutia no meu pensamento, seja como estímulo a uma reavaliação da banalidade quotidiana. O instante, desde então, nunca mais foi banalidade para mim. Tudo aquilo que era – portanto, tudo aquilo que era belo, verdadeiro, atraente, fascinante –, mesmo como possibilidade, encontrava naquela mensagem a sua razão de ser, como certeza de presença em que era a esperança de tudo abraçar. O que me distinguia de quem me rodeava era a vontade e o desejo de compreender. É este o terreno no qual a nossa devoção à razão nasce.' Tal descoberta não abandonará Giussani nunca mais: 'A grandeza da fé cristã, sem comparação alguma com qualquer outra posição, é esta: Cristo respondeu à pergunta humana. Por isso têm um destino comum quem aceita a fé e a vive e quem, não tendo fé, se afoga dentro da pergunta, se desespera na pergunta, sofre na pergunta'". [148]

---

[146] L. Giussani, *Educar é um risco*, op. cit., pp. 90-91.
[147] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 207.
[148] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p. 47.

Por isso, "a realidade não é para arquivar [porque agora já O encontramos. Pelo fato de tê-Lo encontrado] […] temos tudo, mas o que seja este tudo [qual seja o valor daquilo que encontramos] nós o compreendemos […] no encontro com as circunstâncias, com as pessoas, com os acontecimentos. Não é preciso arquivar nada, […] nem censurar, esquecer, renegar nada. [Porque] […] o que significa este 'tudo' é algo que entendemos no juízo, enfrentando as coisas".[149] Como aconteceu com você: você não descobriu o que significava a sua mãe fazendo uma meditação sobre a maternidade, mas enfrentando o medo, a fome, as necessidades, a solidão, na relação com ela: assim entendeu o que significava a mãe. Sem essa verificação constante do que significava a sua mãe para o seu viver, não teria ficado tão fortemente apegado a ela, não teria entendido o significado da sua presença para você. Portanto, uma vez acontecido o encontro com Cristo nós, se paramos em vez de fazer constantemente a sua verificação, enfrentando qualquer desafio ou urgência do viver a partir do encontro, não podemos perceber o bem que nos aconteceu, a graça que recebemos.

A quem se revelará? Quem descobrirá o seu valor? Só quem se joga e verifica, diante de qualquer desafio, quem é Aquele que encontramos. Apenas posso compreender que Cristo responde à pergunta "Como se faz para viver?" fazendo este percurso: quanto mais o fazemos, mais estamos certos daquilo que vivemos, e tudo cimenta a relação com Ele, incrementa a consciência de ter encontrado aquilo com que posso ver qualquer coisa, entrar em qualquer circunstância, em qualquer escuridão.

3. O método: o seguimento

Tendo visto todos os fatores, os passos deste caminho, vamos ao último ponto.

Qual é o método com que tudo isso se torna cada vez mais nosso? O seguimento. É seguindo o que encontramos que podemos constantemente verificar como responde às exigências do viver. O seguimento é o caminho que Pedro fez: empenhando-se na convivência com Jesus, aos poucos, tropeçando, errando, viu como crescia a sua pessoa.

"André levou o irmão Simão até Jesus, subindo uma breve ladeira antes de chegar a uma pequena casa. Simão estava com os olhos fixos naquele indivíduo que o esperava a uma certa distância; estava cheio da-

[149] L. Giussani, *L'io rinasce in un incontro (1986-1987)*, op. cit., p. 55.

quela curiosidade que caracteriza o homem quanto menos é 'educado' e quanto mais é rico de vitalidade. Quando se viu ali, a três ou quatro metros, a forma como Ele o olhava, jamais esqueceria! […] 'Ninguém jamais me olhou assim!'. Ficou dominado por um fenômeno que, no vocabulário, chama-se maravilha. Tanto que se sentiu imediatamente apegado [ligado àquele homem]. Se tivesse estourado uma revolta na praça contra aquele homem, ele teria tomado o partido daquele homem, mesmo que tivesse que morrer (você também faria o mesmo: não poderia deixá-lo!). […] No dia seguinte, ao invés de ir cuidar dos seus deveres, isto é, pescar, correu para uma cidade próxima dali, porque soube que [Ele estava lá]. […] E, de fato, estavam ali umas trinta pessoas; colocou-se no meio delas para olhá-Lo falar. […] Era como no dia anterior, quando lhe disse: 'Simão, filho de João, tu te chamarás Pedro', revelando todo o seu caráter profundo e constitutivo. […] Algum tempo depois, aquele homem, que já tinha se tornado seu amigo […], tinha-os convidado para uma festa de casamento. E tinha mudado a água em vinho. […] Como não se sentir ligado, mãos e pés, àquele homem? [Quem era?] Quem era como aquele homem?"[150] E todos os dias vinha para casa diferente. Não há necessidade de confirmação. Não há necessidade de confirmação quando tudo já confirma, quando há uma evidência que tudo confirma. A confirmação está na própria experiência: vinha para casa mudado, diferente. E esta surpresa é revivida no dia seguinte e uma semana mais tarde. Dia após dia, agravava-se a evidência de uma simpatia, de uma adesão, de uma confiança, de uma certeza, tanto que, quando naquela noite, na sinagoga de Cafarnaum, Jesus disse aquela coisa incompreensível para o homem: "Eu lhes darei a minha carne para comer", e todos: "Este aqui é doido", e logo em seguida se voltou para eles dizendo: "Também quereis ir embora?", São Pedro deu aquela resposta impulsiva: "Nós também não compreendemos o que tu dizes, mas se nós formos embora de ti, aonde iremos? Não há nada igual a ti, só tu tens palavras que explicam a vida, que dão sentido à vida".[151]

O sim de Simão no lago de Tiberíades é o prosseguimento deste apego, desta maravilha, desta admiração que durou dois anos, três anos; e depois, também, nem sempre Simão acertou com a resposta justa. Quando Jesus disse pela primeira vez que o Filho do homem teria de sofrer muito, ser censurado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes, pelos escribas e depois ser morto, São Pedro ainda não tinha cometido um erro

[150] L. Giussani, "O sim de Pedro", op. cit., pp. 22-23.
[151] Cf. *Jo* 6,53-69.

grave, portanto sentia-se seguro, tranquilo no seu sentimento, e disse que antes lhe cortassem a cabeça. Mas Jesus respondeu: "'Afasta-te de mim, Satanás! Porque não queres que eu faça aquilo que o meu Pai quer, mas aquilo que achas certo'. Que humilhação! Mas o resultado era que se apegava ainda mais"[152] a Ele. A sua relação com Jesus era "cheia de estima […], [nascida] como juízo, como gesto da inteligência que arrastava consigo o coração, […] feito […] de uma ternura, tanto que ele e os outros prefeririam que passassem por cima do seu cadáver a traí-Lo (e O traíram! Prefeririam que passassem por cima dos seus cadáveres a traí-Lo, mas O traíram, até isso!)".[153] E "naquele momento, o galo cantou pela terceira vez. Jesus saiu da sala arrastado pelos soldados […], olhando na direção de Simão Pedro. Este, que estava lá num canto esperando, seguindo o burburinho, O viu. E 'chorou amargamente'". Pedro "voltou-se para Cristo com o coração despedaçado, com a consciência da própria mesquinhez e patifaria: [um] patife, poderíamos dizer: um 'pecador'". E "Pedro, no tribunal de Pilatos, era um homem esmagado pela sua consciência de ser pecador, esmagado pelo seu erro, que era exatamente o contrário do que ele jamais teria desejado, o contrário dos sentimentos que sempre nutrira por Jesus. O que me aconteceu? Como foi que fiz isso? Quem sou eu? O que é o homem?".[154]

E assim "daquela vez, quando o barco atracou cheio de peixes [e Jesus estava ali], e […] tinha preparado brasas com peixes assados em cima, e todos os apóstolos se deitaram para comer […] e Ele também começou a comer com eles, e se encontrou ao lado de Simão […] e lhe fez aquela pergunta ('Simão, tu me amas?'), aquele 'sim' não era o resultado de uma força de vontade, não era o resultado de uma 'decisão' do jovem homem Simão: era o emergir, o vir à tona de todo um fio de ternura e de adesão que se explicava pela estima que tinha por Ele – por isso é um ato de razão – pela qual não podia deixar de dizer 'sim'. E todo o bolo dos possíveis pecados que iria cometer não tinha nada a ver: não parou nem por dois segundos para pensar [nos seus pecados], não lhe veio nem mesmo à mente",[155] tanto a Sua presença era predominante. "Simão, tu me amas?" e disse: "Sim". "O 'sim' saiu como consequência da admiração com a qual olhava para Ele, com a qual olhava para Ele de novo todas as ma-

[152] L. Giussani, "O sim de Pedro", op. cit., p. 24.
[153] *Idem*.
[154] L. Giussani, "A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo", *Litterae communionis* n. 51, abril de 1996, p. XXIII.
[155] L. Giussani, "O sim de Pedro", op. cit., p. 25.

nhãs, olhava para Ele de noite quando ia se afastando",[156] quando adormecia todas as noites. E, assim, Jesus entrou na história para que cada um de nós possa fazer a experiência de Pedro, tropeçando, traindo como ele, errando, mas apegando-se sempre mais, vendo aumentar aquele fio de ternura, aquele fio de adesão, de estima, a ponto de dizer: "Não sei como, Cristo, não sei; mas toda a minha simpatia humana é para ti".[157]

Cristo entrou na história, está presente, faz-se encontrar hoje, acontece agora, para despertar todo o nosso eu, todo o nosso coração, toda a nossa capacidade de adesão, de estima, de simpatia humana por Ele, para que possamos viver a vida cheios da Sua presença, e a alegria da Sua presença comece a invadir a nossa vida. É diante desta presença que agora estão a nossa razão e a nossa liberdade, como Pedro há dois mil anos.

"Não era um apego sentimental, não era um fenômeno emocional: era um fenômeno da razão, precisamente uma manifestação daquela razão que faz você se apegar à pessoa que está na sua frente, enquanto é um juízo de estima; olhando aquela pessoa, nasce uma maravilha de estima que faz você se apegar." [158] É uma estima que brota da convivência com Ele.

Só deste amor pode nascer a missão. É "o amor de Cristo que nos consome, a fim de que, se Alguém morreu, todos aqueles que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que morreu e ressuscitou para eles".[159] A missão não pode se realizar sem tudo quanto dissemos. Para chegar a ela, é necessário começar pelo princípio. Se não acontece nada em mim, não posso depois me vestir de ativista. Devo antes recuar à origem, perguntando-me: como estou vivendo? Se, realmente, eu não estou transformado a partir de dentro, se naquilo que vivo sou igual a todos, porque não é imanente à minha pessoa a memória de Cristo, porque não origina a minha diversidade; se tudo é voluntarismo puro, posso desenvolver muitas iniciativas, mas nenhuma é portadora de uma diversidade. Então há uma única preocupação a ter: viver a memória de Cristo, como dissemos, porque só se Cristo me muda, só se aceito deixar-me mudar por Ele, só se Ele me arrebata, só se Ele me agarra, só se Ele investe a minha pessoa, eu poderei levar alguma coisa aos outros. Nós não levamos outra coisa, de fato, que não seja a nossa experiência.

---

[156] L. Giussani, "A virtude da amizade ou: da amizade de Cristo", op. cit., p. XXVII.
[157] Cf. *Jo* 21,17.
[158] L. Giussani, "O sim de Pedro", op. cit., p. 23.
[159] Cf. *2Cor* 5,14-15.

"A nossa tarefa não é perguntar-nos o que fizemos para mudar as estruturas do mundo, mas em que ponto está a nossa conversão", diz Dom Giussani em 1968. "E respondendo a uma objeção – segundo a qual a comunidade cristã 'não pode ser sociedade nova no seu interior se está condicionada por determinadas estruturas que, bem ou mal, as impedem de ser uma sociedade nova' –, replica: 'A vida cristã é um método para mudar também as estruturas', mas 'é uma ilusão pretender mudar as estruturas sem que tenha acontecido algo de gratuito em nós', ou seja, uma 'conversão'."[160]

Por isso, o coração da missão é o amor de Cristo que nos impele. O coração da missão é o próprio coração da nossa vida; é isso que deve manifestar-se em tudo o que fazemos, em tudo o que tocamos, em tudo aquilo com que estabelecemos relação. Portanto, a condição da missão é a mudança da minha pessoa.

E em que se vê essa mudança? Nos nossos discursos? Não. Nas nossas iniciativas? Muitos fazem iniciativas. Qual é, então, o sinal inconfundível, que ajuda todos virem se somos missionários? A quantidade de agitação que temos? Não. O sinal é a letícia! "Por isso a grande regra da missão é que nós só comunicamos, por meio da letícia do nosso coração, a mudança que se deu em nós [que graça ter alguém que nos diz essas coisas, porque não podemos fazer chacota; portanto, se aquilo que levamos é a lamentação, façam todas as iniciativas que quiserem, mas não há missão: a quem interessará alguém que se lamenta constantemente?]. A palavra 'letícia' indica o rosto, enfim, o aspecto fascinante e persuasivo da conversão que o poder de Deus produziu em nós. […] A sua força persuasiva, convincente é, como sempre, para o homem, dada por um fascínio que exerce. O fascínio da conversão é o rosto alegre que ela produz; não são os discursos, mas o rosto alegre que ela produz. Esta frase é fantástica: *Notam faciet gloriam nomini Sui in laetitia cordis vestri*: tornará conhecida a glória do Seu nome (quer dizer, do seu domínio, do seu poder) através da letícia do seu coração."[161] Nisto consiste a superação última do dualismo, e isso significa ser leigos, ou seja, uma nova criatura. Não o é todo o resto, nada de todo o resto, porque todo o resto já todos o têm. Leigos, isto é, novos.

Dom Giussani insiste: "A Igreja não está para arrumar a história mundanamente, mas para dar testemunho de que já foi arrumada. […]

---

[160] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., p. 398.

[161] Arquivo Histórico da Associação Eclesial Memores Domini (ASAEMD), *Documentação audiovisual*, Exercícios de verão do Grupo adulto, Le Pianazze (PC), 29 julho-3 de agosto de 1973, segunda lição de 2 de agosto.

Com que sistema a Igreja dá testemunho disto? Porque é uma realidade humana que é feita de forma diversa das outras. A Igreja dá testemunho pela modalidade da sua convivência, pela modalidade dos seus gestos, porque é uma coisa diversa das outras. […] É uma porção de humanidade estranha; estranha, diversa. A Igreja é testemunho não pelas grandes obras que é capaz de construir, a Igreja é testemunho não porque […] faz uma grande rede de escolas, não porque tenha um canal de televisão que se vê no mundo inteiro e que entregou nas mãos de CL, a Igreja não é [testemunho] porque tenha cento e cinquenta e quatro jornais diários no mundo; não é por uma atividade, mas pelo seu estado [mas nós pensamos durante anos que ter mais espaços, mais poder, nos tornasse diferentes: até acreditamos nisso, como todos!]. A palavra estado implica também a expressão das atividades, mas implica as atividades como expressão de alguma coisa; isso indica a palavra estado. A gente é marcado pelo nosso estado de vida, não pelas nossas atividades", ou seja, por aquilo que transparece, por aquilo que transborda, por aquela vitória do ser sobre o nada que paira como tentação na nossa cultura. Este nada só é vencido por uma Presença que nos liga, que nos liga tão profundamente que não nos deixa afogar no nada: "Para as pessoas, o testemunho é dado pelo nosso estado, quer dizer, pela nossa posição real e consciente diante de tudo. Por isso o vértice do testemunho é a virgindade, como tal".[162]

Escutem o que escreve Dom Giussani em 1965, de Santo Antonio, no Texas, para onde foi sozinho: "Pondero os pensamentos e as ações, os estados de espírito e as reações, os dias e as noites. Mas Outra Presença é a companhia profunda e a Testemunha completa. Esta é a longa viagem que temos de realizar juntos, esta é a aventura real: a descoberta daquela Presença nas nossas carnes e nos nossos ossos, o mergulho do nosso ser naquela Presença, – que é a Santidade. Que é também a verdadeira empresa social. Para isso […] é necessário seguir com coragem e com fidelidade aqueles sintomas dados pelo conjunto de condições em que nos viemos a encontrar: não temos necessidade de mais".[163] É um amor, um amor a esta Presença e uma gratidão por ela existir.

[162] ASAEMD, *Documentação audiovisual*, Exercícios de verão do Grupo adulto, Falcade (BL), 31 de julho-5 de agosto de 1983, segunda lição de 4 de agosto.
[163] A. Savorana, *Vita di Dom Giussani*, op. cit., pp. 366-367.

SANTA MISSA

Liturgia da Santa Missa: Jer 11,18-20; Sal 7; Jo 7,40-53

HOMILIA DE SUA EMINÊNCIA O CARDEAL PIETRO PAROLIN
SECRETÁRIO DE ESTADO DO VATICANO

Caros irmãos e irmãs,

estou contente por celebrar junto com vocês a Eucaristia durante os Exercícios Espirituais de 2014 da Fraternidade de Comunhão e Libertação e os saúdo a todos com afeto fraterno e com aquela alegria que "preenche o coração e a vida daqueles que se encontram com Jesus".[164]

Faço votos de que estes dias sejam de intimidade com o Senhor – que vocês possam estar, de modo mais intenso e prolongado, face a face com Jesus Cristo, que é o "essencial", que haja um aprofundamento do relacionamento de comunhão com Ele – e ocasião para colocar em prática a nossa identidade cristã, hoje como nunca provada pela desgastante interação com o insidioso espírito de mundanidade, capaz de insinuar-se e contaminar cada ambiente e realidade, sem poupar nada.

Peço a abundância do Espírito Santo, que é o protagonista por excelência dessa experiência, assim como de toda a vida cristã. Confio-os à intercessão de Maria, mãe de Deus e nossa mãe, e de todos os Santos. E trago uma bênção especial do Santo Padre Francisco, para toda a Fraternidade, para que – como já lhes escreveu padre Julián Carrón – "o Espírito nos disponha à mudança do coração e ao empenho de doar nossa vida pela obra de Cristo em todos os ambientes e lugares em que vivemos".

"Correndo para alcançá-Lo" é o título destes Exercícios. Imagino que ele se inspire no versículo 12 do capítulo 3 da Carta de Paulo aos Filipenses: "Não pretendo dizer que já alcancei (esta meta) e que cheguei à perfeição. Não. Mas eu me empenho em conquistá-la, uma vez que também eu fui conquistado por Jesus Cristo". Mais uma vez, nos deparamos, aqui, com uma iniciativa divina. É como um jogo: Paulo fugia de Jesus e o perseguia, mas Jesus o alcançou, o tocou, agarrou e agora é ele que corre atrás de Jesus para alcançá-Lo. Deus nos precede, sempre. Criou-nos, redimiu-nos, fala-nos por meio de Seu Filho, renova-nos com a Sua graça.

A oração inicial da liturgia de hoje diz o mesmo: "Senhor onipotente e misericordioso, atrai o nosso coração para ti". "Atrai para ti o nosso coração – dissemos – porque sem o vosso auxílio não vos podemos agra-

[164] Francisco, Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, 1.

dar, sumo bem". Nessa oração, nessa breve invocação, está descrita a dinâmica inconfundível da existência cristã.

No início da vida de fé não há uma intenção, um voluntarismo, um cálculo, um raciocínio correto. A fé não é seguir verdades construídas ou alcançadas por nós, com as nossas forças. No início, há sempre um movimento de atração, algo que atrai nossos corações. "Atrai, Senhor, nossos corações para ti".

E essa palavra descreve também a dinâmica própria da vida da Igreja. O Papa emérito Bento XVI, o disse com força: "A Igreja não faz proselitismo. Ela se desenvolve preferencialmente por 'atração': como Cristo, 'atrai tudo a si'".[165] O atual sucessor de Pedro, Papa Francisco, repete isso continuamente. Cito apenas algumas linhas da homilia de 1º de outubro em Santa Marta, onde, retomando exatamente a frase de seu antecessor que acabei de citar, o Papa dizia: "Quando as pessoas, os povos, veem esse testemunho de humildade, de doçura, de mansidão, sentem a necessidade da qual fala o profeta Zacarias: 'Queremos ir com vocês'. As pessoas sentem essa necessidade diante do testemunho da caridade, dessa caridade humilde, sem prepotência, não cheia de si, humilde! Adora e serve! (…) E esse testemunho faz a Igreja crescer. Santa Teresa do Menino Jesus, que foi nomeada Patrona das Missões, é testemunha disso, porque o seu exemplo faz com que as pessoas digam: Queremos ir com vocês!".

Para Dom Giussani, de quem vocês se consideram filhos na fé, se o Senhor pode atrair hoje os corações dos seus, isso quer dizer que Ele está vivo e opera agora. É esta "a atração de Jesus",[166] da qual ele dever ter falado muitas vezes a vocês, com suas palavras tão sugestivas, quando falava dos episódios do Evangelho. Porque podemos ter sentimentos nobres de devoção às ideias justas ou até às lembranças das pessoas queridas que nos deixaram. No entanto, objetivamente, isso é um apego, não uma atração. Só é possível ser humanamente atraídos, só é possível viver a experiência da atração por uma pessoa que está viva, que se move, que respira. Não somos nós que O colocamos em primeiro lugar com nosso esforço, com nossa autossugestão. É Ele que opera!

Se o Senhor atrai a si os nossos corações, isto que dizer que ele está vivo. E se atrai os nossos corações, também que dizer que nos ama. Quer nos doar a salvação. É tão vivo e nos quer tão bem que com o tempo, à medida em que crescemos e nos tornamos adultos e depois, começamos

[165] Bento XVI, *Homilia da missa de abertura da V Assembleia dos Bispos Latino-americanos em Aparecida*, 13 de maio de 2007.
[166] L. Giussani, *L'attrattiva Gesù*, Ed. Bur, Milão 1999.

a envelhecer, é possível darmo-nos conta, é possível reconhecermos com simplicidade que a atração é, na realidade, um abraço. Ele nos pega e nos leva nos braços. À medida em que crescemos e envelhecemos, isso pode se tornar evidente para nós, como tornou-se evidente para os primeiros Apóstolos: o ponto é que não sou eu que corro até Jesus, mas é ele que corre ao meu encontro, que me olha, me toma, como o pai na parábola do filho pródigo. E quando alguém está para cair, é Ele que pode sustentá-lo. E quando alguém caiu, só Ele pode levantá-lo. Assim, torna-se cada vez mais existencialmente certo, para cada um de nós, o que dizia São Paulo: "Desta forma, a escolha não depende daquele que quer, nem daquele que corre, mas da misericórdia de Deus".[167] Assim, o Senhor pode nos dar a graça de nos fazer voltar a ser crianças e alcançar o Paraiso, porque a única condição que Ele colocou para alcançarmos o Paraiso foi a de nos tornarmos crianças: "Se não vos tornardes como crianças não entrareis no reino dos céus".[168]

Existem sinais que nos dizem que somos levados nos braços e estamos no caminho certo. Um desses sinais é a humildade. Quando o encontro é real, a coisa grande que a pessoa encontrou a torna humilde. Não nos deixa orgulhosos. O ser atraídos, ser tomados pelo Senhor e levados nos braços, por sua natureza, nunca pode degenerar em uma pretensão de posse, de predomínio. Nunca somos donos da palavra, da promessa e da ternura de Deus. Antes, nos tornamos humildes quando experimentamos a misericórdia para os nossos pecados. Como dizia Giussani: "Cristo não veio para os justos, mas para aqueles que sofrem por estarem destruídos e feridos".[169] É exatamente esse o momento em que podemos nos tornar bons, com o coração em paz, pleno de gratidão. "Mansos", como diz a primeira leitura de hoje: com um coração manso, que por graça pode permanecer sereno até nas circunstâncias angustiantes ou na dor, porque confiou-se inteiramente ao Senhor. Sou "como um cordeiro manso que é levado ao sacrifício", porque "confiei-te a minha causa".

Somente pela misericórdia do Senhor, que abraça e esquece os nossos pecados, o caminho da vida cristã, que pode ter começado muito tempo atrás, pode ser pouco a pouco pontilhado de novos inícios, de novos recomeços. Como dizia sempre Dom Giussani, "a continuidade daquilo que aconteceu no início se dá somente através da graça de um impacto sempre novo e maravilhado, como na primeira vez". Se não é assim, ex-

[167] *Rom* 9,16.
[168] *Mt* 18,3.
[169] L. Giussani, *É sempre uma graça,* fevereiro 1993, in *É, se opera.*

plicava Giussani, começa-se a "teorizar o acontecimento", "ao invés de tal maravilhamento, dominam os pensamentos que nascem da própria evolução cultural, as críticas formuladas pela própria sensibilidade àquilo que se viveu e que se vê viver, a alternativa que se pretenderia impor, etc". Domina, em última instância, o pecado, o próprio erro, do qual o homem não sabe como se perdoar. Ao contrário – explica ainda Giussani – o paradoxo supremo do anúncio cristão é que "*o pecado é perdoado.* […] Esta é a surpresa, a experiência da misericórdia, que, no relacionamento com Cristo, qualquer um pode fazer".[170]

Assim, na misericórdia, Deus manifesta a sua onipotência. O milagre da caridade, que a Igreja desde sempre reconhece e exalta nas obras da misericórdia espiritual e corporal, é o milagre que mais torna evidente a todos a glória de Deus: o milagre de vidas perdidas que são redimidas, de filhos e filhas que pareciam perdidos, condenados, e são curados pelo abraço do amor gratuito.

Se não existe isso, se os corações não são renovados e abrandados pela experiência da misericórdia do Senhor, reacontece aquilo que acontecia a muitos Fariseus e que é citado também no Evangelho de hoje. Pessoas que pretendem estar dentro das regras, com tudo no lugar. Nos casos piores, por motivos de interesse e de poder, se continua a interpretar um papel, a vestir um tipo de máscara, a máscara das nossas presumidas seguranças. E tem-se a pretensão de ditar regras aos outros. Os Fariseus rejeitam Cristo encarnado, porque segundo suas consciências, segundo aquilo que a eles se revela, o Salvador não pode vir da Galileia. Eles já sabem, já sabem tudo com antecedência. Assim, zombam e maltratam o estupor dos outros. Se os pobres se comovem, se o povo de Deus exprime a sua gratidão diante do milagre da graça, que se comunica quando quer, como quer, a quem quer, eles se encolerizam e dizem: acaso lhes demos autorização para se entusiasmarem, se alegrarem, ser gratos? "Por acaso algum dos chefes ou dos fariseus acreditou nele? – perguntam no Evangelho que lemos –. Mas esta gente que não conhece a Lei é maldita!". E a Nicodemos, que dá testemunho ao Senhor com a força da sua consciência individual, respondem com desprezo: "Também tu és galileu, porventura? Vai estudar e vê que da Galileia não surge profeta!". "Vai estudar": para eles, tudo se resolve na aquisição de uma certa competência, de um conhecimento, de um método correto, de uma terminologia. Alegam sua pretensão de dominar os outros no fato de dominarem bem, sem erros, o "discurso" religioso. São aqueles que, como disse o Papa Francisco, se

[170] *Idem*, pp. 45, 62, 64.

colocam na porta da Igreja e não deixam os outros entrarem, e sobretudo, não deixam Jesus sair.[171]

Nos dias de hoje, assim como nos dias narrados no Evangelho, diante da ação de Jesus os corações sempre se revelam: pode acontecer de estremecer de gratidão pelos milagres e sinais novos que o Senhor opera em sua Igreja, ou pode-se continuar a cultivar as próprias presunções. São estes os dois caminhos que se abrem todos os dias diante de cada um de nós. O Senhor já nos disse no Evangelho: na atuação da Igreja no mundo, a Palavra de Deus permanece viva no coração dos simples e dos humildes, na multidão simples que – como repetiu recentemente o Papa – "ia atrás de Jesus porque aquilo que Jesus dizia fazia bem aos seus corações, aquecia seus corações".[172]

Peçamos a Maria e a seu Filho que atraiam nosso coração, que nos façam sentir que somos levados nos braços, em todos os detalhes da nossa vida cotidiana. Como diz um dos hinos que vocês também cantam, "aproxima este coração de ti, Jesus".

Peçamos o dom de caminhar na alegria do Senhor, junto com todo o povo de Deus espalhado pelo mundo.

Assim seja.

ANTES DA BÊNÇÃO

Julián Carrón. Obrigado, Eminência. Sei o quanto o senhor acompanha a vida do Movimento, não apenas aqui na Itália, mas também em sua dimensão internacional. Os nossos amigos no mundo encontram-se com o senhor frequentemente. Sobretudo somos agradecidos pelo seu ministério, que o leva a servir assim tão de perto à pessoa do Papa Francisco, que nós desejamos seguir com todo o nosso ser, cada vez mais atraídos e conquistados pela paixão com que vive a presença de Cristo na vida da Igreja e de cada homem, impulsionando-nos para aquelas "periferias existenciais" nas quais o carisma doado a Dom Giussani nos fez nascer.

Obrigado, Eminência.

Cardeal Parolin. Se vocês têm ainda um pouco de paciência, gostaria de acrescentar algumas coisas antes de dar a bênção final.

---

[171] Cf. Francisco, *Meditações matutinas: "Discípulos de Cristo, não da ideologia"*, Santa Marta, 17 de outubro de 2013.

[172] Francisco, *Meditações matutinas*: *"A palavra aprisionada"*, Santa Marta, 21 de março de 2014.

A primeira coisa é a minha surpresa de vê-los assim tão numerosos. É mesmo impressionante esta assembleia!

Carrón. Há outra sala como esta, aqui ao lado!

Cardeal Parolin. Então a surpresa é duplicada!

A segunda coisa é que quero lhes dizer: "Obrigado", verdadeiramente obrigado pelo convite que me fizeram. Tive um pouco de dificuldade para aceitá-lo, porque preciso limitar as saídas, mas não me arrependo de ter vindo.

A terceira coisa é lhes dizer que – já acenei a isso brevemente na homilia, e citou-a ainda há pouco o padre Julián – o Papa me encarregou de lhes trazer a sua saudação, a sua saudação afetuosa, o seu encorajamento e dizer-lhes que ele, de fato, sabe que pode contar com vocês para a conversão pastoral no sentido missionário, para a qual convocou toda a Igreja na *Evangelii Gaudium*, o documento que foi definido como "programático" deste pontificado. Uma missionariedade que encontra o seu sentido na atração. Parece-me que também o senhor, antes, na última parte do seu relatório – eu o escutei na salinha atrás do palco – dizia justamente isso: precisamos atrair para Cristo, como nós fomos atraídos por Ele pela Sua graça e pela Sua misericórdia.

E, enfim, gostaria de convidá-los a rezar. São Paulo diz: "Quanto mais somos, tanto mais sobe para o Senhor o nosso obrigado, a nossa prece". Imaginem que força pode ter a oração que sobe desta sala esta noite! Peço-lhes que rezem por todas as intenções com que celebramos esta Eucaristia, mas particularmente por duas intenções. Antes de tudo, pela Venezuela. O senhor lembrava a minha experiência como núncio na Venezuela. Conheci Comunhão e Libertação, trabalhamos juntos, fizemos algumas iniciativas juntos. Eu gostaria, inclusive através dos meios de comunicação e da conexão via vídeo, mandar uma grande saudação aos nossos amigos venezuelanos e dizer que estamos com eles neste momento difícil para a pátria deles, para que prevaleça, de fato, o senso do bem comum, para que prevaleça a paz e a reconciliação. E também rezem pelos dois sacerdotes da minha diocese que acabam de ser raptados, sequestrados, em Camarões, na fronteira entre Camarões e a Nigéria. Esperemos que tudo se resolva bem, porém estamos muito preocupados. Conversei esta tarde com o meu Bispo, o Bispo de Vicenza: ele me dizia que há muita preocupação, muita ansiedade por causa desse fato. Mas é belo porque um deles, há alguns meses, quando aconteceu um fato análogo com o sacerdotes francês Vandenbeusch, antes de ser raptado,

frente aos apelos de prudência e de algo mais do que a prudência, isto é, a deixar aquelas terras aonde podia ir de encontro ao perigo, escreveu: "Mas se nós viemos para cá a fim de compartilhar a vida destes irmãos e destas irmãs, podemos deixá-los no momento de perigo?". Essa é a beleza da nossa fé, essa é a beleza de quem crê em Jesus, que está disposto a dar a sua vida sem arrependimento, com totalidade. Então, rezemos por eles, para que verdadeiramente essa situação possa se resolver do melhor modo possível.

Enfim, rezem pelo Papa; se tiverem ainda um pouco de tempo, rezem também por mim, pois preciso muito.

Carrón. Nós lhe prometemos nossas orações. Mas podemos fazer-lhe um pedido também nós? De levar uma calorosa saudação ao Papa Francisco da parte de todos nós.

Cardeal Parolin. Vou fazê-lo com muito prazer. Bem, recolhamos tudo na bênção que agora recebemos em nome do Senhor. Se me permitem, terminemos a bênção cantando-a. Vocês sabem responder, não?

Domingo, 6 de abril, manhã

Na entrada e na saída:
Wolfgang Amadeus Mozart, Grande Missa em dó menor, K 427
Herbert von Karajan – Berliner Philharmoniker
"Spirto Gentil" n. 24, Deutsche Grammophon

Padre Pino. Tenhamos, diante dos olhos, o olhar entre Pedro e Cristo e as palavras do Papa Francisco que estão reproduzidas no Cartaz de Páscoa: "'Jesus Cristo ama-te, deu a Sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar'. Ao designar-se este anúncio como 'primeiro', não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou se substitui por outros conteúdos que o superam. É o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir. É o anúncio que dá resposta ao anseio de infinito que existe em todo o coração humano".

Angelus

Laudes

■ ASSEMBLEIA

Davide Prosperi. Como fazemos todos os anos, concluímos este gesto com uma assembleia. Devo dizer que, pessoalmente, me dou conta, ano após ano, de que este momento é realmente uma parte importante, fundamental, do gesto. Com a assembleia, entende-se bem que o conteúdo da proposta feita – e que atinge cada um de nós – cresce e aumenta a sua possibilidade de incidência na nossa vida quanto mais nós participarmos dela, quanto mais estivermos presentes, quanto mais nos deixarmos tocar, questionar pelo que é dito, pelo que acontece, pelo gesto. As perguntas são justamente o reflexo, o espelho de como fomos marcados ou não; isto é, são o reflexo daquilo que acontece em nós. Por isso é uma contribuição que cada um de nós certamente pode dar.

Das numerosas perguntas que chegaram, como de costume, selecionamos algumas. Antes, porém, permito-me um brevíssimo comentário introdutório. Sinteticamente, entende-se que fomos colocados diante de uma proposta exigente. Isso é um bem, porque estamos aqui para um caminho, não para ficarmos parados no que já entendemos. Então, é justo

que seja exigente. Por isso, o empenho mais útil para cada um de nós é identificarmo-nos com quem nos faz essa proposta agora, do contrário não entenderemos.

De modo especial, das perguntas emerge, claramente, que fomos tocados pela releitura da nossa história, porque principalmente sentimos como um ato de amor à nossa vida, de paixão pelo nosso destino. Daí surge uma primeira pergunta, que foi manifestada de diversas maneiras e que sintetizo assim: "Por que, justamente agora, você sente a urgência desse passo de consciência?".

Julián Carrón. A urgência desse passo de consciência é, antes de tudo, para mim mesmo: as perguntas que são colocadas são as perguntas que eu também tenho. Na situação em que nos encontramos na vida, como recordamos no ano passado, eu era o primeiro a ficar impressionado com essa impostação de Dom Giussani de que o problema não é "quem tem razão", mas "como se faz para viver": neste mundo, no qual somos chamados a viver a fé, a verdadeira urgência é "como se faz para viver"; ou seja, como estar diante dos desafios da vida. Eu, em primeiro lugar, carrego essa pergunta em mim. A partir daí nasceu outra pergunta, diante da qual fomos colocados neste ano: como e o que estamos fazendo no mundo? Isto é, que tipo de presença é a presença cristã?

Não sei vocês, mas eu ainda tenho essas perguntas abertas e, quanto mais os desafios me apertam, tanto mais essas perguntas se tornam vivas, urgentes. Então, como eu carregava essa pergunta ("O que estamos fazendo no mundo?"), aconteceu que a pessoa que estava trabalhando no novo livro das Equipes, impressionado com o que lia, me fez ler aquele texto de 1993 que eu citei ontem, no qual Giussani aborda a questão que algumas vezes alguém coloca diante de nós ainda hoje: "mas CL não era muito melhor antes? Agora se reduziu a pietismo, se fechou nas sacristias, à mercê do espiritualismo". Diziam isso em 1993! Eu nem estava aqui! Digo-lhes isso para não perder tempo, porque essas afirmações eram feitas na presença de Dom Giussani! Por isso, a verdadeira decisão que nós devemos tomar, amigos, é se queremos seguir Dom Giussani, se cada um de nós quer seguir.

O que me impressionou naquele texto? Impressionou-me como ele, relendo a história, responde a essa pergunta. Como ouviram ontem. Todas as coisas que eu lhes disse ontem são dele. Não tenho nada de diferente, do que aquilo que Dom Giussani propôs, a lhes propor. Não tenho nada de mais interessante para lhes dizer do que aquilo que me serve para viver e para responder às perguntas que urgem no presente.

Diante dessa provocação, Dom Giussani se pergunta: o que estamos fazendo no mundo? E afirma: nós estamos no mundo para responder às urgências dos homens, nós estamos no mundo para dizer… E começa a contar – como vocês viram ontem – sobre João e André.[173]

Eu fui o primeiro a ficar "movido" por essa leitura e eu lhes disse até que ponto. Por isso eu disse a mim mesmo: mas isso eu preciso dizer a todos! Que outro modo eu tenho de responder a essas perguntas abertas a não ser dizer-lhes tudo aquilo que eu mesmo descubro em Dom Giussani, para nos ajudar a entender por que nos diz certas coisas? Esse será o trabalho que precisaremos fazer ao longo do ano todo. Por que Giussani nos diz aquilo que ouvimos ontem? Espero que tenhamos começado a entender alguma coisa já nestes dias.

Depois, o texto sublinhava que quem vive o reconhecimento operado por João e André coloca no mundo uma presença que mostra como, seguindo Cristo, se vive melhor, se responde melhor à urgência do viver, testemunhando como se faz para viver. Seguindo Cristo, levando a sério Cristo, se vive melhor, a pessoa começa a experimentar o cêntuplo nesta vida.

Um segundo passo, para mim decisivo na preparação dos Exercícios, foi reler o texto *A longa marcha da maturidade*, de 1972, em que Giussani julga o que aconteceu em 1968. Desafio qualquer um a encontrar um juízo mais pertinente – e mais capaz de iluminar o presente – do que aquele dado por Dom Giussani naquela época. Não é por uma revisitação histórica que voltei a ele. É decisivo para nós hoje aquilo que, naquele momento preciso, ele nos disse sobre o porquê aconteceu essa desorientação de então, que é normal que aconteça, porque a realidade nos provoca e nos encontra muitas vezes não prontos para os desafios. Não é que antes o Mistério nos prepare para a doença e depois a dê. Não. Ele a permite e depois nos dá todo o tempo necessário para entendê-la, para captar seu sentido: Cristo nos deu tudo, nos deu a sua Presença, e com a sua Presença nos acompanhará a entender o sentido da doença, ou o sentido de perder o emprego, ou o sentido de uma derrota. A essa desorientação, dizia Dom Giussani, procuramos responder com o nosso fazer, sem entender o que estava em jogo. Então, devemos entender por que Giussani nos dissera aquilo que nos disse, quando pensávamos que tudo o que fazíamos era justamente expressão de tudo o que havíamos encontrado. Ele nos corrigia radicalmente.

O ano de 1976 é uma correção clara de rota. Por isso, em 1993, quando alguns intelectuais lhe dizem que era preciso refazer o Movimento

[173] Ver aqui, pp. 34 e 35.

como era antes de 1976, com toda a atividade que emergiu para responder às urgências, Giussani, como vimos, rebate relembrando aquilo que se agitava no seu ânimo em 1976: "CL não é isso, o cristianismo não é uma organização para atender as necessidades dos homens, não estamos no mundo para isso". Em 1972, tinha dito que a tentativa de enfrentar a desorientação provocada desde 1968, jogando-se "de cabeça, seguindo o mundo" era o sinal de una resposta moralista, totalmente ausente de uma cultura própria e sem nexo com a autoridade.[174] Por que tudo isso tinha acontecido? Porque não éramos conscientes de qual era a dimensão, o alcance histórico do fato cristão e, com a nossa costumeira impaciência, quisemos chegar antes (típico de qualquer tentativa revolucionária: chegar antes, com a mesma mentalidade de todos, ao objetivo). Ao invés, como diz Dom Giussani, o acontecimento cristão muda a vida, mas "é preciso toda a trajetória da história"[175] para que isso se desenvolva.

Então, se não entendemos que também agora a coisa mais decisiva para enfrentar os novos desafios é colher o alcance do fato cristão, voltaremos a fazer coisas que, no fundo, não respondem – e isso é trágico, porque a história já mostrou que não responde, como lhes direi também depois –. Por isso é preciso retornar a origem, amigos! De fato, cada um de nós tem uma imagem do Movimento. É inevitável. Todos vocês, ou muitos, viveram anos do Movimento, muitos até mais do que eu. É inevitável que cada um tenha recordações e tenha feito uma imagem, não por maldade: simplesmente porque lembra a partir de certos fatos, de certos eventos. E não é que Dom Giussani, quando aconteciam essas coisas, não estivesse dizendo nada, ou quando participávamos de certos gestos, não estivéssemos ali com todo o desejo de entender. Quantas vezes me dizem: "Mas, onde eu estava?!". Alguns dos mais velhos repetem: "Mas onde eu estava quando ele dizia essas coisas? Não entendia nada mesmo!". E eu digo a eles: não é preciso lamentar-se por isso, porque nós podíamos entender o que nos era possível entender; não é um problema que fôssemos distraídos – isso também poderia ser, mas não é essa a questão –; ainda que estivéssemos completamente atentos, prontos para entender, teríamos entendido o que podíamos entender, porque o ponto da nossa história, da nossa evolução pessoal, do nosso caminho pessoal, nos permitia entender o que podíamos entender. Por isso é tão decisivo o livro de Savorana. Como Dom Giussani nos disse ontem – a minha era uma citação – é preciso uma "grande purificação"[176]

[174] Veja aqui, p. 30.
[175] Veja aqui, p. 33.
[176] Veja aqui, p. 36.

para não reduzir Dom Giussani às nossas imagens, porque ele é muito mais do que o que cada um de nós pensa dele. É preciso estar disponíveis para a conversão, para "submeter a razão à experiência",[177] porque ainda não entendemos muitas coisas. Há quem tenha medo disso, porque o percebe como um juízo meu sobre a nossa história, como se eu estivesse aqui a sublinhar os erros. Não, não e não. Eu não disse nada de meu. Eu quero aprender! Mas não tenho medo de reconhecer quando aconteceu alguma coisa pela qual Dom Giussani nos chamou a nos corrigirmos, porque a minha consistência não está no fazer, nem mesmo no fazer da maneira certa: a minha consistência é um amor! E justamente por isso, não tenho nenhum problema em pedir desculpa até nos jornais se erramos em alguma coisa, como não tenho problema em pedir desculpa a vocês! Se nós não estivermos disponíveis a isso, o carisma estará morto e sepultado, porque estaremos fixados, bloqueados, cada um com a própria ideia. A nossa tentativa é sempre uma tentativa irônica e, portanto, perfectível. Não devemos ter medo, em cada tentativa nossa, de estarmos sempre dispostos a entender melhor, a seguir melhor, a identificar melhor o caminho a percorrer. Por isso, peço-lhes que peçam isso para todo o Movimento e para cada um de nós. Porque se nós não estivermos disponíveis para a conversão, como concluímos ontem à trade, será impossível a missão. A missão está ligada exclusivamente à nossa conversão: "A condição da missão é a mudança da minha pessoa". Mas nós pensamos que dizer isso não seja fazer uma proposta: e, no entanto, esta também é uma frase de Giussani. Eu não lhes digo nada que eu não descubra em Giussani e que essa descoberta não me faça viver por primeiro.

Prosperi: "Diante de tantos desafios, dos quais você falou, qual é a primeira coisa, o primeiro ato?".

***Carrón*:** Em primeiro lugar, eu lhes digo algumas das perguntas que me são colocadas ou que as pessoas me escrevem nas cartas: como é possível não perder tudo o que de belo acontece na vida? Como evitar a sensação de perder tudo? Como estar diante da dor, quando todos me dizem que é melhor deixar pra lá? Como estar diante do quotidiano, do viver que quebra as pernas? Alguém entre nós foi visitar um amigo, e lhe foi dito: "Eu jamais colocarei no mundo um filho. Com que coragem condeno um outro pobrezinho à infelicidade? Tenho medo da liberdade,

[177] Cf. J. Guitton, *Arte nuova di pensare*, San Paolo, Cinisello Balsamo (Mi) 1996, p. 71; veja aqui, p. 92.

que no melhor dos casos não serve para nada, e no pior dos casos pode causar dor à alguém. O que espero da vida é buscar fazer o menos mal possível". Ou, ontem citei uma amiga que repetia a frase do seu colega: "Os recém-nascidos com deficiências graves, que vida vão levar assim?". Quantos medos, quantas incertezas!

Cada um de nós pode fingir ou pode se colocar diante dessas perguntas. A questão é se nós estamos realmente diante das perguntas que nos são colocadas. De fato, a primeira coisa a fazer é entender a natureza da provocação que elas carregam, julgando, depois, se a nossa tentativa de responder é adequada ou não: os primeiros a serem desafiados somos nós. Qual é a natureza última da provocação contida nessas perguntas? O que há no fundo de muitas dessas perguntas? O niilismo, amigos, é o medo de que, no fundo, no fundo, por trás da aparência, não exista nada. É esse o traço mais distintivo, mais característico da nossa cultura, que, às vezes, aqueles que apresentam a biografia de Dom Giussani captam mais do que nós. Atenção! Se não entendermos a natureza da provocação, não é que não nos movemos, nos movemos sim, e muito, mas fazemos isso de modo inadequado; respondemos, mas de um modo que não está à altura do problema. Tratamos o tumor com Aspirina. Ficamos agitados e basta. Se isso lhes consola, porque assim, pelo menos, fizemos alguma coisa…!

Portanto, a primeira questão é o juízo, o juízo sobre o que está acontecendo, sobre o verdadeiro desafio. Muitas vezes nem nos damos conta verdadeiramente da natureza do desafio, também participamos dessa redução como todos, estamos imersos até o pescoço nessa redução. E não temos somente toda a tentação de pensar que atrás das aparências não exista nada, mas também aquela de pensar que, no fundo, Cristo é igualmente nada. A tentação mais aguda de todas é pensar que, no fundo, Cristo seja abstrato: nem Cristo se salva de ser tragado pelo niilismo em nós, e é reduzido à abstração!

Então, a questão crucial, aguçada pelos desafios atuais é julgar se Cristo é verdadeiro ou não, se é real ou não. Porque se Cristo, que é a face do Ser que nos fascinou, é abstrato, o que vence é o nada, e nós nos tornamos uma bomba relógio. Por isso, quando Giussani diz que o problema da vida é um amor, não é que está fora do mundo. Pelo contrário, reconhece que só se existir algo com suficiente densidade de realidade, suficiente atratividade, suficiente potência de nos ligar, só então poderemos ter esperança de não sermos tragados pelo nada, como todos.

O que está em jogo nesse amor é a fé, é o reconhecimento de uma Presença que nos torna diferentes. Não porque somos melhores, mas porque estamos ligados, escolhidos, apegados a essa Presença que nos impede de

sucumbirmos no nada. E que efeito tem essa Presença sobre nós? Como sei que Cristo está realmente presente? Pelo fato de que me acorda, que salva todas as dimensões do humano. E, como me desperta, libertando-me dessa redução, eu posso entender a provocação que a realidade contém.

Por que Giussani não se deixava arrastar, como nós, pelas reduções? Por que tinha uma genialidade a mais? ou justamente pela sua ligação com Cristo, pela sua paixão por Cristo? Mesmo quando todos nos desviávamos, ele não se deslocava de Cristo. Isso lhe dava uma inteligência das coisas, uma capacidade de juízo, uma capacidade de intervenção sobre a realidade, uma capacidade de estar no real que nós nem sonhamos. Ou o Movimento é capaz de gerar pessoas como ele, ou nós fazemos parte do problema, não da solução, como digo sempre.

Por isso, amigos, a questão é se estamos dispostos a fazer esse percurso que nos pode verdadeiramente despertar para poder estarmos no real com uma inteligência nova e com uma capacidade de resposta adequada à provocação das coisas. Do contrário, a nossa contribuição será igual a zero.

Prosperi: "O senso de *impotência* acompanha toda séria experiência de humanidade. É este senso de impotência que gera *solidão*" (Dom Giussani). O senso de impotência que caracteriza toda séria experiência humana gera solidão. Você fala disso como algo positivo, que abre. Para mim, ao invés, gera raiva, cinismo ou distração em relação à realidade.

Carrón: A primeira coisa a olhar com simplicidade e com realismo, amigos, é a nossa experiência humana. O primeiro efeito sobre nós – vimos isso ontem – da mentalidade de todos é essa estranheza conosco, esse destacar-se de nós mesmos. Quer dizer que nós não nos entendemos a fundo, porque a relação conosco mesmos é abstrata. Por isso, diz Giussani: o empenho sério com a vida, o empenho não com um aspecto do viver, não com uma "fixação" que se torna uma histeria, não! O empenho com a totalidade do viver faz nascer em nós a consciência da nossa impotência. O primeiro sinal do empenho com a própria humanidade é a consciência do que sou realmente, é o senso de impotência. Quanto mais alguém se empenha com a própria humanidade, mais sente o senso de impotência, mais vê a desproporção estrutural entre o que faz e o que deseja. Nós temos muita dificuldade de perceber isso. Em que se vê que temos dificuldade de entender que isso não é familiar em nós? Do fato de que procuramos resolver a impotência com as nossas tentativas, com os nossos esforços, com o fazer ainda mais. Mas se é justamente este o problema, se é justamente a impotência que vem à tona quanto mais nos

empenhamos, como posso pensar em responder a isso com o empenho, acrescentando coisas a fazer? Isso só a aumentará. Por isso entendo que, muitas vezes, essa sensação – de que quanto mais me empenho, mais me sinto impotente – gera raiva, cinismo ou distração (não querendo olhar de frente a impotência, olho para outro lado).

A pergunta, pelo contrário, diz que falo disso como algo positivo. O que é preciso que aconteça para que olhemos essa impotência de um modo diferente, não com cinismo, não com raiva, não procurando nos distrair? É preciso uma presença, como aquela de que necessita o menino no parque de diversões. É preciso uma presença capaz de me fazer abraçar essa minha impotência, porque essa impotência é salva somente por uma presença. Sem uma presença que me torne capaz de olhar a realidade por aquilo pelo qual o Mistério a fez, eu não olho bem essa impotência. Porque não é que o Mistério nos fez impotentes por distração, porque não tinha nada para fazer, ou para uma mortificação do humano. Não. Deus nos fez com essa impotência e com essa desproporção estrutural porque nos amava muito e queria nos fazer entender, queria colocar em nossos ossos, em cada fibra do nosso ser, uma desproporção tão ilimitada, uma abertura tão grande, infinita, que só pode ser preenchida pela Sua presença, para nos fazer usufruir a vida como jamais podíamos sonhar! Mas se falta esse olhar, ficamos com raiva da impotência; não entendemos que, pelo contrário, ela nos foi dada para poder reconhecê-Lo: esse vazio, essa tristeza, essa desproporção, essa falta são a urgência e a saudade d'Ele, à qual Ele quer responder. Somente quando encontramos a resposta, é que se torna recurso para o caminho. E, então, a pessoa é grata pela saudade, é grata por precisar d'Ele, é grata por poder voltar a Ele: "estou grata por poder sentir toda a minha impotência, porque assim me dou conta de quanta caridade tens para comigo, ó Senhor. E estou contente porque Tu vives, ó Cristo".

Essas coisas não podemos dizê-las com todo o nosso eu, com toda a nossa consciência, se não sentirmos essas urgências humanas. As experiências humanas mais significativas ficam impedidas se essas urgências não são sentidas. Fico surpreso porque muitas vezes nós sentimos dificuldade justo nesse nível, depois de ter encontrado Dom Giussani. Porque se há alguém que levou a sério todo o seu humano, toda a vibração humana, e nos tornou conscientes do drama humano, foi justamente ele.

Que gratidão poder recomeçar cada manhã tendo necessidade de Cristo e sentindo a saudade de Sua Presença! Imaginem o que teria acontecido se alguém tivesse dito a Maria Madalena que sua sensação de solidão era inútil! Como se pode dizer a uma mulher que ficou acordada toda a

noite "procurando o amor da sua alma" que a saudade do amado é um obstáculo para o caminho? Com relação a duas pessoas que se amam seriamente, nunca diremos que o senso de falta e a saudade que um sente do outro, e vice-versa, é um obstáculo para o caminho, que isso lhes gera raiva. A saudade e a necessidade que sentimos são o sinal maior de algo que encontramos: "Ainda bem que existes, ó Cristo! ". Não poderíamos dizer "Cristo" assim, deixando vibrar todo o nosso ser, se censurássemos a nossa natureza. Alguém pode se distrair.

Prosperi: Portanto, Julián, essa solidão é o desejo dessa Presença totalizante que abraça o nosso nada?

Carrón: A tristeza, diz Dom Giussani citando São Tomás, é "o desejo de um bem ausente".[178] Essa é a estrutura com a qual o Mistério nos fez. O desígnio de Deus é aquele de tornar o homem partícipe da Sua felicidade. Por isso, o primeiro pensamento de Deus é Cristo encarnado para tornar-se uma humanidade partícipe de toda a riqueza que vivia no mistério da Trindade. O início não é uma falta. O início é o desígnio de Deus de compartilhar conosco, que não existíamos, toda a plenitude de riqueza que Ele vivia. Deus poderia ter criado outras estrelas, ou outros pássaros, ou outros peixes, mas não teria podido compartilhar tudo o que compartilha conosco tornando-nos participantes de uma experiência e de uma intensidade do viver jamais imaginada. Mas, como diz um princípio da teologia, o primeiro na intenção é o último na realização: quando precisamos construir uma casa, a primeira coisa que nos vem à cabeça é a intenção – a casa – mas a casa é a última coisa que se constrói; para chegar à casa é preciso encontrar um terreno, chamar o arquiteto, fazer o projeto, e só no final ela é construída. No desígnio de Deus, acontece o mesmo: a intenção é a vontade de Deus de compartilhar a Sua felicidade. Mas, para realizar esse desejo, era preciso criar o mundo, dentro desse mundo criar um ser com um desejo ilimitado, ou seja, que fosse capaz de reconhecê-Lo quando Ele decidisse vir encarnando-se. Quando Cristo veio, tudo ficou claro. Cristo é a chave para entender o desígnio. Se olharmos a impotência sem esse "lugar", sem essa Presença que a torna inteligível, compreensível, se a olhamos sozinhos, então pensamos nela com raiva porque não sabemos quem poderá responder a ela. Quando alguém se apaixona, diz: "Ah! Finalmente! Agora sei por que valia a pena nascer: para te encontrar!". Mas, antes, durante a adolescência, não entendia

[178] Cf. São Tomás, *In Dionysii de divinis nominibus*, 4, 9; *Summa Theologiae*, I, q. 20, art. l.

porque tinha esses desejos tão grandes. A um certo momento, se desvela. Ou entendemos que o Mistério responde a nossa espera, responde ao desejo infinito que existe dentro de nós, e que esse amor a vida resolve, esse encontro com Cristo que preenche a existência da Sua Presença, ou nós continuamos a nos irritar com o desejo, que é feito justamente para podê-Lo reconhecer, para poder ser preenchido por Ele.

Prosperi: A experiência daqueles olhos e desse olhar sobre a minha vida, como nestes dias, fazem o céu entrar nos meus olhos. O que torna estável o caminho do olhar, que permite chegar a uma verdadeira convicção?

Carrón: O que torna estável o caminho do olhar é seguir, amigos. Por isso eu continuo a lhes propor, porque está ao alcance de qualquer um. Eu não sou a resposta, nem ninguém entre nós é a resposta. A resposta à solidão e à impotência sobre as quais falamos, é o deparar-se com uma Presença. Se eu aceito deixar entrar esses olhos novos, começo a pressentir em mim toda a novidade. Como isso cresce? Como isso se torna estável? Colocando-o constantemente em jogo no real. Se eu, diante de qualquer desafio, provocação, dor, imprevisto, desânimo, eu não parto do que aconteceu comigo, da Presença com a qual me deparei, não poderei verificar se ele é suficientemente consistente para responder a tudo, e, portanto, jamais se tornará estável em mim esse olhar. É o que aconteceu com os discípulos. Eles tinham visto milagres estrondosos, mas, no desafio seguinte partiam do zero, como tantas vezes acontece conosco. Alguém poderia nos perguntar: "Mas você não viu o que aconteceu?", e nós poderíamos responder que sim. Mas isso não quer dizer que tenha se tornado nosso estavelmente, e que para enfrentar os novos desafios eu parta dali, daquilo que nos constitui até a medula. Toda a tentativa de Dom Giussani tem como objetivo que aquilo que nos constitui até a medula, que o que aconteceu conosco, que o que é nosso e ao qual nós pertencemos pelo Batismo, que o que já é a nossa nova natureza, uma vez por todas, sempre se torne verdadeiramente nosso como consciência e experiência. Porque, do contrário, o Batismo está ali, mas diante dos novos desafios não conta nada; ou a Escola de Comunidade está ali, mas não conta nada diante dos desafios das circunstâncias.

Então, a verdadeira questão é a personalização da fé. Digam-me se há algo mais crucial do que isso: que o reconhecimento da Sua Presença se torne estável, me constitua, que gere em mim uma autoconsciência que me permita enfrentar todos os novos desafios fazendo crescer o

meu eu. De fato, se Cristo não determina o meu eu, não é possível a criatura nova, se a inteligência da fé não se torna cada vez mais uma inteligência maior do real, uma capacidade de aderir mais intensa, então Cristo é igual a zero. Esse é o protestantismo: nós permanecemos tais e quais. Ao invés, não! Se alguém segue, se decide participar da vida cristã, segundo um desígnio e um tempo que não sabemos, que não decidimos nós, mas que implica todo o nosso empenho, toda a nossa liberdade e toda a nossa inteligência (porque não somos um mecanismo), o olhar de Cristo torna-se cada vez mais estável na sua autoconsciência, até o ponto de se maravilhar: "Mas como?!", me dizia um noviço dos *Memores Domini*: "Descubro em mim mecanismos que não são meus, isto é, descubro modos de reagir que antes não tinha".

É o que diz também uma das cartas que citei ontem. É uma descrição do percurso que todos somos convidados a cumprir. Diante do colega que a desafiava, dizendo: "É justa a eutanásia de recém-nascidos com deficiências graves", ela que até aquele momento só havia dito coisas banais, mas sem implicar-se num juízo verdadeiro, intervém na discussão contando que tem uma filha deficiente, que se encontra nas condições por ele descritas, e é feliz. Depois de uma semana, esse colega voltou a encontrá-la, porque não conseguia mais tirar da cabeça o que ouviu dela. Mas agora me interessa a conclusão da carta: "Todas as outras vezes em que me envolvi em discussões semelhantes, sempre fui embora com raiva, sem ter a coragem de dizer nada ou só pensando com raiva como era possível que certo tipo de gente pensasse daquele modo". As alternativas: ou me calo ou me irrito, como se não existisse outro caminho. A isso se reduz, muitas vezes, a alternativa: ou me irrito ou me calo. E, ao invés; "Desta vez, para mim, foi possível estar frente à circunstância com toda a verdade do meu eu pelo caminho que estou fazendo, ao te seguir, através do trabalho da Escola de Comunidade". É o sujeito novo que vem à tona a certa altura, e ela foi a primeira a ficar surpresa ao descobrir essa sua modalidade nova de responder. Então, o caminho do olhar se faz estável assim: seguindo. A certo momento, alguém se descobre reagindo de uma forma totalmente nova, não reativa, num sentido ou noutro, mas original.

Prosperi: **"**Embora estando nesta história há tempo e tendo feito o encontro, percebo que no choque das circunstâncias Cristo não é o essencial. O que me ajuda a reconhecer que Cristo é o essencial? Em que sentido o seguimento ajuda esse reconhecimento?".

Outra pergunta é esta: "Julgar significa reconhecer Cristo?".

Carrón: "Percebo que no choque das circunstâncias Cristo não é o essencial". Mas você gostaria que fosse o essencial? Porque a questão está toda aí: quanto nós desejamos que Cristo se torne o essencial. É um problema de desejo. Porque se alguém começa a vislumbrar a promessa que há dentro do fato de que Cristo se torne o essencial, o mais querido, então todo o resto não é mais objeção, e a pessoa se coloca a trabalho. A pessoa começa a ficar atenta a todas as indicações que damos, a todas as sugestões que são feitas, porque é impossível estar aqui e não receber provocações de todos os lados. Basta que a pessoa tenha o desejo de que Cristo se torne a coisa mais querida. E isso não pode ser imposto por ninguém, não há nenhuma regra que possa despertá-lo. É simplesmente que quando a pessoa vê o que acontece em um outro que vive assim, não pode evitar que lhe venha uma vontade louca de ser como ele: "Eu também quero viver assim! Eu também desejo viver assim!". O seguimento nasce desse desejo de viver como se vê um outro viver. Então, é fácil reconhecer quando Cristo é o essencial: quando Cristo se torna o centro da minha afeição. Sim, o centro da minha afeição, porque, como já dissemos desde o início, o critério nos foi dado pelo Evangelho: "Onde está o teu tesouro ali está o teu coração. Onde está o teu coração ali está o teu tesouro". O que prevalece em nós como afeição? O que temos de mais querido? O que surpreendemos em nós como o que desejamos mais? É fácil reconhecer onde está o coração. Então, como eu dizia, a questão é quanto nós desejamos que Cristo se torne o essencial: basta desejá-lo!

Chegamos à outra pergunta. Julgar quer dizer fazer essa comparação entre tudo o que acontece na vida e essas exigências e evidências elementares a que chamamos de "coração". Mas quando esse juízo, essa comparação, se torna tão correspondente de modo a reconhecer que é aquilo que estou procurando? Quando uma pessoa encontra Cristo, porque nenhum outro corresponde ao nosso coração como Ele. E sei que encontrei Cristo, sei que Cristo domina em mim porque sou livre, porque estou contente. Não porque não falhe, não porque não erre mais, mas porque é uma Presença que domina a vida, e, portanto, posso olhar até meus erros sem ser definido por nenhum deles, porque a consistência está em um Outro, está numa relação: a minha consistência é um amor.

Prosperi: Outras duas perguntas ligadas.

"Você disse: a nossa companhia ou se torna experiência ou se torna perigosa. O que significa isso e por quê?".

"Como a vida em nossos grupos de Fraternidade pode ajudar a vencer a obviedade e a imaturidade?".

Carrón: Aquilo que Dom Giussani diz ao narrar aquele episódio de quando era jovem padre e confessor é muito ilustrativo daquilo a que se apegava desde o início, quando não havia ainda começado o Movimento, aos 23 anos. Ao invés de irem procurar outra pessoa que tinha muito mais "experiência", porque já tinha vivido mil coisas, vinham a ele que era um jovem padre. E qual era a diferença? Ele julgava. Por isso Dom Giussani buscou desde o início oferecer um método para julgar, porque sem juízo não há experiência, como dizíamos ontem. Mas nós temos muita dificuldade para entender isso. Exatamente por isso ele dizia que ou a nossa companhia se torna experiência, um lugar no qual constantemente somos convidados a fazer experiência, isto é, a julgar, ou a nossa companhia é "realmente perigosa". E também dá a explicação para isso: "Porque quem está aqui está como ovelha".[179] Se nós estamos aqui sem julgar, estamos como ovelhas. E isso é perigoso, porque hoje alguém fala algo aqui, amanhã fala algo lá, e somos levados de um lado pro outro! Quem quer que seja que fale, nós perdemos a nossa dignidade se não temos capacidade de juízo, se não assumirmos a responsabilidade de julgar. Giussani não entrou na escola para que os jovens tomassem como verdadeiro *a priori* o que ele dizia, mas para oferecer-lhes um método com o qual poderiam julgar tudo o que ele dizia. Por isso, uma companhia como a nossa é perigosa se não oferece um método com o qual julgar, se não estimula a nossa capacidade de juízo; se não nos educa para isso, perdemos pelo caminho o que é mais decisivo do carisma. Quem fala não importa, de todo modo seremos alienados. A companhia se torna um perigo e se torna inútil. O verdadeiro desafio que o Movimento tem pela frente (que cada um de nós tem no grupo de Fraternidade, na Escola de Comunidade, na vida juntos) é se gera pessoas que são capazes de julgar. Do contrário, estaremos sempre à mercê do último comentário, da última moda, da reação de um ou do outro: pensem em quantos somos! Ao invés, o juízo é o início da libertação, como é dito no primeiro capítulo de *O senso religioso*. Se quisermos ser livres entre nós e no mundo, nas circunstâncias em que estamos, devemos julgar ou estaremos sempre à mercê do último guru, quem quer que seja. Eu não quero seguir um guru, nenhum guru! Eu quero seguir aquilo que emerge constantemente da experiência, porque é aquilo pelo qual – se eu for leal, se for disponível à "submeter a razão à experiência" como dizia sempre Dom Giussani citando Guitton – , não posso jamais me enganar. Por isso, o grande desafio educativo para vocês, para mim, para os seus filhos

[179] Veja aqui, p. 64.

é se o Movimento se torna um lugar no qual a pessoa aprende a julgar, do contrário é inútil tudo aquilo que fazemos.

Prosperi: Concluímos com uma série de perguntas que passo a ler, porque são exemplos que nos permitem voltar à questão que você colocou ontem, sobre o princípio da nossa iniciativa sobre a realidade.

"Quando encontrei o Movimento, na década de 1970, participei de manifestações e me afeiçoei quando a minha fé se tornou pública. Agora, frente às provocações dos novos direitos e trabalhando numa escola, torna-se urgente, para mim, tomar uma posição. Eu tento uma resposta minha: essa é uma presença reativa? Como se entende que uma presença é original?".

Outra: "Sempre consideramos o fazer como uma verificação do nosso ser. Você diz que as pessoas ficam impressionadas com o nosso estado de vida, não com as nossas atividades. Então, o que são as nossas atividades? Que sentido têm, se o único critério de juízo do que somos é o nosso estado de vida? Você insistiu sobre o fazer, que na minha vida tem uma grande parte: trabalho, obras, CdO… O encontro com Cristo bota dentro de nós um fogo e a gente não pode deixar de operar. O fato de Cristo nos empurra a fazer. Sob certos aspectos, o fazer coincide com a missão, as obras. E, aliás, é fazendo que a gente entende mais o fato que aconteceu conosco. O eu se entende em ação, justamente fazendo. Por que, então, essa acepção do fazer que parece negativa?".

Por fim: "Eu não vejo um risco de ativismo no Movimento hoje; talvez até o oposto".

Carrón: Aqui todos "fazemos", como no Evangelho, todos fazem: os fariseus fazem, os discípulos fazem, Jesus faz, todos fazem. Mas Jesus diz: "Se a vossa justiça não for maior do que aquela dos escribas e fariseus [o vosso fazer não for diferente], não entrareis no reino dos céus".[180] Ou seja, aqui o problema não é contrapor o fazer ao não fazer, porque é impossível não fazer. O problema é entender qual é o fazer adequado às provocações, qual é o fazer que responde adequadamente à urgência do real.

O Evangelho – para nos colocar diante dos exemplos – é o "festival" da contraposição entre o fazer dos discípulos e o fazer de Jesus. E Jesus não queria que fizessem? Diante da provocação no horto das oliveiras, Pedro sente logo a vontade de fazer algo: puxa a espada e começa a cor-

[180] *Mt* 5,20.

tar a orelha! É um fazer. Então Jesus lhe disse: "Mas você está doido?! Não sabes de quantas fileiras de anjos meu Pai dispõe?".[181] Jesus é contra o fazer? Ou na reação de Jesus há um modo de fazer que nasce de uma percepção do desígnio de Deus que escapava completamente da compreensão dos discípulos?

Em outra ocasião, Jesus manda os discípulos em missão e eles voltam "eufóricos" pelo que tinham feito: "Vimos como o reino do diabo ruía diante dos nossos olhos". E Jesus diz a eles: "Mas é isso que vos alegra? Alegrai-vos sobretudo não com o que fizestes, mas porque vossos nomes estão escritos nos céus".[182]

E, ainda, a tentação que Jesus sofre no deserto é uma tentativa do diabo de levá-lo a "fazer" algo. Por que Ele recusa? "Faz com que essas pedras se tornem pão!".[183] Teria feito uma grande Ong, teria resolvido o problema da fome do mundo. Nem haveria necessidade do Banco de Alimentos. Não é que Jesus não faça, pensem em quando multiplica os pães. Jesus é contra o fazer? Talvez nós devamos dar algum "passinho" para entender qual é o fazer que nasce da consciência diferente de Jesus.

Paremos de dizer que "na minha opinião" seria preciso contrapor o fazer ao não fazer: "Carrón diz que não é preciso fazer". Deus é um grande trabalhador. Então, o fazer é parte do DNA do homem. O problema é se esse nosso fazer nasce da novidade cristã ou nasce de outro lugar. Eu nunca tinha pensado – me fizeram entender bem as passagens da nossa história que eu lembrei ontem – que, como disse Giussani, o "frenesi de fazer" destes anos nascesse de uma insegurança existencial, de um medo que nos levava a jogarmo-nos no fazer como muitas vezes nos dizemos também agora: "É preciso fazer alguma coisa", porque de outro modo o medo domina a todos.

Então, é preciso não fazer? Não. O problema é que se estou certo de que a minha segurança está em outro lugar, eu posso fazer de modo diferente. Por exemplo, o que é preciso fazer diante desses novos desafios dos novos direitos? Uma pessoa pode reagir reativamente, ou procurar entender qual é a provocação última, porque também as pessoas que buscam essas coisas as buscam por um desejo de realização, como aqueles de 1968 buscavam uma libertação. Se nós não captamos isso e não entendemos que a realização que lês procuram não a podem alcançar através daquela imagem reduzida que eles fazem dos próprios desejos-direitos,

[181] Cf. *Mt* 26,52-53; *Jo* 18,10.
[182] Cf. *Lc* 10,17-20.
[183] Cf. *Mt* 4,3.

será inútil qualquer discussão. Será uma contraposição que não deslocará ninguém, nem um pouco. O que poderá libertá-los? O que Jesus fez e faz? Desperta de tal modo o homem na sua consciência original que o coloca nas condições de reconhecer certas imagens dos direitos são absolutamente insuficientes justamente pela natureza do eu, pela natureza infinita do eu; e, só naquele momento, aqueles que reivindicam certos direitos não terão mais a urgência de vê-los reconhecido pela lei, porque percebem que, mesmo que consigam obtê-los são inúteis para responder a toda a dramaticidade do eu deles.

O que fazer diante dessas situações? A Rose, quando viu que as pessoas de quem ela cuidava tinham perdido a razão de viver, entendeu que a única coisa interessante a fazer por aquelas mulheres era o que nos disse Dom Giussani nesses dias: testemunhar que a vida não é um fazer, mas é um amor, é um ser amado, que a consistência do eu está num ser amado. O que há de mais interessante a fazer do que comunicar o cristianismo não reduzido a espiritualismo, não reduzido na sua dimensão histórica? O que foi mais incidente para aquelas mulheres? O que provocou mais aquele homem que não entendia por que ter um filho deficiente, a não ser um testemunho? O testemunho é um fazer que abrange tudo; não tem nada a ver com se isolar do mundo! Mas para fazer como Rose ou para fazer como a nossa amiga é preciso vivenciar outra coisa. Isso é público ou está fechado em uma caixa? Diante de todos, em qualquer foro? Todas as nossas obras ou são expressão disso, ou não servem como resposta às provocações.

Por isso, concluo dizendo que a coisa mais importante a fazer, a razão pela qual existe a Fraternidade é o Movimento. Essa é a "obra", mais do que qualquer outra obra. Porque a coisa mais decisiva para aquelas mulheres é que exista o Movimento em Uganda, que as pessoas possam tocar o manto de Cristo através de alguma das nossas presenças. Então a questão é gerar a comunidade cristã com todas as dimensões que eu lembrava ontem: cultura, caridade e missão, com uma modalidade nova, com uma inteligência nova do real, com uma inteligência da fé que se torna inteligência da realidade, com gestos de caridade, como dissemos na Jornada de Início do Ano, vivendo gestos de humanidade nova no presente, em cada ambiente onde estivermos, com um desejo de compartilhar aquilo que nos foi dado em todas as "periferias" – como o Papa Francisco nos convida a fazer – saindo no nosso cubículo.

Temos algo de mais interessante a fazer para responder aos desafios que se encontram à nossa frente?

Avisos

Fundo comum

Recordo o que eu disse em novembro de 2012: "Desde o início o Movimento vive exclusivamente graças aos sacrifícios econômicos das pessoas que a ele aderem. Quem pertence ao Movimento, compromete-se a entregar mensalmente uma cota em dinheiro, livremente estabelecida, o chamado 'fundo comum', que Dom Giussani sempre indicou como gesto educativo para uma concepção comunional de quanto se possui, para a consciência da pobreza como virtude evangélica e como gesto de gratidão por aquilo que se vive no Movimento. Precisamente pela razão educativa referida, não é relevante a quantia que cada um entrega, mas sim a seriedade com que se permanece fiel ao compromisso assumido. Para sustentar a vida das nossas comunidades na Itália e no mundo e as iniciativas caritativas, missionárias e culturais, o Movimento Comunhão e Libertação não precisa de nada mais [todos devem saber que nós não precisamos de nada mais!]; e por isso somos livres de tudo e de todos ao desenvolver o nosso dever como Movimento".[184]

Além disso, em outra ocasião tive a oportunidade de dizer que nós "obedecemos à modalidade com que o Mistério nos dá os recursos. Se temos bastante para fazer cinco, […] não façamos quatro-e-meio, façamos cinco. Mas se podemos fazer apenas três, façamos três", porque a nossa consistência não está naquilo que fazemos. Cada tentativa nossa é um exemplo. "Jesus não curou todos os doentes do seu tempo"[185] e nós não podemos responder a todas as necessidades. A nossa certeza não está em tudo quanto conseguimos fazer, mas numa presença que se manifesta através de um exemplo, não na nossa capacidade de vanglória em tudo o que fazemos.

O compromisso de sustentar o fundo comum da Fraternidade vem antes de qualquer outra atividade particular ou iniciativa − justamente pela razão citada, de que a construção do Movimento e da Fraternidade é a coisa mais decisiva que podemos pôr no real – em favor da própria comunidade, seja essa de tipo caritativa, missionária ou outro. O fundo comum da Fraternidade é para a construção da obra comum que é o Movimento.

---

[184] J. Carrón, "Com a audácia do realismo. Notas do diálogo na Assembleia-Geral da Companhia das Obras (CdO). Milão, 25 de novembro de 2012", *Passos-Litterae communionis*, fevereiro de 2013, p. 24.

[185] J. Carrón, "O diferencial de uma obra. Notas da Assembleia da 'Escola das Obras' para os associados da CdO Obras Sociais. Milão, 13 de junho de 2012", *Passos-Litterae communionis*, fevereiro de 2013, p. 28.

E isso, como nos foi ensinado, é muito mais para a glória de Deus do que apoio a qualquer outra iniciativa. Nenhuma obra nascida de pessoas do Movimento é comparável à obra que é o Movimento. A confusão sobre o fundo comum é uma consequência direta da falta de clareza sobre este ponto: que a primeira coisa "a fazer" é a comunidade cristã. Nenhuma outra obra é comparável a esta: a comunidade cristã enquanto tal. Nenhuma obra responde à necessidade do homem como a comunidade cristã. Esquecer isso nos deixa sem critério, à mercê do sentimentalismo. Cada um faça sua escolha.

Algumas cartas recebidas dão testemunho de como o compromisso pessoal com o fundo comum é de ajuda para o próprio caminho. "Ontem comecei a receber o seguro desemprego. Tinha de pagar o fundo comum. Tinha seis meses de atraso. Quis pagar". Por quê? Qual é a razão? "O conforto da minha família e da comunidade é extraordinário". A razão é a gratidão à história comum.

Outra jovem amiga escreve: "Queria comunicar-lhes que desde agosto comecei a trabalhar e desde outubro a receber o salário, por isso com alegria aumento a cota do fundo comum. Sou grata, com esse pequeno gesto, por poder reafirmar que pertenço a essa companhia em que há o Tu que me retribui continuamente a mim mesma". De novo, a razão é unicamente a gratidão àquele Tu que me restitui a mim mesmo. Por isso, não há outra coisa mais importante que podemos fazer do que construir a comunidade cristã. O fundo comum serve exclusivamente para construir essa comunidade.

Outra pessoa fala de entregar o fundo comum "pela gratidão por quanto recebo com a pertença ao Movimento". E mais outra: "Como o compromisso com a história do Movimento é para a minha vida uma questão importante e fundamental, procuro mantê-lo [o fundo comum] dentro das minhas possibilidades". A questão do fundo comum é "algo que vinha em primeiro lugar, antes de qualquer outra coisa".

Há quem tenha feito depósito extraordinário do décimo terceiro salário e quem decide pagar o fundo comum "grato pela superabundância de graça que a pertença ao Movimento produz e por isso a nossa vida é cada dia mais 'perturbada' pela novidade extraordinária da Sua presença". Dois esposos escrevem-nos: "Com infinito reconhecimento pelo caminho desses anos e pela companhia fiel à nossa vida"; e um outro fala de um "agradecimento a Cristo e à companhia que nos sustentou".

São expressões das razões últimas que levam as pessoas a pagar o fundo comum. Como veem, a questão não é de tipo econômico, mas uma vez mais o que é para nós o essencial, reconhecido na origem da atitude pessoal.

Vou comunicar-lhes agora os critérios com que utilizamos o fundo comum.

O critério fundamental que nos norteia é que "a obra" da Fraternidade é o Movimento como possibilidade de "testemunho e relato" a todos da positividade e da utilidade da fé para a vida. Nós não somos uma Ong dedicada a recolher fundos para distribuir.

Desde o princípio da nossa história o fundo comum tem sido empregado segundo estes critérios:

> para garantir o funcionamento dos instrumentos necessários à vida da Fraternidade (que hoje tem mais de 60.000 inscritos) e do Movimento (os funcionários da sede, os serviços, as viagens), cuidando porém de manter uma certa essencialidade;

> para sustentar as realidades que expressam as dimensões do Movimento (cultura, caridade, missão) com atenção ao que Deus faz acontecer diante dos nossos olhos;

> para sustentar a presença das comunidades do Movimento fora da Itália (está presente em cerca de 90 países), num contínuo diálogo com eles a fim de que, com o tempo, possam fazer frente diretamente às próprias necessidades.

> Uma preocupação a que sempre se prestou muita atenção é a de ajudar pessoas ou famílias necessitadas do Movimento, na Itália e no exterior, que se confrontam com situações de necessidade imprevistas (a morte de um cônjuge ou a perda temporária do emprego), cuidando que, se a necessidade se prolonga no tempo, se crie em torno delas uma rede de amizade que as ajude, em primeiro lugar, a avaliar a nova situação que se criou, e que depois as acompanhe eventualmente na reformulação das necessidades da própria família. Algumas vezes evidenciou-se que a verdadeira necessidade era propriamente esta companhia, mais do que a necessidade econômica a que a Fraternidade podia responder. Nós sempre levamos em consideração todos os pedidos que chegam a nós, examinando-os com muito realismo porque damos buscamos usar bem os fundos, o dinheiro do sacrifício de cada um. Assim, como podem compreender, não é qualquer desejo ou necessidade que pode ser acolhida.

> Há também o apoio a obras (caritativas ou culturais) consideradas significativas para um testemunho da riqueza do carisma, que num determinado momento histórico tiveram necessidade de ajuda.

Faço agora dois esclarecimentos:

> o primeiro: a ajuda que a Fraternidade pode dar não é nunca por tempo indeterminado. Os critérios que desde sempre se usaram, todos aprendidos do modo com que Dom Giussani ensinou a todos nós a con-

siderar o uso do dinheiro, foram favorecer a responsabilidade de quem é ajudado. A nossa ajuda nunca pretende ser um assistencialismo, porque em cada opção há sempre, acima de tudo, uma preocupação educativa: fazer surgir o sujeito;

> a segunda: a Fraternidade não é um banco! Por isso, não pode nem quer conceder empréstimos ou cobrir buracos de empresas ou de obras em dificuldade. Não podemos intervir em empresas que estão em processo de falência, mas se isso determina algumas necessidades econômicas às famílias, podemos ajudar as famílias.

Outras ajudas são dadas para o sustento dos sacerdotes comprometidos na vida do Movimento; para as necessidades da Igreja (óbolo ao Papa, ofertas a instituições religiosas, etc); para fazer frente a situações de emergência (por exemplo um terremoto).

Arquivo

Guardar a memória do que Deus faz acontecer entre nós parece um dever fundamental. Pensem que isso permitiu, antes de tudo, recuperar muitos textos de Dom Giussani (hoje colocados à disposição também no site *scritti.luigigiussani.org*), os três volumes do padre Massimo Camisasca sobre a história do Movimento e agora o livro de Alberto Savorana sobre a vida de Dom Giussani.

Além disso, com o pedido de abertura da causa de beatificação, cresceu a necessidade de recolher todo o material inédito que se possa encontrar, da sua correta conservação e da sua rigorosa catalogação.

Peço-lhes que reflitam bem, sobretudo as pessoas que têm certa idade e história no Movimento: pensem nos seus relacionamentos com Dom Giussani, em eventuais cartas ou bilhetes que receberam dele, em textos ou gravações que conservam no porão, esquecidos. Garanto que ainda há muito material por aí. Poder receber o original de cartas, bilhetes, etc, é muito importante para nós, por muitas razões, uma das quais é a sua conservação. Em todo caso, é suficiente fazer chegar ao arquivo uma cópia bem feita.

***

Termino lendo o telegrama enviado ao Papa Francisco:

"Santidade, sua saudação e sua bênção, a nós trazida pelo Cardeal Parolin, durante a celebração eucarística, encheram de alegria e gratidão os corações dos 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, e os milhares que assistiram por vídeo em 17 nações.

Esses dias foram marcados pelo seu apelo ao que é 'essencial, isto é, Jesus Cristo', que nos indica constantemente o método: 'Convictos, em virtude da própria experiência, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-Lo, que não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar às apalpadelas'.

A história de Dom Giussani nos chama ao fato de que a fé é reconhecer uma Presença pertinente às exigências da vida: crescer na familiaridade com Cristo nos permite viver hoje em todas as periferias da existência. João e André, Pedro, Zaqueu e a Samaritana, mostram-nos a estrada para a maturidade: 'Seguir Jesus nos faz conhecer Jesus' e nos faz ultrapassar aquela insegurança existencial que faz com que coloquemos a esperança no nosso fazer.

Perante o desafio das circunstâncias quotidianas, aprofundamos a consciência de que, para conhecer verdadeiramente Cristo, como Vossa Santidade disse, "não é suficiente o que estudamos no catecismo", mas "é necessário fazer o caminho que Pedro fez", determinados na corrida para alcançá-Lo.

Mais conscientes de que o Movimento caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo e que "a pessoa se descobre a si mesma num encontro vivo", entregamos em suas mãos, Santo Padre, todas as nossas pessoas e comunidades, com uma oração que é "mendicância, certa da misericordiosa resposta" (Dom Giussani).

Nestes dias de Exercícios, redescobrimos que "dar a razão da fé significa descrever cada vez mais, cada vez mais amplamente, cada vez mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja em sua autenticidade, da qual é sentinela o Papa de Roma" (Dom Giussani). Por isso, pedimos a Nossa Senhora que renove no senhor, ao amanhecer de cada dia, a experiência daquela filiação ao Pai, que se torna geradora de vida nova na alegria, como vemos acontecer através de cada gesto seu e de cada palavra sua".

SANTA MISSA

Leituras da Santa Missa: Ez 37,12-14; Sal 129 (130); Rm 8,8-11; Jo 11,1-45

HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI

Ouvimos no início dos Exercícios estas palavras: Cristo nos surpreende sempre com uma presença toda original: mostra a Sua divindade expandindo a nossa razão de forma desconcertante.[186]

É a experiência que estamos vivendo nestes Exercícios, que estamos aprendendo a reconhecer na nossa vida e na vida do Movimento. E, ao reconhecermos essa graça, somos chamados a considerar suas condições e circunstâncias, não excluindo de nossa parte um trabalho em que não faltam fadigas e questionamentos.

Mas não estamos sós. Aqui também experimentamos a graça do Senhor na companhia de duas discípulas de Cristo: Marta e Maria, as irmãs de Lázaro. O Evangelho de hoje nos mostra que esta possibilidade de redução da fé está presente também em pessoas sinceramente apegadas a Cristo, aliás, pessoas que faziam parte do círculo de Seus amigos mais íntimos. Uma redução que pode até ser pura reatividade – "Senhor, aquele que amas está doente: venha logo!"; que pode resumir-se na decepção resultante do fato que Cristo não parece dobrar-se à nossa vontade, àquilo que nós já decidimos – porque mesmo a cura de uma doença, mesmo a própria ressurreição de um morto há quatro dias não é *a* resposta: com efeito, Lázaro, depois, teve que morrer ainda…

A reação concorde de Marta e de Maria – "Senhor, se tivesses estado aqui…" – é uma reação de lamento e de decepção. Fica apenas um último ponto de fé, muito semelhante às palavras daquele pai que disse a Jesus: "Eu creio, mas ajuda-me na minha falta de fé" (*Mc* 9,24), quando Marta diz: "Mas mesmo assim, eu sei que o que pedires a Deus…". Que significa essa afirmação? Marta ainda não crê que Jesus possa ressuscitar seu irmão, porque logo em seguida diz: "Eu sei que ressuscitará, sim, mas no último dia". E, ainda, já chegados ao túmulo, porá uma objeção: "Mas, Senhor, está morto há quatro dias!". Além disso, Marta está convencida de que Jesus possa ainda, quiçá, encontrar um modo de consolá-la, como uma espécie de "plano B", um recurso, que atenue – mas sem tirá-la totalmente – uma possibilidade de lamento e de reivindicação.

Esta atitude nós também conhecemos bem: é um modo de viver o relacionamento com Cristo em que fica sempre alguma coisa não entregue

[186] Cf. Introdução, p. 10.

a Ele. Tal atitude não diz respeito em primeiro lugar à esfera moral, mas vai atingir a própria natureza do juízo e da experiência da fé que vivemos, já que – diante das decepções e das amarguras da vida – nos conduz até a construir e imaginar soluções improvisadas com as quais nós mesmos desejamos oferecer a Jesus uma "honrosa saída" da desilusão que Ele mesmo nos deu.

Eis aí descrita, nesta atitude, a enorme redução da fé: a que mais uma vez subordina tudo ao nosso juízo ainda enfermo, que parte de uma redução do desejo produzida em nós não só pelo poder, mas que nós mesmos favorecemos, tornando-nos prontíssimos a contentarmo-nos com receber de Cristo só um "prêmio de consolação", cujo maior lucro – e isso é absolutamente dramático, se e quando nos damos conta – está no fato que nós continuamos teimosamente a nos considerar, de fato, "credores" de Cristo, por tudo aquilo que Ele não pode ou não quer dar-nos.

Mas Cristo não tolera, não aceita esta redução. Percebemos isso pelo modo como insiste com Marta: "Seu irmão ressuscitará", isto é: não reduza o seu desejo, não perca o conteúdo da promessa da qual brota a fé. Saiba que a vida de seu irmão é preciosa aos olhos de Deus bem mais do que aos seus: você não tem a exclusividade do amor por ele!

O amor de Deus não admite ser reduzido a uma promessa longínqua no tempo, tão remota a ponto de conviver pacificamente com a redução da fé a "vaga consolação", que nutre depois cinismo e lamento.

O amor de Deus, o que doa a vida e a conserva, não é um conceito, mas uma Presença. E Jesus diz: "*Eu* sou a ressurreição *e* a vida"; isto é: a você, Marta, digo com essa afirmação que a minha presença não diz respeito só à ressurreição, e portanto a seu irmão morto, mas diz respeito à vida, logo diz respeito também a você, que tanto precisa de Mim para viver, quanto seu irmão para ressurgir.

A redução da fé a discurso ou a vaga consolação, com efeito, anda junto com a impossibilidade de conhecer de verdade o que é a vida, porque traz consigo a redução da vida àquilo que nós podemos imaginar, àquilo que podemos concluir apressadamente, sem um verdadeiro juízo sobre a nossa existência. Ao passo que a vida verdadeira é – simples e irredutivelmente – a de Cristo: uma vida na qual o homem é unido e como que compenetrado com o Divino, e, portanto, alcança a sua plena estatura graças à Presença d'Ele (cf. *Ef* 3,17-19).

"Aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais", diz Jesus a Marta. "Crês nisto?". Cristo faz lampejar aos olhos de Marta bem mais que a consolação pela morte do irmão. O que lhe oferece para experimentar é o cumprimento pleno de seu desejo de infinito. Mas isso está

necessariamente ligado à fé: fé não em uma verdade abstrata, não em uma doutrina impessoal, mas em uma pessoa, o próprio Cristo, que está na frente dela.

A resposta de Marta é semelhante à que deu Pedro à tríplice pergunta "Simão, filho de João, tu me amas?" (cf. *Jo* 21,15-17), porque também Marta não responde diretamente à pergunta de Cristo, mas confessa honestamente tudo quanto pode dizer dele: "Sim, Senhor, eu creio firmemente que Tu és o Cristo, o Filho de Deus, que devia vir ao mundo".

Então, como podemos afirmar – digo isso para nós –, como podemos afirmar e agarrar Cristo? Como podemos fazer uma real experiência da verdade, daquela verdade dita por Cristo ao afirmar: "Eu sou a ressurreição e a vida. Quem crê em mim, mesmo que morra, viverá. E todo aquele que vive e crê em Mim, não morrerá jamais"? Porque somente esta é a afirmação plenamente pertinente à nossa vida, enquanto é a afirmação de uma Sua objetiva presença na realidade.

Eu começo a fazer experiência desta presença objetiva por meio de um juízo novo, ou seja, quando reconheço esta objetividade de Sua presença como *mais verdadeira* até do meu pensamento e do meu juízo. Reconheço-a e desejo ser sempre mais fascinado e atraído por ela, fazendo dela a razão mesma do viver.

E esta objetividade da presença de Cristo, que para Marta estava ali na frente, para nós é dada na presença de um Sacrifício, o de Cristo na Eucaristia. E a única possível resposta nossa a este Sacrifício é aquilo que São Carlos Borromeu chamava "o sacrifício da vontade".[187] Só este sacrifício de nossa vontade nos coloca na posição mais correta para reconhecer de verdade a nossa história, para nos fundar sempre mais sobre a iniciativa de um Outro. Mas a palavra sacrifício tem um significado que tradicionalmente é explicado como *sacrum facĕre*, "tornar sagrado" algo.

---

[187] Cf. São Carlos Borromeu, *Preghiere*, Edições O.R., Milão 1984, pp. 20-21: "Arrependemo-nos, ó Senhor, de nosso modo de agir e desejamos repará-lo. Pedimos perdão a todos aqueles que ofendemos e até mesmo nos prostramos a seus pés para obtê-lo: e se alguém está injustamente zangado conosco, causando nossa indignação com palavras e ações, pelo teu amor, ó Senhor, nós sinceramente perdoamo-lo agora. Assim, reconciliados voltamos ao teu altar para apresentar-te a nossa oferta, *para imolar a Ti a nossa vontade, a coisa mais cara para nós, para sacrificar-te o nosso coração, a coisa que mais te agrada*. De teu trono sagrado, ó Senhor, digna-te aceitar o nosso sacrifício e olhar com olhos benevolentes e misericordiosos os nossos dons que, assim como eles são, devem ser para sempre coisas tuas. Queremos novamente doar-te tudo de nós mesmos, nós que somos obra de tuas mãos, e que em nenhum lugar, se não em tuas mãos, podemos encontrar maior segurança".

Então, sacrifício não é antes de tudo uma perda, mas tornar algo plenamente conforme a como Deus o quer. O sacrifício de nossa vontade, pois, não é anular a nossa vontade, mas torná-la assim como Deus a pensou. Não é uma perda, mas um ganho, aliás: é a condição necessária para recuperarmos nós mesmos. Não é um caso que este sacrifício da vontade seja renovado toda vez que estamos diante da Eucaristia, porque essa é a estabilidade de Cristo, esse é o seu ser Rocha para nós.

E a única atitude adequada em nós, que corresponde a isto – uma vez após a outra, circunstância após circunstância – é a entrega a Ele, a essa Sua presença objetiva e real, de nossa liberdade, sempre necessitada de ser não apenas curada, mas nutrida e robustecida para crescer e amadurecer até a estatura do homem perfeito, do homem em Cristo.

Corramos, pois, para alcançar Cristo: não como uma presença evanescente, mas como o fundamento do nosso existir. Corramos tensos para alcançá-Lo com todo o nosso ser, desejando que o amadurecimento da fé nos mostre sempre mais como é necessário para o nosso existir colocar a nossa total confiança na Sua presença, no Seu juízo, no Seu acontecer no real, mais que nas nossas ilusórias representações.

Somente assim teremos uma vida para testemunhar, por tê-la experimentada nós mesmos.

MENSAGENS RECEBIDAS

Caríssimos,

"*Correndo para alcançá-Lo*" (*Fil* 3,12) exprime inteiramente o dinamismo da vida cristã.

A imagem diz do amor por Cristo, capaz de orientar com decisão o nosso desejo. Contrariamente à mentalidade dominante que separa o amor do desejo e os opõe um ao outro numa exclusão recíproca, Jesus, o Eterno que entrou no tempo, compõe estes dois fatores. Isso suscita no cristão a capacidade do "para sempre" que não teme o sacrifício, que não opõe desejo e dever. Aliás, a corrida identifica aquela capacidade de distanciamento que torna possível alcançar no quotidiano Jesus, o Amado.

"Posse na distância", nos ensinou o Servo de Deus Mons. Luigi Giussani para nos falar da virgindade e da indissolubilidade do matrimônio, a fim de que o Reino de Deus se manifeste como inicial, mas real experiência na nossa vida e na vida da Igreja.

Pedindo a todos uma oração, asseguro a minha oração pessoal por estes Exercícios e vos abençoo de coração.

S.E.R. Cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão (Itália)

Caríssimo padre Julián,

Não podendo participar dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação, uno-me a todos vocês neste momento de graça em que o Senhor nos precede para que possamos escutar a voz do Espírito e assimilar o carisma de Dom Giussani para contagiar com a "alegria do Evangelho" os que nos estão próximos ou distantes.

Neste tempo de graça, marcado pelo pontificado do Papa Francisco e pela canonização de dois Sumos Pontífices que abalaram a vida da Igreja e nela promoveram uma profunda renovação, os Exercícios são a ocasião para retomar sempre de novo a centralidade da pessoa salva por Cristo e sustentada pela comunhão da Igreja para a libertação do mundo.

"Corro para alcançá-Lo": é o movimento do eu, conquistado por Cristo e decidido a proclamar o seu nome com o testemunho da missão nas nossas periferias. Vejo quanto isso é urgente na minha diocese de Taranto onde muitos esperam da Igreja uma luz e uma esperança verdadeiras na dura realidade marcada por vários conflitos. A experiência do Movimento me dá o coração para estar perto das pessoas como Dom

Giussani estava perto de nós com a afeição e com o juízo e como você nos aponta na condução do Movimento.

Padre Julián, aproveito a ocasião para lhe dar os parabéns pela reeleição como responsável da Fraternidade de Comunhão e Libertação e assegurar a minha oração por você e por todo o Movimento. Nos meus 27 anos de missão no Brasil e na América Latina, e nestes anos de serviço à Igreja na Itália, verifiquei a grande graça que é o carisma para o mundo no serviço à Igreja e especificamente ao Santo Padre.

A todos o meu abraço cordial e a bênção do Senhor.

S.E.R. Dom Filippo Santoro

Arcebispo Metropolita de Taranto (Itália)

Caríssimo padre Julián,

Com este telegrama participo tanto quanto posso no grande evento dos Exercícios Espirituais, para os quais faço votos de sucesso para a verdade da vida de fé das milhares de pessoas que neles participam.

Há muitos anos, li para Dom Giussani o trecho de um grande discurso de João Paulo II de 1980 que dizia: "…existe um verdadeiro desafio que a Igreja deve enfrentar, e um esforço gigantesco que deve realizar, e para o qual ela precisa da colaboração de todos os seus filhos: tornar a fé novamente cultura nos diversos espaços culturais do nosso tempo, reencarnar os valores do humanismo cristão".

Dom Giussani me disse: ajudemos esse grande homem, coloquemos todas as nossas energias, inteligência, coração, afeição para que este seu projeto possa se realizar.

Hoje, como então, a verdade da nossa experiência de fé, o calor da nossa caridade, e o ímpeto da nossa missão, são chamados a dar uma contribuição significativa à Igreja, que vive hoje um momento trágico e ao mesmo tempo exaltante.

Tenho no meu coração, como há mais de 50 anos, cada um de vocês.

A todos abençoo de coração.

S.E.R. Dom Luigi Negri

Arcebispo de Ferrara-Comacchio (Itália)

TELEGRAMAS ENVIADOS

Sua Santidade Francisco

Santidade, sua saudação e sua bênção, a nós trazida pelo Cardeal Parolin, durante a celebração eucarística, encheram de alegria e gratidão os corações dos 24.000 membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini para os anuais Exercícios Espirituais, e os milhares que assistiram por vídeo em 17 nações.

Esses dias foram marcados pelo seu apelo ao que é "essencial, isto é, Jesus Cristo", que nos indica constantemente o método: "Convictos, em virtude da própria experiência, de que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-Lo, que não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar às apalpadelas".

A história de Dom Giussani nos chama ao fato de que a fé é reconhecer uma Presença pertinente às exigências da vida: crescer na familiaridade com Cristo nos permite viver hoje em todas as periferias da existência. João e André, Pedro, Zaqueu e a Samaritana, mostram-nos a estrada para a maturidade: "Seguir Jesus nos faz conhecer Jesus" e nos faz ultrapassar aquela insegurança existencial que faz com que coloquemos a esperança no nosso fazer.

Perante o desafio das circunstâncias quotidianas, aprofundamos a consciência de que, para conhecer verdadeiramente Cristo, como Vossa Santidade disse, "não é suficiente o que estudamos no catecismo", mas "é necessário fazer o caminho que Pedro fez", determinados na corrida para alcançá-Lo.

Mais conscientes de que o Movimento caminha exclusivamente por força da afeição a Cristo e que "a pessoa se descobre a si mesma num encontro vivo", entregamos em suas mãos, Santo Padre, todas as nossas pessoas e comunidades, com uma oração que é "mendicância, certa da misericordiosa resposta" (Dom Giussani).

Nestes dias de Exercícios, redescobrimos que "dar a razão da fé significa descrever cada vez mais, cada vez mais amplamente, cada vez mais densamente, os efeitos da presença de Cristo na vida da Igreja em sua autenticidade, da qual é sentinela o Papa de Roma" (Dom Giussani). Por isso, pedimos a Nossa Senhora que renove no senhor, ao amanhecer de cada dia, a experiência daquela filiação ao Pai, que se torna geradora de vida nova na alegria, como vemos acontecer através de cada gesto seu e de cada palavra sua.

padre Julián Carrón

Sua Santidade o Papa emérito Bento XVI

Santo Padre,

De Rimini, onde celebramos os Exercícios da Fraternidade de Comunhão e Libertação, queremos lhe dizer que rezamos pelo senhor, agradecidos a Deus porque o sentimos como testemunha confiável da frase de São Paulo que dá o título ao nosso encontro: "Correndo para alcançá-Lo".

Nossa Senhora torne cada dia mais feliz o seu caminho de homem conquistado por Cristo. Lembre-se de nós na sua oração, pedindo a santidade para cada um de nós na fidelidade ao carisma de Dom Giussani e seguindo o Papa Francisco no caminho para o Destino.

padre Julián Carrón

S.E.R. Cardeal Angelo Bagnasco
Presidente da Conferência Episcopal Italiana

Eminência caríssima,

Vinte e quatro mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini – e milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações – com a vontade de seguir o Papa Francisco que nos conduz a conhecer Jesus, regressamos às nossas casas com o desejo de tornar visível o essencial, que é Jesus Cristo, o único que "responde ao anseio de infinito que há em cada coração humano" (*Evangelii Gaudium*).

padre Julián Carrón

S.E.R. cardeal Stanisław Ryłko
Presidente do Pontifício Conselho para os Leigos

Eminência caríssima,

Vinte e quatro mil membros da Fraternidade de Comunhão e Libertação reunidos em Rimini – e milhares de outros ligados por videoconferência em 17 nações – confirmam o compromisso de seguir Cristo vivendo "a experiência pessoal, constantemente renovada, de saborear a Sua amizade e a Sua mensagem" (*Evangelii Gaudium*). A fidelidade ao carisma de Dom Giussani e ao Papa Francisco nos sustentam na tentativa de tornar visível o essencial, que é Cristo, que sustenta o esforço quotidiano do viver.

padre Julián Carrón

S.E.R. Cardeal Angelo Scola
Arcebispo de Milão

Caríssimo Angelo,
Obrigado pela sua mensagem. Nestes dias de Exercícios Espirituais fizemos de novo a experiência de que "não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não conhecê-lo" (*Evangelii Gaudium*). Embora na fragilidade, estamos determinados na corrida para alcançá-Lo. Roga a Nossa Senhora de Caravaggio que mantenha cada um de nós na fidelidade ao carisma de Dom Giussani no seguimento do Papa Francisco, a fim de que a nossa existência seja sempre mais "testemunho e relato" a todos daquilo que é essencial, ou seja, Cristo, vida da nossa vida.
padre Julián Carrón

S.E.R. Dom Filippo Santoro
Arcebispo de Taranto

Caríssimo Filippo,
Agradecemos por tudo quanto nos escreveu. No decorrer dos Exercícios Espirituais fizemos memória do carisma na nossa vida, na fidelidade da qual procuramos aquela personalização da fé a que nos convida o Papa Francisco, para sermos como ele determinados na corrida para alcançá-Lo e, assim, nos tornarmos companheiros no caminho rumo ao destino pelos nossos irmãos homens.
padre Julián Carrón

S.E.R. Mons. Luigi Negri
Arcebispo de Ferrara-Comacchio

Caríssimo Luigi,
Estamos muito agradecidos pela sua mensagem, que teve acolhimento nestes Exercícios no desejo de fazer nosso o convite de Dom Giussani a personalizar a fé até o nível em que se torna juízo sistemático e crítico sobre a realidade, para responder ao apelo missionário do Papa Francisco testemunhando "o essencial", que é Jesus Cristo.
padre Julián Carrón

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA

Organização de Sandro Chierici

(Guia para a leitura das imagens retiradas da História da Arte que acompanhavam a audição dos trechos de música clássica durante a entrada e a saída do salão)

As imagens pertencem ao ciclo de afrescos realizados por Giotto entre 1303 e 1305 na Capela Scrovegni (Santa Maria da Caridade), em Pádua (Itália). Através da frequente referência ao olhar dos personagens, fio condutor de toda sua narração pictórica, Giotto convida cada um de nós a cruzar o próprio olhar com o de Cristo para aprender a olhar a realidade como Ele nos olha.

1	A abóbada, detalhe das estrelas
2	Inteiro da abóbada com os medalhões com Cristo (Sol), Maria (Lua) e oito profetas (planetas)
3	Medalhão com Cristo bendizente
4	Medalhão com Maria e o Menino
5	Arco sobre o altar: anjo anunciante
6	Arco sobre o altar: Maria recebe o anúncio
7-8	A visitação, inteiro e detalhe
9-10	O nascimento, inteiro e detalhe
11-12	A adoração dos Magos, inteiro e detalhe
13-14	A apresentação no templo, inteiro e detalhe
15-16	A fuga para o Egito, inteiro e detalhe
17-19	A matança dos inocentes, inteiro e detalhe
20	Jesus entre os Doutores do Templo
21-22	O batismo de Jesus no Jordão, inteiro e detalhe
23-24	As bodas de Caná, inteiro e detalhe
25-27	A ressurreição de Lázaro, inteiro e detalhes
28-29	A entrada em Jerusalém, inteiro e detalhe
30	A expulsão dos mercadores do Templo
31	A traição de Judas
32-33	A Última Ceia, inteiro e detalhe
34-36	O lava-pés, inteiro e detalhes
37-38	O beijo de Judas, inteiro e detalhe
39	Jesus diante de Caifás
40	Cristo escarnecido
41	A saída para o Calvário

42 A crucifixão
43-44 O lamento sobre o corpo de Cristo, inteiro e detalhe
45-46 *Noli me tangere*, inteiro e detalhe
47-48 A Ascensão, inteiro e detalhe
49-50 O Pentecostes, inteiro e detalhe
51 O Juízo Universal, inteiro
52 O Juízo Universal, detalhe: Cristo juiz
53 O Juízo Universal, detalhe: apóstolos nos tronos
54-55 O Juízo Universal, detalhes: anjos
56 O Juízo Universal, detalhe: anjo arrastando o céu
57 O juízo Universal, detalhe: o inferno
58-59 O Juízo Universal, detalhes: os eleitos
60 Enrico Scrovegni dedica a Capela a Maria
61 A floração do cepo, detalhe
62 O arco do triunfo sobre a ábside: Cristo no trono entre os anjos
63 O arco do triunfo sobre a ábside, detalhe: Cristo no trono

Índice

Sexta-feira, 4 de abril, noite

INTRODUÇÃO 4
SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE STEFANO ALBERTO* 14

Sábado, 5 de abril, manhã

PRIMEIRA MEDITAÇÃO – ***O essencial para viver*** 15

Sábado, 5 de abril, tarde

SEGUNDA MEDITAÇÃO – ***O caminho da maturidade*** 45

SANTA MISSA – *HOMILIA DE S.E.R. CARDEAL PIETRO PAROLIN SECRETÁRIO DE ESTADO DO VATICANO* 73

Domingo, 6 de abril, manhã

ASSEMBLEIA 80

SANTA MISSA – *HOMILIA DO PADRE FRANCESCO BRASCHI* 101

MENSAGENS RECEBIDAS 105

TELEGRAMAS ENVIADOS 107

A ARTE NA NOSSA COMPANHIA 110

© 2014 Sociedade Litterae Communionis

Av. Nossa Senhora de Copacabana 420 / Sbl. 208 - Rio de Janeiro
www.passos-cl.com.br / passos@cl.org.br
Diretora responsável: Isabella Santana Alberto (MTB 56.802)
Diagramação: Ultreya, Milão

© 2014 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón